

INVESTIGAÇÕES DE ASSASSINATO DE ALEX WARREN, LIVRO 1

LUCRO DE MATAR



ZACH ABRAMS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Lucro de Matar

Zach Abrams

Traduzido por Pedro Henrique Leal

“Lucro de Matar”

Escrito por Zach Abrams

Copyright © 2017 Zach Abrams

Todos os direitos reservados

Distribuído por Babelcube, Inc.

www.babelcube.com

Traduzido por Pedro Henrique Leal

Design da capa © 2017 The Cover Collection

“Babelcube Books” e “Babelcube” são marcas comerciais da Babelcube Inc.

Índice Analítico

[Página do Título](#)

[Página dos Direitos Autorais](#)

[Lucro de Matar](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

À minha esposa e aos meus filhos que me deram apoio e suporte moral

Capítulo 1

Após uma manhã bem comum, o dia de Alex Warren deu uma guinada para o pior. Ele não estava feliz.

A visão doentia do cadáver jazia à sua frente. Era uma massa de sangue e vísceras. Uma vibrante poça vermelha cercava a ferida que era contornada por carne rasgada e pontuada por coágulos escuros. O olhar horrorizado e arregalado da vítima exarcebava a intensa feiura da cena. Abalado com o cheiro de sangue, Warren se sentiu nauseado imaginando que podia sentir o aroma metálico em sua boca e, com grande relutância, deu outra olhada no corpo antes de exalar ruidosamente. Mesmo enquanto afastava o olhar, tudo parecia imerso em uma névoa vermelha. Estava confuso. Não podia haver dúvida sobre como Stevenson tinha sido assassinado e Warren tinha fortes suspeitas quanto aos motivos do assassino. Não estava surpreso por alguém tê-lo matado mas sim por não ter acontecido antes. O que mais deixava Warren perplexo era pensar em todos os candidatos possíveis para o crime.

O normalmente imponente corpo musculoso do ISC Alex Warren estava cansado e seus ombros estavam caídos. Seus cabelos negros pareciam ralos e a pele barbeada de sua face normalmente dura e angular estava flácida. Ao invés de seu costumeiro tom saudável, sua pele se aproximava mais do tom branco do macacão protetor que vestia. Normalmente portava bem sua idade e a maioria das pessoas, à primeira vista, imaginava que ele estivesse em seus trinta-e-poucos, mas hoje ele aparentava ter cada um de seus 41 anos. Somente seus intensos olhos verdes demonstravam sua habitual acuidade. Estava infeliz por ser o pobre coitado designado como oficial sênior de investigação neste caso e de ter a tarefa de encontrar o assassino de Stevenson. Era muito incomum para ele não estar com ânimo para resolver um crime. Seu problema fundamental era que estava feliz em ver Scott Stevenson morto. Não conseguia ver a pessoa que terminou sua vida como um criminoso, pensava nela mais como um herói. Mas ainda assim, foi dada a ele a tarefa de encontrar o assassino para que a justiça pudesse ser feita. Que espécie de justiça era essa?

Alex Warren estava muito bem familiarizado com Scott Stevenson. Havia investigado incontáveis queixas de como ele havia assaltado e dado golpes em pessoas e, particularmente, denúncias de como ele se aproveitava de idosos em golpes que os privavam de suas poupanças, seus bens de valor ou as heranças que haviam reservado para seus descendentes. Pelo menos três dos pobres coitados dos quais Warren sabia tinham ficado doentes e falecido como resultado direto do sofrimento que Stevenson lhes causara.

Embora não pudesse nunca expressar sua opinião, Warren era do campo que achava que Stevenson merecia morrer. Ele achava que a antiguidade de marfim entalhado de 45 centímetros fincada em sua barriga era um fim apropriado. A peça era um crescente, presumivelmente terminando em uma ponta afiada, e parecia ter sido delicadamente esculpida a partir de um pedaço de uma presa de elefante. Warren sorriu diante do que via como uma declaração irônica. Diz-se que um elefante nunca se esquece e, claramente, havia mais alguém que não estava preparado para esquecer ou deixar de lado os feitos hediondos de Stevenson. Além disso, Stevenson tinha uma reputação por transações espúrias envolvendo antiguidades. Sim, usar uma antiguidade esculpida de uma presa de elefante para encerrar a vida de Stevenson era muito apropriado.

Scott Stevenson não tinha nada que o redimisse. Tinha 1,60m de altura e sua circunferência não era muito menor. Seu corpo obeso culminava em uma cabeça redonda e esférica, com óculos de aro grosso e preto que só serviam para dar ênfase para os seus pequenos olhos de porco, acompanhados por um nariz

igualmente suíno e grandes orelhas pontudas que dariam orgulho a um Vulcano. Apesar disso tudo, era vaidoso e certa vez ficou lisonjeado quando uma parceira noturna e paga alegou que ele tinha o corpo de um Deus, não entendendo bem o senso de humor dela, sem ver que ela estava pensando em Buddha. Sua aparência era só o começo, pois era seu caráter que era mais repulsivo. Ao longo dos anos, ele desenvolveu sua estratégia desprezível; obtia o afeto de proprietários idosos, em particular de velhinhas. Mirava nas pobres almas desesperadas por companhia e alguém para conversar, o que lhe dava a oportunidade para ganhar acesso às suas casas. Mesmo quando não lhe davam informação prontamente, assim que permitiam que entrasse em suas casas, ele era rapidamente capaz de identificar qualquer coisa de valor. Em sua juventude, ele mirava primariamente no dinheiro, abusando de sua posição de confiança e convencendo-os a fazer investimentos furados. Os persuadia explicando o quão fácil seria para eles enriquecerem suas vidas ou as de seus filhos. No seu tempo, vendera apólices de seguro de vida antes que fossem regulamentadas e aí passou por um sortimento de planos estranhos e supostamente lucrativos, que iam de propriedades no exterior a avestruzes. Em anos recentes, tinha se concentrado mais em privá-los do valor de suas antiguidades e seus colecionáveis. Os convencia de que estava fazendo-lhes um favor ao tirar suas relíquias de suas mãos, mas o fazia por uma fração de seu real valor. Aí tirava um lucro de matar vendendo-as por seu valor completo. Infelizmente, era difícil - para não dizer impossível - provar que um crime havia ocorrido pois Stevenson era cuidadoso e tomava medidas para ter toda a papelada que precisava para justificar e sustentar suas transações.

Nos últimos anos, inúmeros queixosos vieram a polícia e cada um deles, assim como cada membro de suas famílias, era um suspeito em potencial para o assassinato, isso sem mencionar o que havia de ser uma multidão de outras vítimas anônimas que ficaram envergonhadas demais para prestar uma queixa formal.

Warren estava enojado com o que viria adiante. Para investigar a morte adequadamente, ele teria que interrogar as vítimas dos golpes de Stevenson e, pior ainda, forçá-las a reviver o trauma pelo qual passaram. Já não tinham sofrido o bastante?

Quando foi designado ao caso, Warren cogitou suas opções. Ele queria recusar, mas sem uma justificativa legítima, isso provavelmente sabotaria suas chances de ser promovido. Sua desculpa mais convincente era devido aos seus encontros prévios a nível pessoal. 18 meses antes, não muito antes do colapso final de seu casamento e não completamente desassociado deste, a tia idosa de sua esposa Helen foi vítima dos encantos de Stevenson. Motivado pela insistência de sua esposa, Warren teve de usar todos os seus poderes de persuasão para recuperar os objetos de valor dela, fazendo um uso não tão metafórico de chaves de braço e algumas táticas que não são mais aceitáveis para o trabalho policial moderno. Nenhuma ocorrência foi registrada e nem poderia ter sido, e Alex não poderia usar seu envolvimento prévio com a vítima como motivo para não se envolver agora. Poderia ter fingido estar doente e tirado tempo de licença, só pelo período que precisasse para que alguém pegasse o caso. Isso seria manipular o sistema e, embora não estivesse nem perto das transgressões de Stevenson, em sua mente o colocava na mesma categoria. A hipocrisia potencial não passou despercebida. Não, simplesmente não era uma opção aceitável. Decidiu que simplesmente teria que aceitar e esperar que as habilidades de sua equipe bastassem para resolver o crime e o fizessem rápido o suficiente para evitar mais estragos.

Dando uma volta pela loja de Stevenson, Warren estudou a cena. O empório tinha um tamanho modesto, cerca de 500 metros quadrados. Tinha pequenas partições para escritório, cozinha e banheiro, mas a maior parte dele era um espaço aberto, artisticamente preenchido com mobília, porcelana e uma mistura eclética de itens de colecionador. Sob o fedor da morte, o ar era farto com o aroma de óleo de teca e verniz, que tinham sido usados para embelezar os móveis marrons. Rentes a uma parede distante estava uma fileira de armários com portas de vidro contendo valiosas jóias de segunda mão e uma miscelânea de artefatos em ouro e prata. Nada havia sido mexido e, como o cofre do escritório e a caixa

registradora também pareciam intactos, ficava claro que era improvável que a causa da morte fosse um assalto que deu errado.

Warren olhou novamente para o cadáver. Stevenson estava meio sentado e meio estirado sobre um divã. Uma perna estava esticada enquanto a outra estava dobrada, com o pé no chão. Sua boca estava aberta e seus olhos arregalados, mas o que mais chamava a atenção era a lasca de marfim saltando do seu abdômen e a grande mancha vermelha que cobria seu blazer azul e sua camisa antes vermelha. Olhando mais perto, Warren podia ver que o sangue tinha se espalhado pelo tecido brocado que cobria o acento de época. A julgar pelo aroma que emanava dessa parte do aposento, Stevenson evacuara suas entranhas ao morrer e Warren achava muito improvável que o divã atraísse clientes dispostos a pagar qualquer coisa que se aproximasse de seu preço de três mil libras.

“Melhor nos dar um pouco de espaço, senhor”, Connor chamou. “Não é um desafio muito grande determinar a causa mortis”, ele adicionou com um risinho. “Mas nunca se sabe o que vai se achar.”

Warren rapidamente se afastou. Tinha tempo de sobra para sua equipe forense e, particularmente, respeitava Connor imensamente. Connor tinha sido a chave para a solução de vários casos e em numerosos outros, providenciara as evidências que se mostraram cruciais para garantir uma condenação. Se afastando e usufruindo do ponto de vantagem providenciado por seus 1,90m, Warren observou o corre-corre dos diminutos especialistas diante dele. Houve um furor de atividade conforme eles rápida mas cuidadosamente identificavam, fotografavam, etiquetavam e ensacavam qualquer coisa que parecesse suspeita ou fora de lugar. Nenhum deles tinha mais de 1,65m e, trajados como estavam em suas túnicas protetoras e capas brancas nos pés, não conseguia diferenciá-los uns dos outros sem que falassem. Os lembrava dos “Umpa-Lumpas” de A Fantástica Fábrica de Chocolates.

“Ok, tá bom, é seu território. Vou deixar tudo isso contigo e seus técnicos, por ora.”

“Esse é um belo entalhe. Olha o quão bem feito ele é.”

“Está falando da presa ou do tronco dele?”

“Eu estava pensando no marfim. Mas agora que falou, o outro talho também foi muito bem feito. Eu tenho um certo interesse por antiguidades e velhas esculturas de marfim podem ser muito valiosas. Tem um monte de coisas novas por aí em que o animal foi caçado ilegalmente, mas essa parece ser uma peça antiga e, se for e tiver história, vai ser bem procurada. Pode valer a pena dar uma checada se há algum significado por trás da escolha de arma.”

“Bem notado. Vou dar uma olhada nisso. Quanto tempo acha que vai precisar? Eu quero voltar para checar o sistema de segurança e dar uma olhada nos registros para ver se nos dizem quem ele poderia ter irritado.”

“Nos dê umas duas horas, três no máximo. Aí é tudo seu. Mas leve em conta, ainda teremos que esperar a chegada do Examinador Médico antes de levar o corpo para o necrotério. Não sei o que foi que aconteceu, pois o velho Duffie é normalmente bem mais presente que isso. Se estiver tudo bem, deve receber meu relatório preliminar pela manhã.”

“Estou ansioso por isso”, Warren respondeu, caminhando em direção à porta da frente. Ele começou a retirar seu equipamento de proteção enquanto passava pelo vão e ficou aliviado em arfar ante ao ar limpo e gélido, libertando seus pulmões dos persistentes odores da morte e do lustra-móveis.

A loja ficava em uma estreita rua lateral alguns metros de distância da Great Western Road, na região de Kelvinbridge na elegante zona Oeste de Glasgow. Como era típico para uma tarde de novembro, o céu estava cinzento com um sol desbotado ocasionalmente se esgueirando por trás da preponderância das nuvens carregadas. A calçada larga ainda estava molhada e escorregadia, carregando os resquícios da chuva de granizo de manhã cedo, e Alex cambaleava enquanto lutava para ficar de pé e retirar a capa de seus sapatos.

“Calma aí, chefe”, disse a sargento Sandra McKinnon. Estava o seguindo e automaticamente ofereceu uma mão para apoiá-lo. Lutando para não cair, Warren precariamente cobria a forma delicada dela.

Embora fosse proficiente em artes marciais e fosse capaz de manter o passo sobre uma corda bamba, não havia como a bela e pequena forma de Sandra sustentar os 89 quilos de Warren. Incorporando alguns passos de dança que nunca foram tentados em ‘Dança com as Estrelas’, ele foi capaz de recuperar seu equilíbrio sem levar os dois para o chão. Sorrindo envergonhado, ele os guiou para o Mondeo dela, para usá-lo como um centro de comando improvisado, deixando para trás dois policiais uniformizados que estavam rindo de seu ato de equilibrismo.

Tentando recuperar o controle da situação ao criticar outra pessoa, Warren se virou contra ela.

“Mas que estado deplorável o desse carro. Quando foi a última vez que você limpou ele?” ele exclamou, abrindo caminho em meio a papéis de bala e latas de refrigerante para abrir um espaço limpo para sentar.

“Desculpa, chefe. É que desde que eu parei de fumar, eu passei a comer para compensar. Eu planejo tirar todo o lixo no fim de semana.”

“Vou acreditar nisso só vendo. De qualquer maneira, vamos aos negócios. Você foi a primeira a chegar. Me conte tudo que descobriu.”

“Ok. Como sabe, fomos informados por uma ligação para o ‘999’, feita por Stuart Findlay, um rapaz que trabalha na loja. Ele tinha saído para almoçar, saiu às 1h15 e voltou pouco depois das duas, encontrando a porta trancada. Ele tinha a chave e entrou, aí encontrou Stevenson morto no sofá. Ele diz que nunca tocou em nada. Só foi direto pro escritório, deu o telefonema e aí esperou do lado de fora. Uma viatura foi a primeira a chegar. Jarvis e Campbell falaram com ele. Disseram que ele estava parado na rua, tremendo. Não sabiam se era nervosismo ou frio. Inspeccionaram o local, nada parecia fora de ordem, salvo pelo corpo, é claro. Registraram um depoimento breve e ligaram para a cavalaria. Esperaram aqui com ele até eu chegar com McAvoy e então levaram ele para Dumbarton Road. Ainda estará lá se quiser interrogá-lo enquanto está tudo fresquinho na mente dele.”

“Está bem, eu gostaria de fazer isso. Enquanto isso, vamos pensar direito nisso. Se Findlay está contando a verdade, temos uma janela de oportunidade bem pequena, menor do que a que a equipe forense deve nos dar. A julgar pelo corpo e a arma, não foi nada premeditado. Parece mais um ato impulsivo ou movido por raiva. Isso torna tudo mais difícil para nós. Tem muito sangue, então quem quer que tenha feito isso provavelmente ficou coberto em um bocado. Queremos fazer perguntas o mais cedo possível. Pode obter cópias das gravações de todas as câmeras de circuito fechado na região? Vai levar um tempão para verificar, particularmente por não sabermos pelo que procurar, mas vai nos dar um começo. Se tivermos sorte, a fita de segurança da loja vai nos dar a resposta ou, se falhar nisso, o trabalho forense vai nos dar uma ajuda. Do contrário, estaremos a procura de uma agulha em palheiro. Também vamos ter que ir de porta em porta. Ver se alguém viu ou ouviu algo suspeito, alguém coberto de sangue, por exemplo. Eu não tenho muita esperança disso, essa área é habitada primariamente por estudantes e não tem muitos por aí no meio da tarde, mas vamos pensar positivo. Uma caravana de incidente está a caminho e nós podemos usá-la como base. Informe à imprensa que houve um incidente grave, mas que não daremos mais informações até que os familiares tenham sido informados. Estou lhe deixando no comando. Prepare tudo enquanto eu vou para a delegacia e vejo o que mais podemos tirar do Findlay.”

Alex esticou a mão e deu uma apertada carinhosa no braço de Sandra antes de sair do carro. Ainda havia química entre os dois, embora nenhum deles tivesse deixado ela se desenvolver. Desde que Sandra se juntara a unidade de Alex, dois anos atrás, eles compartilhavam de um gracejo amigável e frequentemente sugestivo. Ano passado, bem na época em que Alex se separara de Helen, quando ele estava se mudando da casa de família, quase aconteceu. Trocaram um beijo apaixonado e uns amassos na porta dos fundos de um pub antes que Alex se afastasse, percebendo que sua vida já era confusa o bastante sem ter que se preocupar com a complexidade de um relacionamento no trabalho.

Sandra continuava atraída por Alex, mas não estava chateada com a rejeição. Era uma garota inteligente e tinha entrado para a polícia através de um programa de recrutamento de graduados. Embora fosse baixa, era forte e atlética, com uma silhueta atraente. Tinha cabelos negros como o breu em um corte chanel até a altura mandíbula, emoldurando um rosto bonito de pele levemente bronzeada e imaculada, com feições delicadas e fofas. Embora tivesse agora 29 anos e uma renda boa e estável, ela vivia com os pais em Bishopbriggs. Como era esperta, atraente e moderadamente rica, não lhe faltavam admiradores.

Alex pensou na equipe com a qual contava para começar a investigação. Sandra era uma dentre dois sargentos disponíveis e era sua braço-direito natural. Era esperta e ambiciosa e Alex se sentia seguro em deixar ela cuidando de qualquer coisa, pois ela aplicaria a mesma inteligência e rigor que ele próprio. Seu outro sargento era Sanjay Guptar e, embora Alex confiasse igualmente em sua dedicação, sentia que faltava em Sanjay aquela veia intuitiva e ele carecia de experiência como detetive. De qualquer maneira, estava certo de que Sanjay daria um apoio sólido. Para suplementar, sua primeira escolha seria o Detetive Phillip Morrion, mas como Phil ainda estava em suas férias anuais, ele não poderia levá-lo às águas até a próxima segunda. Enquanto isso, contava com o oficial Donald McAvoy. McAvoy tinha acumulado 25 anos de serviço, a maior parte no Departamento de Investigação Criminal. Estava no crepúsculo de sua carreira, marcando o tempo que faltava em seu caminho para a aposentadoria. Representava tudo de melhor e de pior na força policial de antigamente. Era corajoso, honesto e determinado, mas suas aptidões favoreciam o músculo no lugar do cérebro. Nunca tinha aceitado completamente o politicamente correto e, embora não fosse exarcebadamente racista ou misógino, tinha que se esforçar para aceitar a ideia de ter um asiático e uma mulher supervisionando seu trabalho. Embora fosse receoso quanto aos valores de Donny, Alex o tratava como um valioso soldado raso, contanto que fosse supervisionado efetivamente. Alex sabia que, sempre que fosse necessário, também teria acesso a vários outros oficiais menos experientes, tanto do DIC quanto de divisões uniformizadas.

Capítulo 2

Alex seguiu para o seu próprio carro, um Hyundai Santa Fé de quatro anos que ele obsessivamente mantinha em condições excelentes e polia até quase arrancar a tinta. Ele chamou o Detetive Donald McAvoy. McAvoy arrastou os pés no caminho para o carro, já que não queria incitar a ira do seu chefe, e cuidadosamente bateu qualquer traço de neve e lama de seus sapatos antes de embarcar no SUV.

A viagem era curta, mas o trânsito na Byers Road era pesado. A via era larga e cercada por lojas, cafés e bares, a maioria deles com apartamentos alugados no andar de cima. A área toda tinha um toque cosmopolita, com restaurantes que ofereciam uma gama de sabores de uma multitude de países europeus e asiáticos e isso era consumido por um grupo igualmente variado de clientes. A maior parte das propriedades pelas quais passaram na Byers Road e nas vias adjacentes era bem iluminada e bem mantida. Algumas eram construções recentes enquanto outras pareciam ter séculos de idade. Escassamente distribuídos estavam prédios deteriorados, alguns à beira de desmoronar. O efeito geral era estranho. As calçadas estavam repletas de consumidores e estudantes circulando e entrando e saindo das lojas. Tiveram que seguir em ritmo de lesma. Frequentemente, pedestres se espremiavam entre os carros parados ou lentos e a viagem parecia levar uma eternidade. Só o engarrafamento na University Avenue lhes comeu quase meia hora. Assim que chegaram, se organizaram para falar de imediato com Findlay.

Alex entrou na sala de interrogatório e McAvoy o seguiu enquanto ligava o equipamento de gravação, tomando nota do horário e dos presentes.

A sala era pequena, cerca de 2 metros quadrados e meio. Era sóbria e contrastava fortemente com a opulência da loja de antiguidades que recentemente deixaram. O teto era coberto de ladrilhos acústicos de poliestireno. Tirando as manchas de café e banha, as paredes eram lisas, pintadas de verde e parecidas com a decoração que geralmente se reservava aos banheiros públicos em Glasgow. O piso era coberto de linóleo cinzento em um efeito de azulejos. Tinha uma combinação de estilo e idade que, não importava o quão bem esfregada fosse, nunca parecia simples. O único móvel era uma mesa retangular, coberta de melamina, posicionada rente à parede e pregada ao chão. Em cada lado estavam duas cadeiras de plástico com armação de metal, do tipo de empilhar. O equipamento de gravação ficava montado na parede, sobre a mesa. Ainda restava um leve aroma aguado de desinfetante da última vez em que a sala fora limpa, mas este mal conseguia disfarçar o fedor residente de cigarros e cecê velho. Embora não fosse mais permitido fumar, a pungência pairava dos anos antes do veto ser introduzido e isso era piorado com ocasionais brechas de regulamento unidas à carga das roupas e peles de seus muitos hóspedes.

Uma das cadeiras era ocupada por um jovem com a aparência arquetípica de um estudante. Era alto e magricela, com cabelo ruivo até os ombros e uma incongruentemente curta e bem cuidada barba. Seu rosto tinha cicatrizes de acne e óculos de aro fino e dourado cobriam seus olhos cinzentos que combinavam perfeitamente com o piso. Vestia calças azul corduroy, uma camisa de de brim com o colarinho aberto e uma jaqueta folgada cujos bolos tinham se arregaçado por serem preenchidos com garrafas e latas de Coca-Cola.

Ele se levantou em um pulo quando Alex entrou na sala. “Posso ir pra casa agora?” ele questionou.

“Temo que ainda não”, respondeu Alex. “Por favor, sente-se. Só precisamos ouvir o que tem para nos contar e da sua assinatura em uma declaração formal.”

“De novo não”, veio a resposta. “Eu já contei tudo duas vezes e só quero ir pra casa.”

“Você deve estar ciente de que essa é uma situação muito séria. Não pode ficar mais séria do que assassinato. Você encontrou o corpo e temos que descobrir o que exatamente você sabe antes de ir embora.”

Findlay resignadamente tombou na cadeira. “Mas eu não sei nada. Eu mal voltei e achei o Sr. Stevenson jogado lá, morto. Já disse isso.”

“Temos que fazer isso um passo de cada vez. Por favor, fale ao microfone claramente e vamos tirar isso do caminho o mais rápido que pudermos. Primeiro, para fins de registro, nos diga seu nome completo e seu endereço.”

Com a voz cansada, Findlay respondeu, “Meu nome é Stuart Findlay e eu moro no flat 2/2, Avenida Oakfield nº42. Tenho um share de um apartamento estudantil. Fora do período letivo, eu ainda moro com meus pais. No número 14 da Skean Crescent, Galashields.”

“Creio que trabalhava para Scott Stevenson na loja dele, ‘Odds and Ends’. A quanto tempo trabalhava lá e o que fazia?”

“É só meio período. Eu estudo na Universidade de Glasgow. Sou estudante de História da Arte. Achei que trabalhar em uma loja de antiguidades seria um bom complemento para os meus estudos. O Sr. Stevenson também achava isso. Por isso que ele me deu o emprego. Isso, e porque ele se safava me pagando quase nada.”

“Então ele não te tratava bem?”

Findlay ficou um pouco mais animado. “Por Deus, não! Ele me tratava que nem merda. Me contratou como vendedor na loja porque eu sabia um pouco sobre antiguidades e história. Mas tão logo eu comecei, ele queria que eu fosse um faz tudo. Me fazia limpar as privadas e tudo mais. Me pagava um salário mínimo, ou nem isso já que me fazia fazer hora extra e não me pagava por isso. Eu sei que não devia falar mal dos mortos, mas o cara era um canalha.”

“Então vocês não se entendiam bem. Quanto vocês brigaram?”

Findlay mordeu o lábio por um segundo antes de responder. “Não brigamos. Ele era um valentão e eu aceitava.”

“Teve alguma discussão com ele?”

“Não. Na verdade não. Uma vez eu tentei responder e exigir meus direitos, mas ele simplesmente me disse que se eu não gostava, eu podia vazar. Não fazia bem o tipo de Gestão de Recursos Humanos, nem um pouquinho. E eu teria ido, mas não via muita chance de conseguir outro emprego, não com a minha mão”, ele disse, erguendo sua mão esquerda e mostrando que ela era fraca e definhada. “Meu braço foi escaldado quando eu era bebê e nunca cresceu direito. Sem chance de eu conseguir um emprego em um bar ou restaurante do jeito que ela é. Por isso que eu fiquei feliz em aceitar o emprego com Stevenson, mesmo com a ninharia que ele me pagava. Ele sabia que eu não tinha escolha e tirou vantagem disso.”

“Trabalha lá há muito tempo?”

“Deve ter uns oito meses que eu comecei. Era primavera. No começo era só um trampo de sábado, mas durante o verão, quando eu não estava longe, eu recebi horas extras e ficou mais perto de um emprego integral. Quando as aulas voltaram, ele queria que eu continuasse a trabalhar em mais dias, mas eu tinha que encaixar isso com as minhas aulas, ou matar elas às vezes. Ele até me pediu para faltar nas provas uma vez. Nas quintas, eu não tenho aulas mas às vezes tenho uma tutoria. Eu devia ter tido uma hoje às 12h, e eu pretendia tirar minha folga de almoço nessa hora. Mas Stevenson disse que precisava que eu ficasse até depois da uma. Disse que alguém viria para ver ele pela uma e deixaria eu ir assim que ele estivesse lá para cuidar das coisas.”

“Então que horas foi que você saiu?”

“Deve ter sido por volta de uma e dez.”

“A visita dele havia chegado?”

“Não, ele me expulsou antes dele chegar. Não havia mais ninguém na loja.”

“Você disse ‘dele’?”

“Eu não sei bem. Só estou chutando que fosse um homem.”

“Alguma coisa fora do comum aconteceu pela manhã?”

“Não. Mal teve uma alma na loja e o telefone também estava calado.”

“Está ciente de alguma briga do Sr. Stevenson ou de algum inimigo que ele tenha feito recentemente?”

“O Sr. Stevenson parecia incomodar um monte de gente. Estava sempre discutindo e frequentemente aos gritos. Mas nada fora do comum.”

“Para onde foi quando saiu para almoçar?”

“Eu fui para a Universidade. Queria ver o Dr. Wilson, meu tutor. Queria explicar por que eu tinha faltado à tutoria e buscar quaisquer trabalhos ou orientação que tivesse perdido.”

“Então ele vai poder confirmar isso?”

“Temo que não. Ele não estava lá. Tinha ido almoçar. Mas eu falei com a secretária dele, Sra. Burns. Ela pode confirmar que eu estive lá.”

“Onde fica o escritório dele?”

“É nos Jardins da Universidade, rente ao RM, desculpa, o Diretório Rainha Margaret.”

“Quanto tempo levou para ir caminhando?”

“Leva cerca de 10 a 15 minutos cada mão. Eu tinha preparado alguns sanduíches pela manhã e os levei comigo. Quando não pude falar com o Dr. Wilson, eu peguei um desvio para o Parque Kevingrove e me sentei em um banco para comê-los.”

“Não estava um tanto frio para isso?”

“É, suponho que sim, mas precisava de um pouco de ar fresco.”

“E você voltou às duas?”

“Deve ter sido pouco depois das duas. Quando eu voltei, a porta estava trancada e eu usei minha chave para entrar. Achei aquilo estranho, pois era para a loja ficar aberta. Aí eu encontrei o Sr. Stevenson. Dava para dizer de cara que ele estava morto. Eu sai na hora e usei meu celular para ligar pro 999.”

“Não tocou em nada?”

“Não. Acho que não. Só saí na hora.”

“Okay, por ora isso é tudo. Sente-se na sala de espera enquanto digitamos seu depoimento para que assinie. Aí pode ir para casa. É muito importante que não conte os detalhes do assassinato para ninguém e não pode falar com a imprensa por ora. Não quero vazamentos, ou saberei quem procurar”, Alex adicionou ameaçadoramente. “Deixe suas chaves da loja conosco e nós te contactaremos. Se lembrar de mais alguma coisa, nos conte. Aqui está meu cartão.”

Assim que Findlay partiu, Alex pediu a opinião de McAvoy.

“Ele parecia bem sincero, acho. Se ele foi para a Universidade durante a folga de almoço, não vejo como teria muito tempo para aprontar qualquer coisa. Mas dito isso, não engulo a história dele sobre ter almoçado no parque. Ele claramente não gostava do Stevenson, mas duvido que tivesse os colhões para fazer qualquer coisa a respeito. A julgar pelo corpo, alguém precisaria das duas mãos ou teria que ser forte pra cacete para esfaquear ele do jeito que foi feito. Como Findlay não tem uso das duas mãos, não consigo ver ele como o culpado. Acho que ele pode ter alguma informação que não está nos dando.”

“Basicamente o que eu estou pensando”, Alex respondeu. “Isso e ele disse que chamou o 999 pelo celular, mas antes a Sandra me disse que ele afirmou ter ligado do escritório. Eu não pressionei ele quanto a isso agora. Queria antes checar o que realmente acontecera.”

“Okay. O próximo passo é verificar o carro e a casa do Stevenson. Ver se isso nos dá alguma pista. Ele estava com as chaves?”

“Não sei, chefe. Não verifiquei. Talvez a Sandra tenha procurado. Vou dar um toque pra ela.” McAvoy apertou o botão de discagem rápida e estava conectado em segundos.

Embora ouvisse apenas um lado da conversa, Alex não tinha que usar seus dotes de detetive para seguir o fio da meada.

“Oi Sandra, você pegou as chaves do Stevenson? ... Não, elas estavam no escritório ou no defunto? ... No escritório não. Não queria tocar no corpo até que o Connor tivesse terminado. Vai pedir para ele procurar nos bolsos?... Aye, eu espero... Você está com as chaves do carro e da loja e elas já foram checadas em busca de digitais, então podemos ficar com elas mas não tem chaves de casa. Isso é estranho. Certo. Você verifica o carro. É um Beamer série cinco, se me lembro bem. Nós vamos para a casa. Não, espera, o chefe está dizendo que nós vamos verificar o carro e ver se as chaves de casa não estão lá. Estaremos aí em alguns minutos, talvez menos pelo jeito que ele dirige.”

Se McAvoy tentasse uma carreira como vidente ao invés de policial, sua família nunca teria pão na mesa. A jornada de volta à Great Western Road foi ainda mais tortuosa do que a descida por ela. Sandra estava à espera deles com as chaves do carro e o trio rapidamente encontrou a BMW estacionada a quase duzentos metros da loja, para a surpresa de ninguém em uma vaga para deficientes.

Como era uma cinzenta e úmida tarde de novembro, a luz do dia já havia se apagado e eles usaram poderosas lanternas de mão para fazer sua busca. Botaram todos luvas e Alex apertou o controle remoto. Dentro de minutos, tinham minuciosamente inspecionado o interior do carro sem achar nada de suspeito nem nada de interessante. O carro tinha apenas alguns meses e parecia ter saído da limpeza. Ainda podiam sentir o cheiro de detergente emanando dos assentos. Eles abriram o compartimento do motor e o V8 twin turbo de oito cilindros parecia polido e limpo o suficiente para se comer em cima dele. Não tiveram uma sorte muito melhor com o porta-malas: dentro havia um conjunto completo de tacos e equipamento de golfe Callaway, aparentemente nunca utilizado, e nada mais - e apenas parafernália de golfe ocupava os bolsos da mala. Ou Stevenson não carregava as chaves de sua própria casa, ou outra pessoa estava com elas.

Capítulo 3

Alex sabia onde Stevenson vivia, pois seu confronto pessoal com ele fora na casa dele, mas como ninguém mais sabia disso, ele teve que passar pelo processo de confirmar o endereço antes de partir. A casa de Stevenson ficava em Whitecraigs, um dos mais afluentes subúrbios de Glasgow.

A maior parte do movimento da hora do rush havia se dissipado e o trânsito era comparativamente leve. No entanto, massas de pedestres continuavam na Great Western Road, aproveitando a alegria da primeira noite em um mês em que a chuva não mijava em tudo. O estilo boêmio da zona Oeste de Glasgow significava que muitas lojas ficavam abertas até tarde e isso era complementado pela abundância de restaurantes, cafés e bares buscando atrair o comércio noturno.

Alex virou para a direita rumo à Charing Cross e teve sorte de não ser retido por sua profusão de faróis antes de entrar no desvio que levava à rodovia M8, subindo na Kingston Bridge para atravessar o Rio Clyde. Depois de passar reto pela primeira saída, ele desviou para a faixa do meio e optou pela M77 quando as rodovias se separaram. Embora a essa altura já estivesse aberta há muitos anos, Alex se maravilhou com quanto tempo essa nova via lhe poupava quando viajava para fora da cidade, rumo à zona Sul ou a Ayrshire. Embora conhecesse a estrada bem, ele se deixou ser guiado pelo GPS enquanto negociava seu caminho para a residência de Stevenson.

Alex estacionou com duas rodas em cima da calçada da estreita via fora da casa. Ele e McAvoy fizeram a longa caminhada pela entrada de paralepípedos em rumo à imensa e isolada propriedade em estilo rural. Seu caminho cortava um grande gramado com canteiros simétricos entrecortando-o em arranjos de precisão geométrica. Dada a época do ano, não era de se surpreender que não houvessem flores e apenas uma preciosa e escassa folhagem. O gramado parecia ter perdido seu último corte da estação e estava à altura do calcanhar, com uma abundante cobertura de folhas de outono ainda a serem colhidas.

Ao se aproximarem da entrada da casa, puderam ver uma pequena luz vermelha piscante. Vinha de uma caixa de alarme posicionada na parede, ao lado da porta da frente, cerca de três metros acima do caminho. Conforme se aproximavam, ficava óbvio que a caixa havia sido adulterada, com o estojo danificado balançando de um lado para o outro pendendo de seus suportes, rangendo com o vento. Por trás da tampa, pendiam alguns cabos e componentes eletrônicos. A porta da frente era de uPVC com revestimento duplo e travas em pontos múltiplos. As trancas não serviam de nada pois a porta estava aberta e uma cunha luminosa destacava um triângulo à vista da equipe policial. Alex ficou de guarda enquanto McAvoy patrulhava o perímetro, mas não havia sinal de ninguém lá dentro. Enquanto aguardava, Alex ligou para a delegacia de polícia de Giffnock para verificar se havia alguma queixa de vizinhos ou alguma chamada automática do alarme de intrusos. Nenhuma ocorrência fôra registrada e o alarme era de uma variedade isolada, servindo mais como um deterrente cosmético do que como uma proteção efetiva para a casa.

Não tardou para que reforços chegassem e, novamente trajado em vestes, luvas e protetores de sapato brancos, Alex, seguido por McAvoy, cautelosamente entrou na propriedade para avaliar a situação.

O interior da casa estava em frangalhos, como se tivesse sido atingido por um tornado. Caminhando de quarto em quarto, Alex encontrava apenas a devastação. O corredor se abria para um grande piso

aberto de sala de estar, jantar e cozinha. Toda a mobília tinha sido virada e os assentos abertos aos cortes, espalhando suas entranhas de polifibra pelo piso. Uma enorme tv de LED pendia frouxa em seu suporte na parede e um aparelho de BluRay, um gravador de DVD e um decodificador de de satélite foram derrubados no chão junto com toda uma estante de discos, contendo vários títulos recentes, algumas versões pirateadas de filmes ainda por serem lançados e vários filmes porno hardcore. Alex notou que as caixas estavam abertas mas nenhum disco estava dentro delas. Pedacos de porcelana fina quebrada adornavam os tapetes espessos e um grande número de obras de arte que pareciam ser originais tinha sido arrancado da parede e jogado pela sala aparentemente a esmo, muitas delas com molduras quebradas e vidro trincado. Entre os escombros, Alex imediatamente reconheceu obras de alguns artistas locais contemporâneos de renome, incluindo Peter Howson, Ed Hunter, Joe Henderson e Jolomo, o nome artístico de John Lowrie Morrison. Depois pagar sua pensão, manter suas responsabilidades parentais e pagar suas despesas do dia-a-dia, Alex tinha pouco restando para gastar com outros interesses, mas ele ainda mantinha uma paixão pela arte e estava profundamente entristecido por ver peças tão belas tratadas tão mal. Ele lutou contra a ânsia de pegá-las, tirar a poeira delas e botá-las de volta na parede, ciente de que a equipe pericial teria que exaurir seus métodos de investigação e seus testes primeiro. Portanto, ao invés de fazê-lo, ele se virou de costas e estudou a área da cozinha. Prateleiras foram esvaziadas e gavetas arrancadas, incluindo as da geladeira e do freezer. O único sinal de vida detectado até agora era um grupo de moscas congregando-se ao redor da pilha de uma bandeja de areia para gatos na área de serviço atrás da cozinha. Tomando cuidado com seus passos para não mexer em nada, ele verificou o solário, os quartos e os banheiros com resultados similares: móveis revirados e cortados com seus conteúdos espalhados pelo chão. Havia alguns ternos e jaquetas de marca com seu forro arrancado. Ficava claro para Alex que quem tinha feito isso com a casa não era algum marginal aleatório querendo causar estrago, mas alguém que estava exaustivamente desmantelando a casa à procura de algo em particular. Mas o quê? Não demorou muito para que soubesse com certeza. O último aposento em que entrou era o escritório particular de Stevenson. Alex notou que ele devia ser mantido trancado, pois a porta estava torta, com farpas de madeira na moldura marcando por onde havia sido arrombada. Estantes tinham sido tombadas e uma coleção de textos com capa de couro cobria o chão. Uma mesa de mogno lindamente esculpido estava caída de costas, mostrando sinais de que suas gavetas foram cinzeladas em busca de acesso aos seus conteúdos. O case de um computador da Hewlett Packard estava entre os destroços e um monitor com etiqueta similar jazia quebrado no chão. Vários álbuns de fotografia com capas de plástico simples estavam espalhados pelo aposento, depois de vomitar a maior parte de seu conteúdo. Olhando de perto, Warren notou que as fotos mostravam casais e alguns grupos de corpos nus. Pareciam ser imagens congeladas tiradas de filmes e podia dizer, mesmo com as poucas que podia ver, que formavam sequências e mostravam os participantes antes, durante e depois de atividade sexual. Muitas eram fotos parciais ou tinham ângulos estranhos e era evidente que não tinham sido posadas, mas do contrário, tiradas na surdina.

Alex sabia que não eram o tipo de fotos usadas para titilar e que o único propósito concebível para que Stevenson tivesse elas era chantagem. Sempre classificara Stevenson como um dos tipos mais odiosos de inseto, mas essa revelação levou sua opinião a um novo nível, pois considerava chantagistas como sendo o pior tipo de escória. Pela segunda vez em meros minutos, ele resistiu à tentação de folhear pelas fotos, desejando que a equipe de Connor terminasse seu trabalho antes, mas desta vez ele não tinha interesse algum no valor artístico; queria apenas identificar mais um grupo de pessoas com rancor de Stevenson e procurar por pistas que lhe ajudassem a identificar o assassino de fato.

Alex não tinha dúvida alguma de que quem revirou esta casa era o assassino. Stevenson deve ter levado ele, ou ela, até o limite. Era improvável que matar Stevenson daquele jeito fosse premeditado. Stevenson deve ter provocado eles demais e retrucaram. Aí devem ter ficado tão desesperados para descobrir a fonte que Stevenson estava usando para chantageá-los que roubaram suas chaves para

vasculhar sua casa. Isso significava que deviam saber onde Stevenson morava, ou que foram capaz de descobrir isso em bem pouco tempo.

Enquanto esperava pela equipe de Connor para que fizessem seu serviço, Alex telefonou para Sandra para inteirá-la das descobertas mais recentes.

“Nada mudou. Ainda precisa fazer o mesmo serviço, mas graças as fotos, acho que o assassino tem mais chance de ser uma vítima de chantagem do que alguém que foi ludibriado por Stevenson. Então podemos pegar leve naquela direção. A única coisa boa que consigo ver é que talvez algumas das vítimas dos golpes dele não tenham que ser torturadas mais do que já foram. Como vai o progresso aí?”

“Eu fiz uma requisição de todas as gravações de circuito fechado na área e elas devem ser entregues amanhã cedo. Designei equipes para irem de porta em porta e temos a unidade móvel de incidentes armada diante da loja. Quer que eu faça mais alguma coisa?”

“Não, você fez bem. Eu vou esperar aqui até que eu tenha acesso para dar uma olhada direito e coletar tudo que precisarmos para investigar, aí vou para casa. Gostaria de falar contigo na van de incidente amanhã cedo e daremos continuidade de lá. Espera um minuto. Verifique os parentes próximos e quaisquer familiares, amigos e contatos conhecidos. Assim, amanhã de manhã, podemos aterrissar correndo.”

Alex e McAvoy esperaram no carro até terem acesso livre à casa. O interlúdio seco não durou e uma chuva pesada com neve caía. Alex ligou o carro para aquecê-los um pouco e pôs os limpadores de para brisa no intermitente com o desembaçador dianteiro no máximo para que pudessem ter alguma visibilidade, dado que a condensação pesada nublara toda as outras janelas. Assim que foram admitidos, eles conduziram uma lenta e cuidadosa busca por qualquer objeto de interesse. Ergueram tapetes procurando por um cofre, mas não havia nenhum. Coletaram e encaixotaram todas as fotos e qualquer documento relacionado a contas de banco e investimentos, sem prestar muita atenção no conteúdo. Policiais uniformizados foram designados para questionar os vizinhos e aí, depois das 10 da noite, com as temperaturas caindo e um lençol branco se formando sobre o gramado e as calçadas, eles saíram da casa. Warren pegou um desvio de seis quilômetros para deixar McAvoy em casa, em Croftfoot, um cottage flat em uma propriedade na zona sul de Glasgow. Aí se achou para voltar ao seu próprio flat. Warren também morava na zona sul. Alugava um apartamento de dois quartos em Shawlands, no primeiro andar de um tradicional cortiço de arenito vermelho construído há mais de um século atrás. Embora precisasse de pouco espaço, ele mantinha a propriedade maior para as raras ocasiões em que podia ter seus filhos passando a noite com ele. O apartamento em si era composto por um corredor de entrada, uma grande cozinha e sala de jantar, uma sala de estar de 4,8m por 4,5m com janelas panorâmicas, que se viravam para um pequeno parque particular, e dois quartos espaçosos, um com uma cama de casal e outro com duas camas individuais. Todos os aposentos tinham tetos altos, a quase três metros, e eram bem arejados e bem iluminados. A mobília era adequada, porém minimalista, e tinha sido providenciada em grande parte pelo senhorio. A única posse de valor de Alex era uma pintura em aquarela que tinha encomendado do artista Brian Large. Retratava seus dois meninos quando tinham dois e quatro anos retratados em dias mais felizes quando tiraram férias em família na Espanha. Alex tinha providenciado uma foto para Brian e ele fez uma reprodução memoravelmente detalhada. Alex tinha o privilégio de conhecer Brian há anos pois o tio de Alex tinha sido colega dele na escola. Apesar de receber comissões da realeza e do almirantado, Brian agora vivia a muito clichêsada e frugal vida de um artista em flat em uma cidade costeira em uma pequena ilha no estuário do Clyde, a cerca de 64 quilômetros de Glasgow.

Alex estava cansado com os esforços do dia e só queria dormir um pouco, portanto foi direto para a cama. No entanto, por mais que tentasse, o sono lhe escapava. Se virava e se revirava. A cada vez que chegava perto de cochilar, imagens de Stevenson estirado no divã voltavam para assombrá-lo. Se levantou e fez uma bebida quente com leite, Horlicks, mas não ajudou. Ele ergueu a caixa de fotos que tirara da casa de Stevenson e as folheou, mas estava cansado demais para estudá-las direito. Tudo que

absorveu realmente foi a abundância de corpos nus se consumindo em uma variedade de atos sexuais. Notando o contexto, sua reação foi mais de pena do que de estímulo. Ele tombou na cama novamente e tentou dormir, mas já era bem depois das três da manhã antes que conseguisse dormir um sono revolto e seu alarme estava programado para às sete.

Capítulo 4

Warren superou o desafio providenciado por uma chuva gélida carregada por ventos moderados e, alguns minutos antes das oito, com olhos cansados e os braços carregados por uma grande caixa de papelão cheia de fotos, ele cambaleou para dentro da caravana de incidente para encontrar Sandra. Ela era a única outra pessoa a já estar lá, trabalhando em uma pilha de relatórios de campo que já tinham chegado. Com um grande baque, ele deixou seu fardo cair sobre uma mesa vazia e se estirou em uma cadeira.

“Você tá um caco”, ela declarou, tirando vantagem de sua privacidade para falar de forma mais pessoal do que ousaria se subordinados estivessem presentes. “O que diabos você anda fazendo?”

“Nada, essa é a parte triste”, ele murmurou. “Só falta de sono e preocupação com o trabalho.”

Alex a fitou com sua vista cansada e lhe ocorreu que Sandra parecia particularmente atraente nesta manhã. Ela parecia radiante e descansada. Suas bochechas estavam rosadas, seus profundos olhos castanhos cintilavam e ele podia ver que seus fartos cabelos negros tinham sido recém lavados, mostrando ao máximo o corte estilo Vidal Sassoon e o aroma fragrante e refrescante do shampoo dela veio em sua direção. Ela vestia uma elegante blusa branca de colarinho aberto e uma saia preta e justa que parava alguns centímetros acima de seus joelhos. De pé como estava perto de sua mesa, curvada sobre os documentos, Alex era agraciado com a agradável vista de sua silhueta atlética e curvilínea. Como era o regulamento em serviço, ela não usava jóias e tinha pouca ou nenhuma maquiagem, mas o visual puro e imaculado parecia simplesmente aumentar sua beleza.

Alex não tinha notado que estava encarando até Sandra questioná-lo, “Você está bem? Não está agindo como de costume.”

Ele piscou algumas vezes e aí virou seu olhar para baixo, focando na mesa.

“Sim, sim, ótimo. Só estou pensando em por onde começar”, ele mentiu. “Okay, vamos comparar nossas anotações. O que você tem?”

“Nada de inesperado. Mas já recebemos o laudo do legista. Duffie pode ter se atrasado, mas ele deve ter trabalhado metade da noite para terminar logo. A morte provavelmente ocorreu entre o meio-dia e às três da tarde, o que é consistente com o que já sabemos. A vítima teve um café da manhã pesado composto por bacon frito, salsichas, pudim negro e ovos cerca de quatro horas antes da morte, provavelmente por volta das 10. Mas o colesterol não o matou. A morte resultou de ter o abdômen trespassado pela presa. Tinha uma ponta afiada, mas não tão afiada. Deve ter sido brandida com alguma força, penetrado o abdômen e então forçada para cima, perfurando seu coração. A morte teria sido rápida. O agressor deve ser muito forte, quase certamente um homem. Deve ter usado as duas mãos para empunhá-la e, julgando pelo ângulo de entrada, era provavelmente destro. Não limita muito a busca, mas suponho que ajude.”

Alex estava satisfeito com o resumo. Ele assentia enquanto ela falava, fazendo um registro mental de cada dado enquanto planejava ler o laudo completo mais tarde em busca de quaisquer detalhes menores que poderiam ser úteis.

“Próximo, tivemos um telefonema do Connor. Ele prometeu entregar o relatório hoje de manhã, mas isso foi antes de você o chamar para Whitecraigs. Então ele não pode entregar. Ele espera ter relatórios

preliminares dos dois incidentes pelo começo da tarde.” Alex assentiu novamente e tentou conter uma carranca.

“Próximo, as perguntas de porta em porta. Até agora, um completo nada. Ninguém viu nada, ninguém ouviu nada. Nadinha. E isso em ambos os locais. Você previu isso. Ainda temos algumas portas para visitar, mas eu não estou esperançosa. Ninguém foi informado dos detalhes do que aconteceu e ouvimos várias queixas sobre Stevenson, mas é só isso. Tudo documentado”, ela adicionou, apontando para a pilha de arquivos em pastas de cartolina.

“Ainda estou esperando pelas gravações de segurança e pedi o mesmo das proximidades da casa. Seria um achado se rastreássemos um carro nas duas localidades, mas não há nada que diga que não pode haver dúzias e seria como procurar uma agulha em um palheiro. Eu designei Fitzpatrick para cuidar disso, quando as gravações chegarem. Ele não é tão aguçado assim no cara a cara, mas tem um bom olho para detalhes, então a tarefa combina bem com ele. Mas só para constar, talvez tenhamos que pagar algumas doses de aspirina e uma visita à Specsavers para um par de óculos novo para compensá-lo.”

“Finalmente, eu investiguei a família do Stevenson. Ele foi casado, mas não teve filhos e sua felicidade acabou há cerca de 15 anos quando a ex foi para Londres. Ainda não temos mais detalhes sobre ela. O pai morreu cinco anos atrás e a mãe está em uma casa de repouso, não muito longe de onde ele mora, ou devo dizer morava. Se chama Eastwood House e fica pouco depois de Eastwood Toll. Ele tem uma irmã, alguns anos mais velha que ele. Ela se mudou para o sul eras atrás. É casada com um cara chamado Grant Nelson. Ele trabalha como contador e eles moram em Bristol. Eles têm dois filhos adolescentes.”

“Certo, eu quero falar pessoalmente com a mãe. Quero descobrir o que ela pode nos contar. Mas é melhor te levar comigo. Ligue para eles com antecedência para ver se o lugar pode ter uma enfermeira presente, pois não sabemos como ela vai processar a notícia. Arranje para que a polícia local visite a irmã. Podemos deixar o McAvoy no comando da caravana e de olho nas coisas enquanto estamos longe.”

Alex indicou a caixa. “Podemos começar nossa própria fábrica de pornografia com o que está aqui. Temos que prestar muita atenção nisso.” Vendo o sorriso de Sandra, ele adicionou, “Não, sério”, mas não foi capaz de continuar sem sorrir. “Parece que o nosso Senhor Stevenson foi um menino muito levado. Pelo que parece, andava chantageando muita gente. Eu só dei uma folheada rápida, mas parece ter muitas vítimas. Suponho que tivesse um quarto grampeado com câmeras e arranjava para que alguns profissionais do sexo, homens e mulheres, trouxessem seus parceiros para lá. Todas as fotos parecem ser no mesmo apartamento e ao menos uma das garotas está em várias fotos com parceiros diferentes. Alguns fetichistas entre eles. A julgar por como as encontramos, o assassino já as viu e retirou qualquer uma que o incriminasse. Não achamos muito dinheiro na casa, embora isso possa ter sido levado junto com as fotos, e não tinha nenhum cofre. Tenho todos os registros bancários do Stevenson, ao menos os que pude encontrar, e teremos que estudar esses. Chantagem geralmente é um negócio em dinheiro vivo, então creio que Stevenson tenha dinheiro em algum lugar. Talvez até tenha cópias das fotos, e se pudermos encontrá-las, então talvez achemos nosso assassino.”

“É difícil resolver um crime quando parece não ter pista nenhuma a seguir, mas é ainda pior quando é como esse, em que se tem demais. Por onde em nome do Senhor vamos começar?”

“Vamos manter religião fora dessa. É a única complicação que não temos. Agora, aos negócios. Eis o que precisamos para começar. Queremos botar o Fitzpatrick para trabalhar nos vídeos. Queremos alguém para processar as finanças. Podemos ver se podemos pegar um dos especialistas emprestados para cuidar disso. Temos que ver o que o pessoal do Connor pode nos oferecer e descobrir se o nerd de informática deles foi capaz de resgatar alguma coisa dos computadores ou do sistema de segurança. Eu quero alguma outra pessoa fazendo uma pesquisa sobre os negócios do Stevenson. Pode ser feita em conjunto com as finanças. Descubra se alguma coisa bate. Conhece o procedimento. Vou trancar essas fotos por ora pois eu quero que eu, você e McAvoy trabalhemos juntos nelas. Quero que processemos elas com cuidado,

catalogando-as com base em quem está nelas e fazendo o que. Quero descobrir quem são as putas e ver se reconhecemos algum rosto.”

“Só os rostos?” Sandra respondeu com um sorriso largo.

“Bem lembrado”, ele respondeu severamente, sem morder a isca. “Podem ter tatuagens ou outras coisas que os distingam.”

“Muitas coisas, pelo que você disse. Eu não vi nenhuma ainda”, ela continuou com um beijo fingido, sem se abater.

Alex não conseguiu mais segurar o riso e ambos gargalharam loucamente, sendo interrompidos quando McAvoy entrou na cabine.

“Parece que eu estou perdendo toda a diversão”, ele murmurou com uma expressão soturna, o que só fez com que Sandra risse ainda mais. A atitude insossa de McAvoy combinava com sua aparência; seu terno cinza amarrotado complementava seus desarrumados cabelos grisalhos e sua pele pálida privada de sol.

“Nem um pouco”, Alex respondeu. “Mas pensando nisso, qual parte de ‘de manhã cedo’ você não entendeu?”

“Desculpa, chefe, a patroa precisava do carro hoje para um compromisso no hospital e atravessar a cidade de ônibus demorou mais do que eu esperava.”

“Certo, vamos andando, eis o plano...” Alex disse e repetiu o que tinha em mente como sendo prioridades, terminando com uma instrução para que se reencontrassem no final da manhã e levassem as fotos para a delegacia na Pitt Street, onde poderiam processá-las com privacidade e o benefício da infraestrutura tecnológica que não era completamente acessível da cabine.

Pelas 9h30, tudo havia sido preparado, o pessoal designado para cada uma das tarefas e Alex e Sandra partiram rumo à Eastwood Court pela mesma rota que Alex tomara na noite anterior. Vendo a placa para a casa de repouso no último segundo, Alex fez uma curva fechada para tirar o Hyundai da estrada movimentada e encontrou a única vaga grande o bastante para o seu utilitário junto ao micro-ônibus do asilo. Parou por um momento e olhou à sua volta. O edifício tinha uma forma incomum e parecia em grande parte relativamente novo. A área central tinha três andares e era em estilo rústico com tijolos vermelhos. À direita o prédio era mais baixo, com grandes janelas. Pelas janelas ele podia ver que o interior era decorado com mesas de jantar e cadeiras, em arranjos de quatro lugares com um vaso de flores. Mais adiante ficava uma cozinha e o que parecia ser uma área de estoque. A área central tinha um grande conservatório bem iluminado anexo à frente do prédio. Toda a parte dianteira era de vidro e Alex conseguia ver Estantes e várias poltronas e cadeiras grandes e fofas com armação de bambu. À esquerda do conservatório, uma marquise se estendia do que devia ser o prédio original, uma estrutura de dois andares feita de arenito amarelo. No canto distante, as pedras eram mais arredondadas e formavam uma torre em estilo medieval.

Alex tinha uma sensação desconfortável quanto ao lugar e não conseguia pensar no motivo. Aí ele se lembrou. Bem pouco depois de ter entrado para a força, quando ainda era um recruta, ele respondeu um terrível acidente em algum lugar muito perto daqui. Foi em 1990; um helicóptero Bell JetRanger tinha sido alugado pela polícia. Uma súbita e pesada tempestade de neve começara e o motor da aeronave falhou devido à neve bloqueando a passagem de ar. O helicóptero estava voando baixo, mas caiu de uma altura de 21 metros e colidiu com um bloco de apartamentos. Um policial morreu após ser arremessado para fora pelo impacto e outros sofreram ferimentos graves. O incidente continuava vivido nas lembranças de Alex e ele estremeceu só de pensar.

“O que foi, chefe? Não vamos entrar?” As palavras de Sandra invadiram sua lembrança.

“Vamos então”, ele respondeu, abrindo o cinto de segurança. Em passos largos, ele foi em direção à porta para apertar a campainha.

Dentro de instantes, uma recepcionista deixou eles entrar. Depois de verificar seus mandados, ela os guiou para uma salinha lateral e os apresentou a uma enfermeira.

“Eu sou Irene. Entendo que vieram ver a Sra. Stevenson e que tem más notícias para ela.”

“Sim, temo que esteja certa. O filho dela foi assassinado e viemos informá-la. Seria bom que estivesse com ela enquanto falamos com ela. Eu gostaria de te fazer algumas perguntas primeiro.”

“Que horror, ela vai ficar devastada. Fico feliz em fazer o que puder para ajudar. Todos ficaríamos. Ela é uma senhora tão doce.”

“Para começar, o que pode me contar sobre ela? Como ela está de saúde? Ela é forte o bastante para ouvir a notícia e é mentalmente capaz? Ela vai entender?”

“Fisicamente, ela é bem capaz para a idade. Ela tem 76 anos, está conosco há cerca de dois. Os joelhos tem problemas de artrite e ela não consegue se locomover sem um andador ou uma cadeira de rodas. A cirurgia de reposição dos joelhos foi considerada arriscada demais para o coração dela, mas acho que é um caso extremo, pois ela é razoavelmente saudável em todo o resto. Também é meio surda e o aparelho auditivo não ajuda muito, mas isso não é incomum na idade dela. Mentalmente, ela está ótima, o que pode ser um problema, pois ela mimava o filho.”

“O que pode me dizer do filho? Conhecia ele? Ele visitava com frequência?”

“Sim, eu conhecia ele, mas não bem. Ele vinha visitar a mãe regularmente. Era bem estranho, na verdade. Vinha toda segunda pelas 9 da manhã e ficava por cerca de uma hora. Aí ele voltava mais tarde no mesmo dia, geralmente por volta das 3 e ficava por meia hora. Era a mesma coisa toda semana, com precisão. Dava para contar com as visitas dele.”

Sandra e Alex trocaram olhares confusos antes que Irene continuasse. “Ele não vinha nenhuma outra vez, mesmo em feriados ou no aniversário dela. Só uma vez, quando ela caiu, cerca de seis meses atrás. Nós telefonamos para ele e ele veio para ver se ela estava bem, mas essa foi a única vez. Qualquer outra visita era numa segunda-feira, no mesmo horário toda semana. Fora isso, ele sempre mantinha dinheiro na conta da mãe para que ela pudesse comprar jornais e ir no cabeleireiro toda semana.”

“Pode me dizer mais alguma coisa sobre ele?”

“Não, na verdade não. Eu não devia falar mal dos mortos, mas eu não gostava muito dele. Não sei o que era. Ele tinha esse olhar que te deixava desconfortável.”

“A Sra. Stevenson recebia outras visitas?”

“Não, não. A filha dela, da Inglaterra, vinha de vez em quando com a família, talvez uma ou duas vezes por ano, mas só isso. A filha também telefona. Não muito, uma ou duas vez por mês, acho.”

“Mais alguém telefona?”

“Sim, acho que tem um primo na Austrália, mas é só umas duas vezes por ano.”

“Obrigado. Isso ajuda bastante. Agora, poderia me levar até a Sra. Stevenson? Tem algum lugar onde poderíamos falar com privacidade?”

“Sim, é claro. Eu vou levá-los para o conservatório e aí levou a Sra. Stevenson para falar com vocês.”

Irene os guiou por um corredor cheio de portas, meio como um hotel. Cada porta tinha uma placa com nome do lado de fora. Passaram por um conjunto de portas duplas rumo a uma sala de descanso muito espaçosa, iluminada e aberta. Grandes cadeiras com apoios de mão estavam dispostas junto a uma parede e em dois grandes retângulos, com cadeiras de cada retângulo viradas para grandes tvs de LCD. O mesmo programa passava em ambas as telas. Também tinha uma grande gaiola em um canto da sala com um periquito de cores fortes piando para qualquer um que ouvisse. Só um punhado dos residentes parecia assistir à TV, pois os outros estavam lendo, conversando ou dormindo em suas cadeiras. Alex ficou agradavelmente surpreso ao ver que todos os residentes que via estavam bem vestidos, pareciam limpos e recebiam bons cuidados. Alguns cuidadores estavam na sala, tratando das necessidades dos residentes. Como há pouco havia visto teledocumentário sobre as condições deploráveis de algumas casas de

repouso que tinham sido investigadas, Alex foi confortado pela ideia de que podiam ser exemplos extremos ou incomuns.

O layout dos dois retângulos de cadeiras criava um corredor improvisado pelo qual Irene os guiou e abriu a porta para o conservatório. Ela os pediu para que sentassem no sofá e disse que iria buscar a Sra. Stevenson.

Alguns minutos depois, a porta se abriu novamente, Irene puxou uma cadeira de rodas pelo vão e a virou para que estivesse virada para eles. Olhando de cima dela estava uma velhinha de olhar muito alerta. Embora fosse difícil dizer com base em sua posição sentada, Alex julgou que ela não podia ter mais de 1,50m. Era esguia sem ser magra, com uma cabeça cheia de cabelos brancos e muito bem cuidados que iam até a altura dos ombros. Um par de grandes óculos com armação de casco de tartaruga parcialmente obscureciam sua face redonda e contente, que tinha pele surpreendentemente sem rugas.

“Okay, Maggie, esses dois policiais vieram falar contigo”, ela declarou em voz alta e então se virou para fechar as portas antes de se sentar em uma cadeira ao lado da sua paciente.

“Olá, Sra. Stevenson, meu nome é Alex Warren e essa é Sandra McKinnon. Nós viemos conversar contigo sobre o seu filho, Scott.”

“Ah, meu Scott. Ele é um menino adorável e tão bom para a sua mãezinha. Ele vem me ver toda semana e sempre me traz um pacote de Jaffa Cakes. Ele sabe que são meus favoritos.”

“Sinto muito te dizer que temos notícias muito ruins para te dar. Houve um incidente na loja do Scott. Ele foi atacado e lamento te dizer que ele morreu.”

“O que, o que foi que disse? Esse aparelho auditivo não é muito bom. Me pareceu que disse que Scott está morto.”

“Eu realmente sinto muito. Foi o que eu disse.”

Maggie começou a tremer e lágrimas se formaram em seus olhos. Irene se aproximou e segurou a mão dela.

“O que aconteceu?” ela conseguiu dizer enquanto lágrimas começavam a fluir por suas bochechas.

Bem nessa hora, a porta se abriu e outra dos residentes entrou. “Sammy, eu pensei que fosse você. Eu sabia que viria me visitar”, ela declarou, caminhando em direção ao horrorizado Alex. E na hora, outra cuidadora a seguiu sala adentro e Irene se levantou para evitar que ela se aproximasse mais.

“Não, Jean, não é o Sammy. É uma pessoa que veio ver a Maggie”, Irene disse enquanto ela e a outra cuidadora levavam a mulher porta afora. Irene voltou e então fechou e trancou a porta. “Sinto muito por isso. Jean está um tanto confusa.”

Alex voltou sua atenção para a Sra. Stevenson. “Ainda estamos tentando descobrir o que aconteceu. Podemos te fazer algumas perguntas? Pode nos ajudar a descobrir o que aconteceu.”

“Eu não sei se posso ajudar, mas vou tentar”, Maggie choramingou.

“Isso é muito bom da sua parte. Eu gostaria que me falasse do Scott. Estou tentando ter uma imagem melhor de quem ele era e quem ele conhecia.”

“Ele sempre foi um menino tão bom. Quem iria querer machucar ele? Ele cuidou bem de mim. Depois que o meu Arthur morreu eu não conseguia mais me cuidar em casa, ele me trouxe para cá. Garantiu que eu sempre tivesse dinheiro para pagar por qualquer coisa da qual precisasse. Eu não queria pegar nada dele, mas ele me disse que era muito bem sucedido nos negócios e podia pagar. Era realmente bom para a irmã também. Dá dinheiro pra ela, e quando o marido dela precisou de uma cirurgia ano passado, Scott insistiu que ele fizesse no particular e pagou tudo. Eu não poderia pedir um filho melhor.”

“Ele já te contou alguma coisa sobre ter problemas ou desentendimentos com alguém?” Sandra perguntou.

Se concentrar em falar dele parecia acalmar Maggie e as lágrimas gradualmente se foram. “Oh, não! Bem, há muito tempo que não. Lá quando ele era novo, ele se meteu com más influências. Eu lembro que foram pegos roubando uma das maiores lojas da cidade. Woolworths, acho que era. De qualquer maneira,

Scott não teve nada a ver com isso, mas como andava com eles, teve problemas. Mas nunca era culpa dele.”

“A única ocasião depois dessa foi quando aquela vaca da mulher dele fez um alvoroço. Ela só queria o dinheiro dele e alegou que ele bateu nela, mas ele nunca fez isso. Ela só disse isso para ganhar mais dinheiro dele e isso foi anos atrás.”

“E não teve nada depois disso?” Sandra insistiu.

“Não, nadinha.”

“Scott alguma vez discutiu o trabalho dele contigo ou te falou das pessoas com as quais trabalhava?” Sandra inquiriu.

“Algumas vezes ele me dizia que teve uma semana boa ou que um negócio foi realmente bom, mas nunca dizia mais do que isso. Nunca dizia com quem ou para quem ele trabalhava.”

“Creio que Scott te visitasse com frequência?” Alex perguntou.

“Ah sim, ele estava aqui o tempo todo. Eu te disse que ele era um bom menino.”

“Sim, você disse”, Alex respondeu, tentando ocultar seus verdadeiros sentimentos. “Alguma vez ele trouxe alguém ou alguma coisa com ele?”

“Ele sempre vinha sozinho, exceto quando a irmã vinha visitar. Mas sempre que ele vinha, ele me trazia outro pacote de Jaffa cakes, todas as vezes. Os levava pro meu quarto por mim. Colocava uma caixinha de madeira dentro do meu armário e toda vez que vinha ele ia ao meu quarto e via se tinha biscoitos o suficiente para mim na caixa. Era nossa piadinha. Eu posso pegar alguns sempre que eu quiser, mas toda noite eu como um antes de ir para cama.”

“Isso pode soar estranho, mas se incomodaria se déssemos uma olhada na caixa antes de ir?” Alex pediu.

“Sim, não tem problema, e podem comer um Jaffa cake cada um. Mas só um, lembrem-se.”

Irene disse que buscaria um cuidador para levar Alex e Sandra ao quarto de Maggie, e enquanto Maggie e Irene continuavam no conservatório, eles seguiam o cuidador por um conjunto de portas duplas, depois por uma porta operada por um painel com senha e aí um elevador. Subiram nele para o primeiro andar e aí tiveram que passar por outra porta com senha para chegar a um corredor. O quarto de Maggie ficava mais ou menos no meio.

“A segurança aqui é melhor do que a que temos na Pitt Street”, Sandra sussurrou.

O quarto de Maggie era de um bom tamanho. Tinha uma grande janela reforçada com vista para o estacionamento. Lá havia uma cama ajustável em estilo hospitalar, uma tv de LCD montada na parede e um conjunto de mobília de teca composto por um armário duplo com um compartimento superior, duas cômodas e uma mesinha de cabeceira com algumas fotos em porta-retratos. Havia duas fotos diferentes de Scott, sorridente e em roupas casuais, como se estivesse de férias. Outra de Maggie ao lado de um senhor de idade, presumivelmente seu agora finado marido, e uma mostrando uma família que batia com a descrição daquela da filha de Maggie.

“Os Jaffa cakes estão na parte inferior do armário”, disse o cuidador.

Alex abriu o armário e afastou algumas peças de roupa penduradas procurando pela grande caixa de madeira. Ele a puxou para fora e tirou a tampa. Dentro dela estavam quatro pacotes de Jaffa cakes, um deles aberto. Sob eles estava uma bandeja de madeira. Ao remover a bandeja, encontrou uma chave. Era uma chave de segurança feita com precisão, nada parecida com uma chave de porta, achatada dos dois lados, sem sulcos, com dentes quadrados, um microchip embutido e um número entalhado na parte externa. “Bingo!” ele exclamou.

Sandra percebeu que era um avanço e quis perguntar a Alex qual o significado do que tinha encontrado, mas sabia que teria que esperar até que estivessem no carro e não pudessem ser ouvidos.

Eles desceram as escadas e questionaram Maggie sobre a chave, mas ela não fazia ideia do que era ou como foi parar lá. Ela alegremente deu permissão para que levassem a chave, esperando que pudesse

ajudar a polícia a resolver o mistério quanto ao que faria Scott terminar morto.

Capítulo 5

Assim que voltaram para o carro, Alex e Sandra compararam ideias.

“Na hora que ela falou do Scott visitar duas vezes toda segunda e nenhuma outra ocasião, eu soube que tinha algo suspeito”, disse Sandra. “Acho que ele devia vir pela manhã, buscar a chave para guardar o dinheiro, ou as fotos ou sei lá e aí voltar para pôr a chave no lugar de tarde.”

“Sim, acho que você está absolutamente correta. Agora o que temos que fazer é descobrir onde essa chave encaixa.”

“Talvez seja de um cofre, ou possa ser de uma instalação ou de uma caixa-forte em um banco. Vai ser difícil descobrir para o que serve e de onde é”, Sandra continuou.

“Não, é melhor que isso”, Alex a corrigiu. “Eu reconheço o tipo. É usada para caixas de depósito em banco, mas só de um tipo. Frequentemente pedem duas chaves para abrir uma caixa. Quase todos os bancos hoje mantêm ambas as chaves em um container à prova de intrusos e exigem que você prove sua identidade a cada vez que acessa a caixa. Só restam alguns com um sistema em que o dono mantém uma chave e tem acesso livre. Rastrear isso deve ser mais fácil.”

Alex ligou o carro. “Vamos voltar e ver se descobriram mais alguma coisa.” Dito isso, ele guiou o carro pelo portão novamente.

Não muito depois, tinham coletado McAvoy, a caixa de fotos, o laudo do legista e a recém chegada documentação da cena do crime e estavam a caminho de seu escritório na delegacia regional de polícia.

Antes de começar a tratar das fotos, eles leram os relatórios, fazendo antes cópias para que cada um pudesse trabalhar com sua própria impressão.

Alex leu o detalhado relatório do legista, mas não encontrou muito além do que Sandra já havia lhe detalhado. Os dois relatórios da cena do crime eram mais esclarecedores.

Previsivelmente, havia uma abundância de digitais pela loja. Estas estavam sendo catalogadas e comparadas em um banco de dados em busca de ligações com criminosos conhecidos que trabalharam com Stevenson. O escritório da loja só rendeu digitais de Stevenson e Findlay. Algumas superfícies e o piso tinham sido recém lavadas com desinfetante e não tinham traços de fibras ou de DNA. Havia uma série de marcas borradas que pareciam ter sido feitas por uma mão com luva, provavelmente de borracha. O sistema de segurança operava com três câmeras de circuito fechado separadas que enviavam seus sinais a um velho gravador de VHS, com um sinal secundário sendo captado por um computador estilo torre. Não havia fita na máquina, embora houvessem caixas etiquetadas para cada dia da semana ao lado dela. A caixa de quinta-feira estava vazia e a fita não pode ser encontrada, então certamente o assassino a teria removido. O computador também havia sido adulterado. Foi executado um programa para deletar todos os arquivos e formatar todos os discos, mas como se isso não fosse o bastante, a máquina também fora aberta e seu disco rígido removido. Não havia sinal da porta dos fundos ter sido usada e nenhuma pegada do lado de fora. A porta da frente não havia sido adulterada e não havia sinal de sangue nela ou perto da mesma. Tinha uma tranca Yale em estilo barril que só podia ser trancada pelo lado de fora. Havia um monte de sangue derramado e espalhado sobre e ao redor do corpo. Nas proximidades dele estavam algumas pegadas ensanguentadas, mas só lá. Uma ou duas pegadas eram

reconhecíveis e eram consistentes com um estilo particular de brogue da Clark, tamanho 43, pés bem grandes portanto, mas os sapatos eram bem comuns e não eram fáceis de rastrear.

“Isso não te parece estranho?” Sandra perguntou. “O crime mostra todos os sinais de ter sido um ato de fúria, no calor do momento, sem premeditação, mas o assassino obviamente sabia como acobertá-lo e encontrou o que precisava achar para fazê-lo ou o trouxe consigo. Ele devia saber um bocado sobre procedimentos policiais, e não só o que se aprende vendo CSI. Sabia usar um computador. Tinha ou encontrou as ferramentas para abrí-lo. Ele tinha ou encontrou luvas e desinfetante. Pegadas ensanguentadas serem achadas só perto do cadáver sugere que ele tirou os sapatos, provavelmente antes de entrar no escritório, e que foram limpos para não deixar traços. Por que diabos ele faria isso? O cara provavelmente está coberto de sangue e descalço, carregando os sapatos, a fita e partes do computador, e aí sai pela porta da frente tentando não ser visto. Eu consigo ver isso se os sapatos dele estivessem sujos de sangue, ele não ia querer deixar pegadas na entrada ou perto dela, mas eu não entendo por que não tem mais nenhum rastro e, se ele está coberto de sangue, pra quê? Uma vez que ele já tivesse saído da longa sem ser visto, não faria diferença se as pegadas fossem vistas. O único risco seria acharem o corpo um pouco antes.”

“Bom trabalho, Sandra”, Alex disse antes de continuar. “Não é uma rua movimentada, mas ele devia ter um carro e ter estacionado por perto. Ele não podia ter andado pela Great Western Road, ou certamente seria visto.”

“Talvez tivesse pego uma muda de roupas na loja, ou levado uma no carro”, McAvoy adicionou.

“É uma possibilidade”, Sandra continuou. “Se o carro dele estava logo na porta da frente, ele poderia ter se arriscado a sair de ceroulas para pegar as ferramentas das quais precisava e a muda de roupas. Ele provavelmente usou uma sacola ou algo do tipo para levar tudo.”

“Tarde demais para verificar as pegadas na entrada, pois já entraram e saíram pessoas demais, mas podemos concentrar as perguntas em quem tiver visto um carro estacionado diante ou perto da porta por volta daquela hora”, especulou McAvoy.

“Vale a pena tentar, passe isso para a equipe”, Alex instruiu. “Agora, e quanto à casa?”

“Coisa parecida”, Sandra começou. “Foi cuidadosamente desmantelada por alguém que sabia pelo que procurava. Nenhuma digital, só manchas de luva. O sistema de alarme, por pior que fosse, foi desativado primeiro e as linhas telefônicas também foram cortadas. Ele estava se arriscando um pouco pois um sistema de alarme mais sofisticado teria disparado assim que a linha telefônica fosse cortada. Ele deve ter ficado na casa por um bom tempo, então é meio estranho que aceitasse esse tipo de risco, a não ser que...”

“Você pode ter descoberto algo aí. Mas como poderia saber? Ele teria que ser familiarizado com a casa ou ter algo a ver com a empresa de alarme ou com a polícia.” A fala de Alex foi seguida por uma longa pausa enquanto cada um deles digeriu as possibilidades.

“Tem mais coisa se continuar lendo”, McAvoy adicionou. “Stevenson tinha um sistema interno. Tinha webcams posicionadas pela casa gravando em seu computador. Eram todas ativadas por movimento, portanto devem ter captado o intruso. O computador também tem um backup regular configurado online. Então deveria haver um registro seguro de qualquer um se movendo pela casa. Só que o problema é que com a linha telefônica cortada, o backup nunca foi transmitido e, como na loja, o disco rígido foi retirado do computador. Isso não pode ser coincidência. O assassino não pode ter sido sortudo assim. Ele devia saber o que estava fazendo ao cortar a linha telefônica para impedir o backup.”

“Então o que quer dizer é que o assassino sabia exatamente como era o sistema do Stevenson antes de entrar na casa. Como isso se encaixa com a maneira que ele foi morto?” Alex perguntou.

“Eu não sei. Não faço ideia alguma.”

“Tem coisa demais que não faz sentido, mas ao menos estamos fazendo algum progresso.”

Alex pausou para pensar. A segurança via webcam devia ser uma adição recente. Tinha certeza de que não poderia estar lá na noite em que visitara Stevenson. Lembrava daquela noite como se fosse ontem. Antes daquilo, em contraste gritante com suas brigas frequentes quanto à sua dedicação ao trabalho, Helen o aporrinhara e aporrinhara para que fizesse algo para recuperar os valiosos bens de sua tia. Lembrava das dolorosas acusações, perguntando qual era o sentido de ser casada com um policial workaholic quando ele não conseguia proteger sua própria família. Seu relacionamento andava trepidando havia algum tempo e ele se convencera de que trabalharia para salvá-lo. Irresponsavelmente, ele pesquisou onde Stevenson morava e ‘fez uma visitinha’ a ele durante a madrugada. Lembrou de Stevenson abrindo a porta em seus pijamas listrados, deixando Alex fascinado, pensando em como ele se parecia com uma caricatura de um detento. Mas foi aí que a graça parou. Ele assertivamente se convidou para dentro de casa e sugeriu que Stevenson talvez quisesse fazer a coisa certa. Quando sua sugestão foi respondida com desdém, Alex, pela única vez em sua carreira, usou dos punhos para persuadi-lo melhor. Se afastara de Stevenson com aquilo que viera buscar, junto com dedos calejados e um remoso profundo. Alex tinha certeza de que Stevenson não poderia ter esse sistema de vigilância na época. Se tivesse, seria inconcebível que Stevenson não tivesse usado-o e ele teria sido um dos alvos de suas chantagens. O mais provável era que o sistema tivesse sido instalado como resultado de sua visita.

Quando Alex voltou para casa com seu butim, Helen estava à sua espera. Ficou acordada a noite inteira vendo TV e só restavam gotas em uma garrafa de Pinot Grigio que estava sobre a mesa. Vestia uma camisola e um negligêé mínimos. Quando ele abriu a porta e entrou na sala de estar, ela pareceu incrivelmente feliz em vê-lo e pediu detalhes do que tinha acontecido. Quando ela percebeu que ele havia recuperado as posses, ela caminhou até ele e tocou seu rosto. Ela acariciou seus dedos inchados, literalmente lambendo suas feridas, e aí abraçou-o apaixonadamente. Ele conseguia saborear o doce vinho em seus lábios e pensou ter detectado algo mais forte, talvez vodka. Ela deu meio passo para trás para ter espaço para despí-lo de sua jaqueta, deixando-a cair no chão. Então abriu o seu cinto e abaixou o zíper, descendo suas calças sobre seus quadris de forma que caíssem até seus calcanhares. Ela ergueu as mãos dele, pressionando-as contra os seus seios e então o beijou intensamente outra vez. Movido pela adrenalina e a empolgação da noite, Alex foi incapaz de resistir. Transaram ali mesmo no chão da sala de estar, de forma urgente e frenética. Alex não conseguia pensar nisso como fazer amor, não era, era um comportamento puramente animal. Estavam perdidos no momento, alheios a qualquer coisa e qualquer um. Seus gritos de paixão poderiam ter acordado os meninos. Eles poderiam vir para ver o que estava acontecendo e Alex e Helen nunca saberiam. Depois disso, não se falaram. Pela manhã, Alex fora trabalhar cedo e Helen fora para a cama.

Alex se sentia sujo. Na casa de Stevenson, agira totalmente fora de personagem, comportando-se como um capanga e não como um agente de manutenção da lei, só para satisfazer as demandas de Helen. Comprometera seus valores porque ela o pressionara a fazê-lo e então o “recompensara” na forma mais basal em seu retorno. Se sentira realmente mal depois disso e isso foi a gota d’água em seu relacionamento já tensionado. Não era como se sentisse qualquer simpatia por Stevenson. Bem pelo contrário, ele detestava o sujeito. O relacionamento de Alex e Helen nunca se recuperou. Mal conseguiam falar um como outro e nunca mais foram íntimos depois daquela noite. Se afastaram mais e mais e cerca de um ano atrás, se separaram e entraram com o pedido de divórcio.

Sua mente retornou ao presente.

“Agora, Sandra, o que mais nós temos?”

“Primeiro, tentaram abrir o cofre na loja e não conseguiram. Ainda foram capazes e mandaram buscar uma chave especial. Mas conseguiram arrombar a tranca da caixa registradora. Dentro estavam cerca de 50 libras em notas e moedas e um conjunto de chaves, duas Yales e uma Mortice, e outra chavezinha, do tipo que se usa em um cadeado forte. As chaves pareciam ser chaves de casa, mas não são da casa de Stevenson. Estamos fazendo alguns inquéritos, mas até agora não fazemos ideia de onde vão. Não tem

muito mais do que isso. Quem quer que seja que estamos atrás parece ser bem esperto. Parece saber o que vamos procurar e como, e tem cuidado para evitar que encontremos qualquer coisa útil. Tinha mais uma coisa no relatório do Connor. Apesar dos dispositivos eletrônicos terem sido todos quebrados, ainda havia um DVD no gravador de DVD. Era um disco pornô, bem hardcore, e não era o tipo de coisa que se compra na HMV. Provavelmente teve que ser comprado pela internet e não tem nada a ver com o nosso caso, mas o cara não pensou em checar o aparelho e retirá-lo. Poderia conter qualquer coisa.

“Bem, isso é tranquilizador. Nos mostra que ele não é infalível. Certo, vamos em frente. Sandra, quero que mande alguém rastrear de onde a chave do cofre veio. Donny, quero que numere cada uma dessas fotos e as escaneie no computador, assim podemos todos acessá-las ao mesmo tempo. Eu vou compor um banco de dados e, assim que eu tiver feito isso, quero que categorizemos cada foto para que possamos agrupá-las com base em quem está nela e o que está acontecendo. Podemos separar quem está com a mesma puta e - ou o mesmo cliente. Podemos separar entre hetero, gay, sadomasô ou fantasias. Quero saber com quem e o quê estamos lidando. Depois disso, o próximo passo é pôr nomes nos rostos.”

“Rostos?” Sandra questionou, repetindo sua tirada anterior.

“Bem, certamente temos um bocado de características únicas nas quais focar, mas teremos que manter a seriedade e fazer esse trabalho como qualquer outro.”

Alex e Sandra olharam um para o outro. Quando seus olhares se cruzaram, ambos caíram na gargalhada. Donny McAvoy olhava de um para o outro sem ver a graça, mas estava envergonhado demais para admitir sua falta de compreensão.

“Então, quem vai fazer o que?” Sandra perguntou.

“Vamos nos alternar”, sugeriu Donny. “Eu começo identificando as putas. Você olha os clientes”, ele disse, olhando para Sandra, “e o chefe pode separá-las com base no que estão fazendo. Aí depois de uma hora, mais ou menos, podemos trocar para ter alguma variedade.”

“Não é má ideia, Donny, mas acho que seria melhor se cada um de nós fizesse a mesma coisa até o fim. Assim nos acostumaremos com procurar pela mesma coisa. Vamos com a alocação que sugeriu. Quando parecer que há um conjunto de fotos do mesmo encontro, se é que dá pra chamar assim, coloquem na mesma categoria. Agora, se não tiverem mais perguntas, vamos começar. Qualquer coisa, podem me perguntar enquanto trabalhamos.”

Assim que as fotos foram escaneadas, eles as analisaram, de forma cuidadosa e diligente. Uma hora depois, tiraram uma folga para tomar café e então voltaram a fazer o mesmo por mais uma hora.

Trocaram várias tiradas entre si, o que ajudava a aliviar a tensão.

Donny começou, perguntando se “Já deram uma olhada na número 22? Eu não sabia que isso era possível.”

Sandra respondeu, “Acho que você errou na sua numeração. 69 nunca deveria ser assim.”

Alex também contribuiu, “Olhem para a 173. Por que diabos uma garota assim bonita estaria com um velho murcho desses?”

A resposta veio de Sandra e Donny em perfeita sincronia: “Dinheiro”.

Seu trabalho foi interrompido pouco antes das 5. Telefonaram para dar a Alex boas novas: rastrearam a origem da chave. A descrição era consistente com aquelas usadas pelo Canadian International Bank, que tinha agências na Bath Street, a oeste do centro da cidade. Além disso, o número entalhado na chave estava em uma das sequências usadas pelo banco. Não havia muitos bancos que ainda usassem as velhas chaves com um único microchip embutido, mas alguns clientes preferiam o sistema mais simples, particularmente por manterem suas chaves e não terem que revelar sua identidade sempre que queriam ter acesso. Infelizmente, o banco já estava fechado ao público para o fim de semana e nenhum funcionário com autoridade o suficiente estava disponível para ajudá-los. O gerente estivera em Londres a semana toda para uma conferência e não voltaria para Glasgow até domingo à noite, enquanto o caixa sênior já tinha saído e não pôde ser rastreado. Havia agendado um encontro para segunda de manhã cedo e o

banco confirmou que o gerente ficaria disponível para dar qualquer ajuda que precisassem e ele tivesse permissão para dar. Alex tomou nota da condição e, só para garantir, requisitou um mandado de busca e apreensão, dando a ele acesso irrestrito à caixa. Provavelmente seria desnecessário, mas Alex queria se precaver contra qualquer relutância em cooperar ou qualquer pedantismo do gerente do banco quanto à burocracia. Também queria evitar a possibilidade de um advogado inteligente desestabilizar casos futuros alegando que informação fora obtida de forma imprópria. Como era fim de semana, levaria tempo para ter autoridade para isso e podia muito bem ser segunda antes de estarem prontos para sair. Então embora não houvessem funcionários responsáveis no banco, eles não tinham realmente perdido tempo. Continuaram em sua tarefa por mais umas duas horas. Pelas sete e 15, tinham terminado as três listas e o banco de dados estava concluído e populado. A mesa estava coberta de copos de isopor usados, das doses regulares de cafeína que coletavam da máquina de vendas. Os botões que pressionaram diziam café, mas como detetives experientes, eles tinham suas suspeitas. Estavam todos acabados e nenhum deles queria ver outra foto de nudez por muito, muito tempo.

Como ISC, Alex não tinha que cumprir os turnos exigidos dos oficiais menos experientes, mas ainda assim trabalhava sempre que precisava. Neste fim de semana em particular, tinha agendado uma folga e planejava ter seus filhos em casa. Tinha planejado todo um itinerário para mantê-los ocupados e entretidos. Devia buscá-los com Helen às 7h30 e ficar com eles até domingo de noite. Alocado para o caso ontem, ainda estava em um estágio crucial e queria se manter no controle dele. Estava em um dilema, pois amava seus garotos e valorizava o tempo que podia passar com eles. Por outro lado, tinha que dar sua atenção ao caso. Alex estava bem ciente de que fora sua dedicação ao trabalho que semeara as sementes que resultaram no colapso de seu casamento. Helen não tolerava os horários erráticos, os telefonemas no meio da noite e as férias canceladas ou arruinadas. Seu relacionamento estava ruindo havia algum tempo antes do incidente com Stevenson, e depois dele eles mal conseguiam falar um com o outro. Não demorou muito para que Helen trouxesse outra pessoa para sua vida, alguém que pudesse lhe dar a atenção que desejava. A princípio, Alex ficara zangado, querendo matar ambos por sua traição e infidelidade. O divórcio não foi agradável e Helen obteve custódia dos filhos, com direito de visita regulares para Alex, podendo ter Craig e Andrew com ele por um fim de semana por mês. Aí se acostumaram com uma relação em que cada um tolerava as necessidades do outro pelo bem dos meninos. Com o tempo, Alex veio a perceber o quão difícil fora para Helen e como ele quase certamente a afastara ao priorizar seu trabalho. A raiva tinha saído de sua briga e eles tentavam cooperar, quase sendo amigáveis, para minimizar as complicações para os meninos. Este fim de semana era para ele, Craig e Andrew. Não podia abrir mão disso. Mas como um compromisso, aceitou que teria que carregar seu celular consigo onde fosse e telefonar periodicamente.

Capítulo 6

Antes de sair do escritório, Alex telefonou para Helen para explicar porque estava atrasado e teve uma agradável surpresa ao não ouvir seus costumeiros sermões.

Depois da separação, por acordo mútuo para minimizar os problemas para os meninos, Helen ficou com a casa da família. Era um bangalô separado em Clarkston, um subúrbio afluente ao sul de Glasgow, apenas alguns quilômetros de distância da casa de repouso de Maggie Stevenson.

Pouco após as oito, Alex dirigiu pelo crescente estreito e estacionou seu Santa Fé parcialmente sobre a calçada. Já estava escuro e seus passos reviravam a trilha de brita vermelha, anunciando sua chegada. Helen abriu a porta antes que ele tivesse a oportunidade de bater. Um ganido alto soou enquanto Jake, seu vira-lata de quatro anos, se espremia pelo vão da porta e empolgadamente dava voltas ao redor de Alex, saltando em busca de sua atenção.

Alex se acorou para abraçar o animal e acariciar seu pelo, não muito preocupado em cobrir suas roupas com pelo de cachorro. Alex sempre amou Jake e o sentimento era mútuo. Partiu o coração de Alex deixar ele para trás ao se mudar, mas também era o cachorro dos meninos e, como Alex trabalhava até tarde, deixar ele lá era a solução mais gentil. Não sabiam nada da linhagem do cachorro pois, como todos os seus bichinhos, Jake fora resgatado do Abrigo Cardonald para Cães e Gatos. Era óbvio por sua aparência que ele era primariamente um pastor-alemão, provavelmente com um pouco de Labrador, devido a sua boca suave. Tinha pêlos curtos e negros com uma mancha branca no peito e meias castanhas. Sua cauda longa e crespa parecia ter sido quebrada em algum ponto e rodopiava em círculos ao invés de balançar quando ele estava feliz.

Movendo sua atenção, ele viu Helen passando pela porta. Era cinco anos mais nova que Alex, bem cuidada e atraente. Com quase 1,80m, era magra e elegante. Embora tivesse um apetite bem farto, malhar três vezes por semana a ajudava a manter seu peso sob controle e seus músculos torneados. Sua cascata de cachos loiros emoldurava seu rosto e caía sobre seus ombros. Sua pele era lisa, com um tom alaranjado induzido por bronzeamento artificial, e seus olhos azul-celeste brilhavam e cintilavam.

Ela deu um passo para fora e parcialmente fechou a porta atrás de si para que tivessem um momento de privacidade. “Eu vi no noticiário que Scott Stevenson foi encontrado morto em sua loja. Isso é verdade?”

“Sim, aconteceu ontem de tarde.”

“Já sabe quem foi que fez isso? Quero dar uma medalha para ele.”

“Ainda é muito recente e você sabe que eu não posso falar disso.”

“Oh! Isso quer dizer que está envolvido?”

“Meu departamento está lidando com o caso, mas não posso dizer mais do que isso.”

Helen se afastou para deixar ele entrar.

Craig e Andrew estavam sentados na sala de estar, vendo Tv. Cada um deles tinha uma mala ao seu lado, no chão, contendo o essencial: uma escova de dente, mudas de roupas e, é claro, seus iPhones.

Craig tinha 14, era alto e tinha feições angulares. Parecia ser só braços e pernas. Tinha herdado os olhos verdes do pai, mas seus cabelos eram espessos e tinham a mesma cor que os da mãe. Não importava o quanto os penteasse, sempre pendia desganhado com pontas em todas as direções. Trajado

no uniforme padrão de sua idade, Jeans e uma camiseta, trazia no rosto o olhar duro e desinteressado tão frequentemente associado com adolescentes.

Com 12 anos, Andrew ainda carregava uma camada de gordura infantil. Tinha uma face redonda e sorridente com olhos risonhos e embora fosse consideravelmente menor e dois anos mais novo que seu irmão, ele parecia ter mais força interior, apoiada por uma sabedoria e um senso de humor que ia além de seus anos.

“Oi pai”, eles chamaram ao mesmo tempo enquanto se levantavam e recolhiam suas malas, beijavam a mãe na bochecha e passavam pela porta.

“O Colin não está?” Alex arriscou perguntar, se referindo ao parceiro de Helen.

“Ele está na cozinha. Por quê? Queria ver ele?”

“Não, está tudo bem. Eu só queria saber.” Sem pensar, Alex deu um apertão afetuoso no ombro de Helen ao seguir os garotos. Ela teve que puxar a coleira de Jake para evitar que ele se forçasse para dentro do carro com eles. Alex adoraria ter Jake com eles durante o fim de semana, como o fizera muitas vezes no passado, mas tinha planos para os garotos que não seriam apropriados para o cachorro e seria cruel deixá-lo esperando por horas no apartamento ou no carro.”

“Certo rapazes, para o cinema. Estou um pouco atrasado e ainda não comi, então vamos direto para o Odeon e eu pego um cachorro quente Lá. Já decidiram o que querem ver?”

“Andrew quer ver o filme novo do ‘Tin Tin’, mas eu acho que é muito infantil”, Craig respondeu.

“Eu acho que pode ser bom. Embora seja uma animação, Steven Spielberg dirigiu e as críticas foram bem positivas”, respondeu Alex.

“Não tem mais nada passado que eu seja velho o bastante para ver”, adicionou Andrew, “ao menos nada que valha apenas.”

“Bem, acho que está decidido então”, lamentou Craig.

“Vamos lá, dê uma chance pro filme. Agora, o que vocês querem comer e beber?”

Eles dirigiram para o multiplex Odeon em Springfield Quay, à margem do Rio Clyde, e acharam uma vaga no imenso estacionamento a céu aberto. Apesar da companhia um do outro, ambos os garotos aproveitavam do filme, fartando-se de pipoca, doces e Irn Bru. No conforto, calor e escuridão, após sua noite quase sem sono, Alex lutava para ficar acordado.

Era Andrew que bocejava quando chegaram no apartamento de Alex às 11h30. Era uma noite longa para os meninos, mas não tinham aula amanhã e podiam passar o sábado dormindo.

Alex acordou cedo e preparou a mesa com tigelas e pratos, suco de laranja e caixas sortidas de cereal, assim como leite, manteiga e geléia. Torradas fresquinhas e chá quente foram adicionados assim que os meninos chegaram.

“Comam bem, rapazes. Planejei um dia cheio pela frente e precisarão de toda a sua energia.” Alex estava dando o exemplo comendo uma fatia de torrada integral coberta fartamente com marmelada.

Depois do café da manhã, Alex se certificou de que ambos tivessem seus calções de banho e suas toalhas, aí partiram para o Centro de Natação Eastwood. A piscina era de um padrão bom, 25 metros de comprimento com piscinas separadas para crianças e spa. Uma parede inteira era feita de vidro, dando uma bela vista para árvores e gramado. O cenário era magnífico, no meio de Eastwood Part, entre o colégio St. Ninian’s e os edifícios do Conselho de East Refrenwshire. Alex comprou suas entradas e eles foram para o vestiário. Os garotos vestiram seus trajes, guardaram suas roupas em um armário e foram para a água muito antes que Alex estivesse pronto para se juntar a eles. Craig e Andrew eram nadadores competentes e representavam sua escola em suas respectivas faixas etárias. Estavam todos se divertindo, nadando e jogando na água, quando Craig se afastou no nado, cobrindo distância pela água em grande velocidade. Alex o observou preocupado até que Andrew explicou o motivo, apontando para um par de garotas da idade de Craig, que o assistiam claramente impressionadas. Alex se esforçava para não rir. Depois de completar quatro voltas rápidas pela piscina, Craig boiou até a beirada perto das garotas e

eles começaram a conversar. Alguns minutos depois, as meninas saíram para se juntar a um grupo maior e Craig retornou. Seu rosto estava corado de vergonha, mas ao mesmo tempo sorria de uma orelha à outra.

“Que que foi isso?” Alex perguntou, mas antes que Craig pudesse responder, Andrew se meteu cantando, “Craig tem uma namorada”, em voz alta.

“Cala a boca”, ele respondeu aos berros, empurrando a cabeça do irmão para debaixo d’água, sem conseguir parar de rir enquanto o fazia.

Alex conseguiu apartá-los e Craig ficou mais aberto com sua explicação.

“Tina e Alana estão no mesmo ano que eu na escola. Estavam me contando que uma galera vai se juntar amanhã de tarde na pista de gelo em East Kilbride. Me perguntaram se eu gostaria de ir com elas.”

Vendo o rosto de Alex cair, Craig se lembrou que seu pai tinha feito outros planos.

“Está tudo bem, eu posso te deixar lá depois do almoço e te buscar às cinco para te levar para casa.”

“Desculpa aí pai. Não se importa mesmo?”

“Não, está bem. Vai me dar a oportunidade de passar um bom tempo com o seu irmão.”

“Ah saco!” Andrew interrompeu.

Ocorreu a Alex que Craig não era mais uma criança. Estava crescendo, já era um adolescente, incluindo os hormônios efervescentes que vinham com a idade. Sabia bem que não devia tentar interferir com seus planos.

Também lhe bateu que hormônios, sexo e paixão eram uma influência poderosa. Eram os fatores principais por trás das chantagens de Stevenson e por consequência, provavelmente eram a causa de sua morte. Frequentemente se citavam estatísticas associando a criminalidade ao uso de álcool, mas quando Alex para para pensar, uma cacetada de crimes tinham a ver com sexo. Não eram apenas os estupros e as agressões sexuais. Havia atos indecentes e chantagem, é claro, mas também tinha brigas e outras ações que resultavam de inveja, cobiça ou vingança, para não mencionar as ligações mais tênues com furtos e violações de trânsito. Se não estivesse tão ocupado tentando resolver crimes, Alex adoraria pesquisar e preparar uma dissertação sobre o assunto. Talvez até tentar um doutorado.

Voltando ao carro, Alex fez mais uma pergunta. “Sobre amanhã, vai precisar dos patins, ou vão só se encontrar na praça de alimentação?”

“Ai merda! Eu não perguntei. Ah, desculpa, pai, eu não quis dizer isso.”

Embora encorajasse os meninos a não usar palavrões, Alex achava que essa não era hora para se incomodar.

“O que posso fazer? Não quero ficar de fora se todo mundo for pro gelo, mas vou parecer um mané se chegar de patins e ninguém mais os levar.”

“Por que não telefona para as meninas e pergunta?”

“Eu não tenho o número delas. E eu não quero parecer idiota.”

“Eu tenho certeza que conseguiria o telefone delas facilmente se quisesse, mas você disse que uma galera ia. Podia ligar para mais alguém.”

“Pai, por favor, não. Eu não quero. Que tal eu levar os patins comigo, mas deixar eles no carro? Aí você me espera só um pouco, eu vou lá, vejo o que está rolando e volto se precisar deles. E se não precisar eu posso te ligar pra te avisar que pode ir embora.”

Alex achou o plano ridículo, mas tudo que disse foi, “Então é melhor ligar para a sua mãe para avisar que vamos passar lá para buscá-los.”

Da piscina eles pegaram um desvio para buscar os patins e foram almoçar. Alex tinha feito uma reserva para o meio-dia no La Brava, um estiloso restaurante-bistrô-delicatessen italiano em Netherlee, alguns quilômetros de distância da casa em Clarkston, na estrada que levava para Glasgow. Era um dos favoritos dos meninos. Alex também adorava ir lá e fora seu freguês frequentemente antes do seu casamento ruir. A única coisa que não gostava era a dificuldade em estacionar perto ou na movimentada

estrada principal. Mas como hoje era sábado, ele facilmente encontrou uma vaga no estacionamento dos professores da escola adjacente.

Quando Alex e os meninos passaram pela porta da frente, seus sentidos foram atacados pelo pungente aroma de queijos, salames, azeitonas e pães frescos. Cobrindo quase que toda a extensão da sala, um balcão de frios estava coberto de delícias tentadoras. Atrás dele estavam prateleiras cobertas de pães continentais e para o lado estava um armário menor separado e refrigerado com várias prateleiras de bolos maravilhosos e sobremesas. A área principal era destacada com mesas e cadeira com armação de metal e a parede dos fundos tinha uma grande ‘escotilha’ que dava vista clara para a cozinha.

Rico, um dos donos, veio pessoalmente recebê-los novamente.

“Alex, faz tanto tempo. Como vai? O que anda fazendo?”

“Não posso reclamar”, ele respondeu, “ao menos ninguém quer ouvir quando reclamo. É bom voltar. Os meninos adoram vir aqui e eles estão famintos, pois fomos nadar. E não temos muito tempo, pois temos ingressos pro Ibrox hoje de tarde. A partida começa às 3.”

“Sem problema. Já trago o cardápio para vocês. Contra quem que os Rangers estão jogando?”

“Hoje é o Dundee United.”

“Não deve ser um desafio muito grande vendo como os Rangers andam jogando recentemente.”

“Espero que não, mas veremos.”

“Vai querer um ‘Peroni’ como de costume?”

“Melhor não. Estou dirigindo.”

Craig pediu um Panini com Salada. Andrew pediu Gnocchi à Bolonhesa e Alex não pode resistir a um Spaghetti Carbonara. Todos devoraram sua comida acompanhada de uma água mineral Ferrarelle. De sobremesa, os meninos pediram cada um seus picolés escoceses favoritos enquanto Alex pedia um espresso.

Quando estava prestes a erguer a xícara, Alex sentiu uma mão pesada em seu ombro. “Eu estava passando pela janela e pensei ter te reconhecido. Não te vejo muito por essas bandas, não hoje em dia.”

A figura de pé atrás de Alex parecia muito mais velha do que ele. Tinha pouco menos de 1,80m de altura, com ombros musculosos e um silhueta atarracada. Seu rosto pesado e redondo era pálido, com olhos saltados e bochechas inchadas. O pouco cabelo que tinha era grisalho e ralo, cercado uma cabeça calva. Seu traço mais proeminente era uma fina linha vermelha que corria de pouco a frente de sua orelha até seu queixo, passando por sua bochecha gorda. Tinha adquirido isso ao ser cortado enquanto efetuava uma prisão no começo de sua carreira. Precisara de tratamento de emergência e perdera quase um mês de serviço, voltando com uma face inesquecível e um prêmio por bravura.

“Olá, Bill. Estou cuidando dos rapazes este fim de semana. Fomos nadar e aí vamos ver uma pelada.”

“Não deixe que eu atrapalhe”, Bill responde. “É só que te vi e pensei em dar um oi.”

“Tudo bem, venha e tome um café conosco. Mal te vejo agora que foi para o corredor de comando.”

William Forbes recém fora promovido para Chefe Assistente de Polícia. Ele e Alex entraram para a força e passaram pelo treinamento na Academia Policial de Tulliallan ao mesmo tempo. Ambos foram reconhecidos por seu potencial elevado e nenhum deles decepcionou as expectativas neles depositadas. Continuaram amigos íntimos por anos e foram ao casamento um do outro. A vida de William fora tocada pela tragédia. 14 anos atrás, mais ou menos quando Craig nasceu, a filha de William, com apenas três meses, foi diagnosticada com um câncer raro e só sobreviveu mais duas semanas. Ele e sua esposa não conseguiram lidar com a perda. Cada um procurou motivos para se culparem e aí para culparem um ao outro. Ele continuou a fumar durante os primeiros meses da gravidez e ela tomou remédios contra o enjoo. Sonharam com outras causas ao olhar fundo o bastante. É claro que não havia ligação, mas estavam procurando desculpas para poder jogar culpa. Em poucas semanas, passaram de um inseparável casal apaixonado para dois indivíduos que não conseguiam conversar e que odiavam ficar na mesma sala. Seus médicos, suas famílias e seus amigos tentaram todos consolá-los, imergindo-os em platitudes,

dizendo a eles que não havia nada que pudessem ter feito, que não era sua culpa, que o tempo era um grande curandeiro e que ainda eram jovens e poderiam ter mais filhos. Nada disso ajudou, muito pelo contrário, e era improvável que tivessem mais filhos quando não conseguiam nem olhar um para o outro. William se mergulhou no trabalho e sua esposa começou a beber mais e mais em uma tentativa de fugir da realidade. Exatamente um ano depois de perder sua filha, o carro da esposa de William saiu de controle na rodovia M8 entre Edimburgo e Glasgow e colidiu com uma ponte de concreto. Era uma noite calma e não havia nenhum outro veículo envolvido. Embora não pudessem descartar suicídio, o inquérito sobre a fatalidade concluiu que havia sido um acidente. Isso, é claro, não calou os fofoqueiros, que alegavam que a frieza de William perante a morte da filha levava sua esposa a tirar sua própria vida. William estava ciente dos boatos, mas não ligava e não conseguia ver além da obsessão narcisista de sua própria dor. Se qualquer coisa, ele se retraiu ainda mais e, incapaz de se qualquer espécie de interação social, se devotou completamente ao trabalho. Progrediu rapidamente pelo escalão. Não tinha religião, não praticava esportes e raramente se socializava. Seus únicos interesses públicos além da polícia era trabalhar no apoio de organizações de combate ao câncer, particularmente as voltadas para crianças. Tinha cargos executivos nos conselhos e diretorias daquelas pelas quais era mais apaixonado.

Forbes puxou uma cadeira e chamou um garçom para pedir um cappuccino.

“Ouvi falar que está investigando o caso Stevenson. Já tem alguma pista?”

Alex ficou surpreso ao ouvir que Bill estava interessado, pois não era em sua província e Bill normalmente era muito focado. No entanto, Alex percebeu que este homicídio tinha todas as marcas de um caso gravíssimo, que seria discutido pelo alto escalão. Como Forbes era um workaholic, ele se perguntou se havia alguma crítica implícita por estar tirando o fim de semana de folga. “Ainda estamos no começo”, ele respondeu, evitando falar demais. “Temos algumas coisas interessantes para investigar e eu botei Sandra McKinnon no campo. Ela está me mantendo atualizado. Eu estava com esse fim de semana planejado há eras, mas embora não esteja na delegacia, estou com o dedo no pulso”, ele adicionou, defensivamente.

“Sim, ouvi que ela é uma boa menina, cheia de potencial.”

Alex conseguia ver que os meninos estavam começando a parecer entediados. “Por que não passa no meu escritório segunda e eu te informo de tudo?” ele adicionou, indicando que não queria ter essa conversa diante dos meninos.

“Não, tudo bem, não é da minha conta mesmo, só estava curioso. Você disse que ia para o jogo, que partida?”

“Estou levando os meninos pro Ibrox para ver a partida contra o Dundee United. Eles são fãs do Rangers.”

“Och, está perdendo seu com os times grandes. O dinheiro estragou o jogo e tirou toda a diversão. McCoist fez um ótimo serviço como técnico, mas eu acho que os novos dirigentes são encrenca. Tive que limpar parte da sujeira deixada por um dos negócios feitos anteriormente por Craig Whyte e eu não o vejo com bons olhos. Não, garotos, se querem ver um jogo que valha a pena, deveriam seguir um time menor. Algo como o Clyde. Eu apoiei o ‘Bully Wee’ desde que eu era um pivete, e podemos não ter ganhado nenhum troféu, mas eu nunca me decepcionei com a dedicação deles. Deviam vir comigo uma vez dessas.”

“Qual o problema, se sentindo só, sendo o único apoio deles?”

“Certo, tem razão, mas ainda é melhor do que ficar espremido em um estádio cujos jogadores não dão a mínima para o jogo, só para o dinheiro. De qualquer maneira, esbarrando contigo aqui, eu por acaso tenho alguns bilhetes para a rifa. É do sorteio de outono da Fundação Escocesa para o Câncer Juvenil e vai ser sorteada no jantar de gala que teremos amanhã à noite. Como eu sou o tesoureiro, eu tenho um assento na mesa maior, então vou garantir que tenha uma chance justa. É um evento black-tie e eu estou

indo tirar meu kilt da naftalina. Então certamente vai querer alguns tickets. O primeiro prêmio é um Ford Ka. Uma libra o ticket ou cinco libras o talão.”

“Me vê dois talões”, Alex respondeu, tirando uma nota de dez de sua carteira.

“O que é isso? Eu te avisei quanto a vender coisas dentro do meu restaurante”, Rico perguntou, sorrindo, enquanto colocava o café espumante diante de Bill.

“Culpado da acusação. Não se preocupe, não vou repelir seus bons clientes, só os delinquentes como esse.”

“Tudo bem, me vê dois talões também.”

Capítulo 7

Alex mal tinha virado a chave do carro quando o telefone tocou. Pela tela do ‘Parrot’, podia ver que era Sandra chamando. Ele desligou o motor do carro para desativar o viva voz e ergueu o handset do telefone para atender. Ligou o rádio para que os meninos escutassem-no. Estava na Radio Clyde e ele notou que estava no meio de uma de suas músicas favoritas, *Hotel California*, do Eagles Acompanhado pela letra ‘You can check-out any time you like, but you can never leave’, ele desembarcou no estacionamento, para que pudesse conversar melhor em privacidade.

“O que está rolando?”

“Um bocado de progresso. Primeiro, a equipe do Connor entrou no cofre. Tinha cerca de cinco mil lá, em cédulas, tudo em notas usadas. Nenhuma digital relevante. O dinheiro não batia com as notas fiscais da loja, então podem ser ganhos ilícitos da chantagem ou só uma reserva de dinheiro para fazer compras, não tem como dizer. Também tinha um caderno, do tipo usado para manter contabilidade. Sabe o tipo, com as colunas para o dinheiro? As únicas coisas nele eram símbolos e letras, algum tipo de código. Também tinha números. Acho que era assim que Stevenson mantinha registro de suas vítimas e do quê e quando elas o pagavam. Estão tomando medidas para que deem uma olhada para ver se alguém consegue quebrar o código. Mas o mais interessante era uma arma, um revólver Smith&Wesson, e ele tinha as digitais do Stevenson nele. Não estava carregado, mas tinha uma caixa de munição e ela não estava cheia. Eles fizeram testes e não parece ter histórico. Não é uma arma comum para essa parte do mundo e é um mistério onde os cartuchos foram usados. Pode ter sido só treino, é claro.”

“Seguinte, continuamos com o porta a porta, mas não nos rendeu nada de proveitoso. Temos uma lista do tamanho do seu braço de gente que reclamou ou chiou do Stevenson, mas ninguém que tenha visto ou ouvido qualquer coisa de importante.”

“Fitzpatrick foi genial com as câmeras. Ainda está trabalhando com as gravações, mas já nos deu uma lista de 12 veículos que foram vistos em ambos os locais. O homem é incrível, mas eu não sei como ele consegue.”

“Conseguimos pegar emprestado um dos CDFs da contabilidade forense. Connor conseguiu isso para nós e ele está debulhando os registros financeiros do Stevenson. Ele é parte de algum departamento novo e eu combinei de ir ao escritório dele às 4 para analisar o que ele tiver achado. Quando eu falei com ele, ele disse que organizaria a pesquisa com base em juros de outros negócios e propriedades. Portanto eu estou ansiosa para ver o que ele achou.”

“Agora, as más notícias. Estamos tentando encontrar os homens e mulheres da noite com base nas fotos. Fizemos a ronda com os contatos de costume, mas ninguém os reconheceu. Não são conhecidos em nenhum dos circuitos normais. Também verificamos as ruas e as agências de acompanhantes, mas nenhuma pista nelas. Podem ser novos no jogo ou talvez sejam de fora da cidade. São quase todos jovens, mas não parecem menores de idade. As pessoas com quem falamos disseram que a maior parte das garotas novas que veem são asiáticas ou do leste europeu, mas pelas fotos isso não bate com nosso grupo.”

“Mmm, eu imaginaria que ao menos uma delas seria reconhecida.”

“Até agora não. De qualquer maneira, um pouquinho mais de sorte com os clientes. Já identificamos alguns deles. Quase tudo gente de alto nível. Temos dois gerentes de banco, alguns executivos sênior e, espera só, um xerife.”

“O quê?”

“Você me escutou direito. Eu disse um xerife. McSweeney. Ele serve regularmente como um magistrado na corte de Paisley. Você deve se lembrar, foi com ele que a imprensa foi à loucura uns meses atrás, e não sem motivo. Era por causa da mão frouxa dele, aceitando recursos bem questionáveis da defesa. Planejo agendar algumas entrevistas, mas ainda não combinei nenhuma. Pensei que gostaria de participar dessa.”

“Você tem razão. Trabalhou bem, muito bem. Mais alguma coisa?”

“Pode apostar, e é estranha. Uma das fotos que tentamos rastrear pensando que era uma profissional acabou sendo de uma cliente, e não é uma cliente qualquer, é parte do conselho local. Devíamos ter reconhecido ela antes, mas foi tão inesperado. É Shirley McCann. Ela é casada, com dois filhos, e tem só 20 e tantos, mas parece ainda mais nova. É reconhecida como uma das candidatas promissoras da oposição, a caminho de uma cadeira em Holyrood ou Westminster. Eu estou tentando descobrir onde ela está para que eu possa arranjar uma entrevista. Estava planejando vê-la com o Sanjay, pois não confio que Donny não vá meter seu pé no meio, a não ser que queira que eu te espere?”

Alex assoviou baixinho. “Você certamente andou ocupada. Não, vá em frente e agende na primeira oportunidade. E acho que tem razão em manter Donny longe dela. Donny e mulheres influentes não são uma boa mistura.”

“Só mais uma coisa, lembra da inconsistência na história do Findlay? Nós a verificamos. Ele fez a chamada de emergência pelo telefone da loja, mas nós fomos atrás e descobrimos que ele também deu um telefonema com o celular mais ou menos um minuto depois, antes que alguém chegasse. Foi para um celular. Verificamos os registros dele e ele nunca ligou para aquele número antes, ao menos não nos últimos três meses. Mas o número recebeu ligações do telefone da loja algumas vezes e também foi chamado da casa de Stevenson. Muito curioso. Eu tentei ligar para o número, mas ninguém atende. Mande rastrear-lo e estou agendando para ver Findlay novamente amanhã. Vou pôr um pouco de pressão nele e ver o que consigo.”

“Ah, mais uma coisa. Quando checamos o telefone da loja, tinha umas duas chamadas para um celular diferente na manhã do homicídio. a última foi por volta da 1h10. Portanto, baseado em quando Findlay nos disse que saiu, isso pode ser nosso assassino. Eu tentei verificar. O número é um daqueles pré-pagos vagabundos que se compra na Tesco. Os dados do comprador eram falsos, então parece ser um beco sem saída, a não ser que o encontremos com alguém ou o dono o ligue.”

“Você agiu incrivelmente bem, mantenha o bom serviço e me mantenha informado.”

Alex embarcou novamente no carro e notou que a música tinha parado e que o locutor da rádio estava especulando sobre a partida de futebol daquela tarde. Ele dirigiu de volta ao apartamento e todos eles se trocaram e pegaram os ingressos para a partida. Então seguiram para o Ibrox onde, por conhecer muitos entre os funcionários, Alex foi capaz de encontrar uma vaga perto do estádio. Eles mostraram seus ingressos na catraca, pegaram uma cópia do programa e foram aos seus assentos. Aí, enquanto esperavam o jogo começar, eles entusiasticamente discutiam a possibilidade dos Rangers manterem o título após um bem sucedido começo de temporada. Uma vitória hoje aumentaria sua vantagem no topo das colocações. Já estavam 9 pontos à frente do Motherwell e 12 diante do Celtic, e estes jogavam um contra o outro no dia seguinte.

Minutos após o jogo começar, Alex ficou primeiro irritado e depois progressivamente enfurecido com o comportamento de um espectador de meia-idade sentado três fileiras diante da deles. O homem estava claramente intoxicado, pulando para fora do seu assento, gritando e xingando os jogadores e o juiz

das piores maneiras possíveis. Nada parecia agradá-lo e ele se certificava de que todos soubessem disso.

Embora não quisesse deixar os meninos muito isolados do mundo real, Alex ficava infeliz deixando-os expostos a esse tipo de obscenidade. Enfim, Alex teve o que bastava.

“Nós viemos para ver uma partida de futebol, não para ouvir suas reclamações. Então guarde elas para si!”

“Ah é?! E quem vai me obrigar?” veio a resposta do marginal, que deu a volta mostrando seus punhos cerrados.

“Bem, eu estou pronto”, respondeu Alex erguendo sua carteira de policial enquanto se levantava completamente, algo cujo efeito era ampliado pelos degraus da arquibancada do estádio.

O meliante se virou de costas e se sentou, sem fazer nada além de resmungar para si mesmo pelo resto da tarde. Uma salva de aplausos espontânea eclodiu à sua volta e, testemunhando os tapinhas nas costas e as expressões de gratidão do resto dos espectadores, os garotos olharam para seu pai com aprovação.

Aproveitaram o jogo ainda mais quando Nikita Jelavik levou o time de casa adiante no primeiro momento de ofensiva real dos Rangers durante a partida. Embora estivesse longe de ser sua performance mais impressionante, o jogo terminou com a vitória dos Rangers por 3 a 1, dando a eles uma vantagem de 12 pontos na Primeira Liga Escocesa. Seus fãs partiram contentes com o resultado.

Sandra nunca estivera antes neste escritório. Nem sabia que ele existia. Chegara no moderno bloco de edifícios na Waterloo Street pouco antes do seu agendamento às 4 horas. Entrou pela porta giratória e, depois de mostrar sua identidade no balcão do segurança, foi informada de que devia pegar o elevador para o terceiro andar e entrar na quarta porta seguindo o corredor, marcada suíte 15.

Se aproximando da entrada, ela viu que a parede do escritório era feita de tijolos de vidro opaco e que a porta em si era vidro fumê pesado com três trancas Mortise reforçadas separadas. Suas batidas no vidro foram rapidamente respondidas e a porta se abriu para um escritório muito grande, iluminado e arejado. Toda a mobília era moderna e feita de alumínio ou faia. Havia algumas escrivaninhas, duas mesas grandes, uma profusão de monitores e uma série de armários de arquivo. Apenas duas pessoas estavam lá. Sandra se perguntava se não teria vindo ao escritório errado. A garota que abriu a porta parecia estar no começo dos vinte. Tinha pele muito pálida, longos cabelos negros como ébano e estava vestida à moda gótica.

Ela se apresentou. “Oi, meu nome é Celia. Você deve ser Sandra. Você tem um horário marcado com o Geoff. Ele está terminando um telefonema, mas pode ir pra mesa dele e se sentar. Ele vai falar contigo em um segundinho.”

Celia voltou à sua mesa perto da porta. A maneira como a sala era organizada causou estranhamento em Sandra. Era um escritório tão grande e as duas pessoas nele estavam em pontas opostas. Não gostavam um do outro, ou estariam apenas tentando aproveitar o espaço?

Assim que ela se aproximou da mesa, Geoff se virou para ela. Parecia ter mais ou menos a sua idade e era de estatura média. Tinha os ombros largos e braços musculosos que geralmente eram associados a um jogador de rugby ou um nadador e cabelos loiros-claros bem aparados. Não tinha barba, com olhos castanhos e feições lisas e simétricas, salvo por um desnível em seu nariz, que parecia ter sido quebrado no passado, talvez confirmando que jogava rugby. Seus jeans apertados faziam força para conter suas coxas musculosas e ele vestia uma camiseta do álbum ‘Forty Licks’ dos Rolling Stones.

Sandra piscou algumas vezes. Não era isso que ela esperava. Apresentada por Connor via telefone, havia agendado para falar com o que esperava de alguém da seção de investigações financeiras da força.

Embora não soubesse bem o que esperar, certamente não era isso. Provavelmente se sentiria mais em casa em um escritório escuro e bagunçado, com grandes pilhas de papel e velhos móveis de madeira, atendida por alguém calvo, de meia-idade, gordo e de óculos, em um terno risca de giz. Ela não conseguia evitar encará-lo.

Para aumentar seu desconforto, estava aturdida por seu largo sorriso perfeito e seus olhos dançando com alegria. “Te decepcionei? Esperava alguém de terno e gravata?”

“Não, não”, ela gaguejou, demonstrando sua vergonha. “É só que eu nunca estive nessa sessão antes.”

“Nem poderia. É nova. Deixe-me explicar.” Enquanto falava, Geoff reciprocava, sondando com apreço a forma delgada de Sandra. “Estamos fazendo um experimento com a colaboração da polícia, da sociedade jurídica e dos corpos contáveis. Este escritório foi aberto mês passado, em estágio probatório. Está sendo operado por parte do seu pessoal junto com destacamentos de algumas firmas de contabilidade e escritórios de advocacia. Eu sou Geoff Thomson e sou um contador. Deus, isso soou como uma apresentação numa reunião do AA. Sente-se e te contarei mais sobre isso.”

“Como disse, eu sou um contador profissional e trabalho para Ross Marwick, uma das quatro maiores firmas de contabilidade. Depois de me formar, eu trabalhei com insolvência por um tempo e realmente gostei. Me deu um apreço por estar no lado forte, dirigindo um negócio, mas o que eu realmente adorava era me envolver com investigações e rastrear para onde o dinheiro tinha ido. Eu também passei um tempo no departamento de contabilidade forense. Quando a oportunidade desse destacamento surgiu, eu fui com tudo. Você falou com a Celia ao entrar. Ela é uma bacharel em direito. Planejamos ter três contadores, dois advogados e algumas pessoas do seu departamento nessa unidade, mas isso vai precisar de um pouco mais de tempo. Por ora, somos só nós e o Tony, mas ele está de folga durante o fim de semana. A maior parte do trabalho será feito em conjunto com o Escritório de Fraudes Graves, mas quando tem tempo, queremos ter uma interação maior como o DIC. O inspetor Connor me contou desse caso quinta à noite e eu disse que ficaria feliz em dar uma olhada e talvez lhes dar uma ajuda. Busquei os arquivos ontem. Não temos muito tempo pois da terça em diante nosso tempo já está comprometido, pois estaremos em uma investigação maior em conjunto com o EFG de Liverpool, tratando da parte escocesa de um dos seus casos. Por isso que estou trabalhando durante o fim de semana.”

“Foi bom da sua parte”, ela respondeu sorrindo.

“Bem, o que mais eu faria em um sábado de vento e chuva? Agora que eu me aposentei do Rugby, ao menos de forma regular, eu tenho tanto tempo livre.”

Internamente, Sandra parabenizou suas habilidades de detetive.

“Mas sinto falta da socialização depois da partida. Quem sabe, depois de terminarmos essa reunião, não aceitaria sair para um drinque?”

Sandra foi pega de surpresa. “O quê? Está me convidando para sair?” Conheceu esse cara há dois minutos e achava que ele estava dando em cima dela. Estaria mandando os sinais errados? Sem dúvidas que era bonito e devia ser inteligente para ter esse trabalho, mas ela não se sentia pronta para aceitar um convite sem conhecer ele melhor antes.

Vendo sua expressão consternada, Geoff continuou. “Uou, pera aí. Não tem nada pesado aqui. Eu tive uma semana corrida e estou batendo o ponto depois da nossa reunião. Celia e eu já havíamos combinado de ir tomar umas cervejas quando terminássemos e eu pensei que talvez quisesse se juntar a nós.”

Agora Sandra se sentia ainda mais envergonhada. Teria lido errado e se precipitado? Ou seria realmente uma cantada? Sandra nunca teve falta de admiradores, mas não teve muitos namorados de verdade. Quando terminou com um alguns anos atrás, ele a acusou de ser assustadora e de intimidar as pessoas para que se afastassem. Talvez ele tivesse razão e ela fosse reservada demais, despreparada para dar chance a qualquer um.

“Não, não, tá tudo bem. Foi só brincadeira. De qualquer maneira, temo que tenha um bocado de coisas para fazer antes de estar livre. Talvez outra hora.”

“Ótimo, tomaremos a saideira”, respondeu Geoff. “Fica para outra hora. Não ficarei por muito tempo mesmo. Tenho que voltar para dar uma folga para minha parceira. Liz está em casa o dia todo cuidado dos gêmeos e ela vai precisar de reforços.”

Então ele tem uma parceira, Sandra pensou, e filhos. Ou ele é um cara sincero que só quer relaxar um pouco antes de ir para casa, ou meus instintos estavam certos e ele meio que um cafajeste. De qualquer maneira, estou aqui a negócios, então vamos logo. “Bem, o que conseguiu?”

Geoff puxou uma cadeira para o seu lado da mesa e deu uns tapinhas nela convidando Sandra a mudar de assentos, para que pudesse ver os documentos e a tela.

“Como eu disse antes, não tivemos muito tempo, mas conseguimos processar os registros bancários e de negócios de Stevenson. A princípio, parecia que todos os registros dele eram imaculados. Tinha recibos e notas fiscais para quase todas as transações. Mas quando olhamos melhor, não estavam tão limpos. Não estavam nada limpos. Era um tanto estranho, pois olhamos para os últimos três anos e parecia haver uma mudança considerável há cerca de um ano.”

“No período inicial, havia uma inconsistência devido a várias transações que davam muito lucro, mas que eram compensadas por várias outras que davam prejuízo. Algumas vezes, era quando as compras haviam sido feitas pela mesma pessoa. Com as vendas lucrativas, a compras associadas eram frequentemente feitas por cheque, mas com uma frequência maior, as compras que davam prejuízo eram feitas em dinheiro ou parte em dinheiro e parte em cheque.”

“Não entendi. Por que isso?”

“Tínhamos nossas suspeitas, mas tivemos que fazer um pouco de pesquisa antes de ter certeza. Fizemos algumas ligações de teste. Todas as compras que verificamos em que ele lucrou foram confirmadas pelo vendedor. Alguns reclamaram que foram roubados no acordo. Era uma história diferente quando ele tinha prejuízo. Não conseguimos confirmar o preço com nenhum dos vendedores. Alguns não sabiam nada da transação e outros confirmaram a venda mas alegaram que receberam muito menos. Verificamos em detalhes os documentos da compra e descobrimos que um bocado deles foram adulterados. Olha essa aqui: é de um anel que foi comprado por 50 libras e alterado para dizer 260. Olhando de perto, dá para ver que as marcas de caneta no “dois” são diferentes. Aí, quando foi vendido foi por apenas 120. Na verdade ele lucrou 70 libras, mas as contas demonstram um prejuízo de 130.”

“Por que ele faria isso?”

“Dois motivos: primeiro, para reduzir seus lucros de forma que não tivesse que pagar impostos corporativos ou para pagar menos e segundo, para tirar dinheiro da empresa sem mostrar, novamente para que não pagasse impostos ao retirá-lo. Era uma empresa limitada. Se estava tirando dinheiro, deveria pagar imposto de renda e previdência nacional.”

“Foi bem pensado então?”

“Sim, suponho que sim, mas não foi muito sofisticado. Era uma fraude bem amadora para enganar o fisco e não seria muito difícil de detectar se soubesse onde procurar.”

“A maioria das vendas parece legítima. Muitas delas foram pela loja e ele foi pago primariamente via cheque ou cartão de crédito, o que não dá a ele muito espaço para fraudar. Ele também vendeu um bocado para o comércio, o que poderia passar por uma inspeção mais aprofundada. Vendeu vários itens em leilões e comprou por eles também. Usou primariamente a Great Western Auctions, sabe, em Scotstoun, o da Anita Manning, que usam em Bargain Hunt?”

“Ah, sei, eu gosto dela.”

“E ele também, aparentemente. Fez muitos negócios lá e, pelo que vejo, foram todos completamente legítimos.”

“Você disse que isso era o período inicial e que aí tudo mudou. Então, o que foi que aconteceu?”

“Não mudou tudo. Tudo que acontecia antes continuou acontecendo, mas de repente um tipo novo de transação começou a acontecer e com frequência.”

“Várias transações foram processadas, sem tirar lucro ou dar prejuízo. Isso por si só não é estranho. Você nem sempre sabe como o mercado vai reagir e talvez simplesmente queira seu dinheiro de volta. Vendo como anda a economia, coisas como antiguidades podem ser um mercado bem volátil. A parte estranha era que estavam sendo compradas e vendidas em questão de dias e os itens eram mais commodities, principalmente ouro e alguns diamantes. O ouro se deu principalmente na forma de moedas, soberanos e etc enquanto os diamantes estavam todos acima de um quilate, então eram diamantes para investimento e não para jóias fajutas.”

“Por que isso é estranho?”

“Para um comerciante, itens desse tipo tem um preço conhecido. Não se esperaria que Stevenson os comprasse a não ser que tivesse uma oferta muito boa ou já tivesse um comprador e fosse tirar uma margem decente. mas na maioria dos casos, o preço que ele pagou estava na lata. Não tinha espaço para tirar lucro e previsivelmente ele os revendia quase que de imediato, mas por um preço que era quase o mesmo que havia pago.”

A face de Sandra trazia uma expressão confusa.

“Talvez faça mais sentido quando eu disser que ele invariavelmente pagava pela compra em cheques e então vendia os itens por dinheiro vivo. As notas fiscais passavam pelo banco embora fosse pago em cédulas.”

“Então era algum tipo de esquema de lavagem de dinheiro?”

“Exatamente. Stevenson tinha dinheiro que não podia declarar. Pelo que ouvi, deve ser dos seus esquemas de chantagem, e ele o convertia em ouro e diamantes. Coisas que podiam ser facilmente reconvertidas em dinheiro, que são fáceis de guardar e não podem ser rastreadas, não sem um gemólogo por perto ao menos.”

“Nossa, parece que ele tinha tudo bem acertado?”

“Yep. Teria funcionado perfeitamente, contanto que ninguém bisbilhotasse demais nos registros. E foi aí que eu entrei.”

“Bem, o que isso nos diz sobre o assassino?”

“Nada, na verdade. Temos evidências indicando fraude, evasão fiscal e lavagem de dinheiro, mas como ligar isso com o seu homicídio é do seu departamento, não do meu.”

“Tem alguma coisa que devemos fazer quanto aos crimes que descobrimos?”

“Essa é uma questão complicada. Não dá para intimidar alguém que está morto. Mas por outro lado o capital que ele acumulou vem de atividades ilegais, portanto não queremos que eles sejam passados para a família dele como parte da herança. O Procurador Fiscal vai ter que dar uma olhada e a HMRC pode querer abrir sua própria investigação.”

“E quanto às moedas e os diamantes, onde acha que ele guardou o estoque?”

“Ah, isso também é trabalho seu. Dito isso, também me pediram para dar uma olhada e ver que outros negócios ou propriedades Stevenson tinha, então isso pode lhes dar algumas pistas.”

“Eu verifiquei os registros de empresas e Stevenson está listado como diretor e dono de quase todas as ações da Odds and Ends Limited. Também está listado em três outras empresas: SS Sales Limited, Steve Scott Antiques Limited e Meg Assets Limited. Tinha uma quarta, mas ela faliu e foi liquidada há cerca de dez anos. SS e Steve Scott são empresas dormentes e Meg não está no mercado. É uma empresa de investimentos e tem algumas propriedades e ações. Em um ponto, as ações da Meg eram compartilhadas por Stevenson e sua mãe, mas alguns anos atrás ela as transferiu. Quase todas para ele, com um punhado para a irmã. Ela provavelmente não as queria, ou para ser mais direto, ele não queria que ela as tivesse para que não afetasse seus direitos previdenciários.”

“Espera, eu realmente não saquei?”

“Tudo tem a ver com legislação previdenciária. A mãe do Stevenson mora em uma casa de repouso e as despesas lá são de centenas de libras por semana, provavelmente umas 700 ou 800. Se ela tiver seu

próprio dinheiro, então ela tem que pagar por isso, mas se ela não tiver dinheiro algum, o Conselho municipal paga. Não é tão simples assim. Ela pode ter um pouco de dinheiro ou bens, mas se for mais de 14 mil libras, então ela tem que pagar.”

“Sério? Eu pensei que o governo Escocês tivesse leis sobre não ter que pagar pelo trato de idosos.”

“Tem legislação sobre isso, mas ela não cobre custos com asilos.”

“Mas se ela tivesse bens e os cedesse, isso certamente poderia ser traçado e contestado.”

“Isso é verdade, mas antes as autoridades teriam que suspeitar de algo, e a legitimidade do presente dependeria de a quanto tempo foi dado e se poderia ser explicado de outra maneira.”

“Deus, eu não sabia que essas coisas eram tão complicadas.”

“Considere-se com sorte. Com uma população idosa e recursos limitados, isso tem afetado mais e mais gente. Em gerações passadas, era bem mais comum que parentes idosos fossem cuidados pela família, mas isso tem virado a exceção ao invés da regra. Agora a vida da maioria das pessoas é tão corrida e tão complicada que elas têm problemas em cuidar de si mesmas, imagine servir de enfermeiro ou cuidador para seus pais. Com os problemas adicionais de uma longevidade maior e níveis quase epidêmicos de demência, o sistema tem se rasgado na costura e sempre que possível os custos tem sido repassados para as famílias que podem pagar. Aqueles que nunca trabalharam ou que gastaram ou doaram seus bens recebe de graça, mas qualquer pobre coitado que tenha cuidado e poupado para deixar uma herança tem ela roubada.”

“Isso não parece justo.”

“Não é, mas quem disse que a vida tinha que ser justa? Muitos daqueles que são inteligentes ou lúcidos o bastante fazem o que a Sra. Stevenson fez e dão o seu dinheiro ou o depositam em fundos.”

“Soa como se tivesse experiência nisso.”

“Eu tenho, meu avô tem Alzheimer e teve que abrir mão da casa para ir para um asilo dois anos atrás. Meus pais e meus tios não tiveram escolha, a casa teve que ser vendida para pagar as despesas e até o momento elas já somaram mais de 60 mil.”

“Ouch!”

“De qualquer maneira, nada disso vai te ajudar a resolver o seu caso. Estava de falando da Meg Limited. Ela tem um portfólio de ações, nada suspeito, só investimentos em empresas grandes. Mas as propriedades são o que é interessante. As contas só mostram como investimentos em propriedades, mas eu verifiquei no Registro de Imóveis e a empresa tem três apartamentos, dois em Newton Mearns e o terceiro no loteamento do Porto de Glasgow em Partick. Ele também é dono do imóvel de duas lojas em West End. Não vejo nada que os ligue diretamente com ele; uma é uma lanchonete fastfood e a outra é uma revistaria. Podem ser só para locação pela renda, mas provavelmente vão querer dar uma olhada. Eu anotei os endereços.”

“Obrigada pela ajuda”, Sandra sorriu em sinal de gratidão.

“À disposição”, Geoff respondeu e deu três tapinhas na perna dela em um gesto amistoso, pouco acima do joelho, mas com o terceiro a ponta de um dos seus dedos gentilmente roçou em sua coxa e ele a olhou intensamente nos olhos.

Para Sandra o efeito foi como um choque elétrico e ela se levantou em um pulo. Se sentia muito desconfortável na companhia dele. Estava agora certa de que não tinha interpretado mal suas intenções antes. Ficou grata por Celia estar na sala, mesmo do outro lado, pois não queria nunca ficar sozinha com ele. Resistiu ao impulso de usar seu treinamento em artes marciais. Um único soco direto no meio da cara dele teria sido tão prazeroso. Quebraria seu nariz em um instante. Talvez tenha sido isso que tinha acontecido com ele. Pode nem ter sido rugby. Ela decidiu não criar caso com seu comportamento nem fazer uma queixa formal, pois já tinha mais do que bastava para lidar no momento. Mas talvez comentasse algo como seu representante sindical para que monitorassem Geoff melhor. Sandra saiu apressada e

quando ela se aproximou da porta, Celia correu para abrí-la, sem dizer uma única palavra, mantendo seus olhos fixos no chão.

Sandra estava desesperada para dar as novas informações para Alex, mas esperou até voltar para o escritório antes de ligar para ele.

Capítulo 8

Multidões de fãs contentes vagavam por toda a estrada enquanto Alex dirigia para longe do estádio. Ele estava fazendo um progresso lento, cuidando para não machucar ninguém com seu retrovisor, quando seu telefone tocou.

Olhando para a tela, ele apertou o botão de atender no ‘Parrot’ e falou imediatamente, contando a Sandra onde estava com os meninos, para que ela cuidasse com o que dizia.

“Certo chefe, me ligue quando puder. Agora temos um dossiê dos negócios e das propriedades do Stevenson. Muito interessante, te passo os detalhes depois.”

“Certo, te ligo do apartamento, daqui uma meia-hora, uma hora no máximo.” Eles rapidamente passaram pela multidão de transeuntes, mas o progresso pela Dumbreck Road continuava lento, lutando contra o trânsito para fora da cidade que saía das rodovias M8 e M77.

Chegaram no apartamento de Alex com os garotos morrendo de fome. Alex rapidamente tratou de reaquecer uma panela de sopa. Manjava bem de sopa escocesa e deixara o amido de molho durante a noite para que formasse uma massa sólida. Embora tivesse dado uma colher para cada um junto com sua caneca, garfo e faca seriam bem melhores para lidar com aquilo. Pãezinhos amanteigados foram servidos para acompanhar a sopa. “Comam, garotos. Não temos muito tempo ou perderemos o começo dos fogos.”

Os meninos comiam enquanto assistiam a programação televisiva do começo da noite e Alex, munido de sua própria caneca de sopa, desaparecia quarto adentro para telefonar para Sandra e receber as novas.

Era 5 de Novembro, noite de Guy Fawkes, e como era a tradição de Alex e os meninos, iam a um show de fogos. O ano passado foi o primeiro que passaram sem Helen, mas anteriormente a noite de Guy Fawkes era considerada um dos eventos tradicionais da família. Quando os meninos eram menores, Alex comprava fogos para eles e montavam uma fogueira particular antes de soltá-los no quintal. Em um ano memorável, a família tirou um fim de semana em setembro de folga em Manchester e visitou Chinatown, onde compraram alguns fogos de aparência interessante. Pouco sabiam que eram fogos de exibição que quase os deixaram surdos ao disparar. O chão tremeu e muitos de seus vizinhos saíram correndo pensando que era uma explosão de gás. Ano passado, na ausência de Helen, foram ao entretenimento gratuito providenciado em Glasgow Green, que prometia o maior show organizado de fogos em toda a escócia. O evento fora produzido em associação com o espetáculo musical Mamma Mia, do Abba, e além de seu acompanhamento musical junto à Radio Clyde, contava com vários estandes de atrações e comida. Apesar do entretenimento sensacional, a experiência foi estragada por grupos de adolescentes malcriados correndo para todo lado, jogando bombinhas e outros fogos, quebrando garrafas e berrando obscenidades. Este ano, Alex decidiu evitar o evento maior e levar os garotos para o show de fogos local. Não se importava em ter que pagar por ingressos, pois tinham bem menos risco de se depararem com os mesmos problemas e lá podiam topar com seus amigos. Também era um show significativo e seria no campo do Glasgow Hutchisons’ Aloysians futebol clube em Giffnock. O estádio do GHA ficava no meio do caminho entre o apartamento de Alex em Shawlands e o bangalô em Clarkston.

Alex cogitou ir de carro, mas sabia que o estacionamento estaria cheio muito antes de chegarem lá e que as vias paralelas não estariam muito melhor. Pensou em estacionar em um supermercado local e caminhar o resto do caminho, mas decidiu que não valia o esforço. Ao invés disso, se certificou de que

os garotos estavam bem protegidos contra o frio e, às 6h45, partiram apressados para cobrir a distância de pouco mais de três quilômetros. Chegaram a tempo de comprar cachorros-quentes e encontrarem seus lugares antes do show de fogos começar. Previsivelmente, os garotos encontraram-se com amigos da escola e Alex teve a oportunidade de relaxar e conversar com alguns dos outros pais.

Quando o show acabou, rejeitaram a oferta de ir para a discoteca familiar do clube. Do contrário, começaram sua caminhada para casa, discutindo os méritos da exibição deste ano em comparação com a maior do ano anterior, massageando seus pescoços ao longo do caminho, para aliviar o cansaço de ficar olhando para cima por tanto tempo.

Assim que chegaram em casa, Alex fez bebidas lácteas quentinhas para todos e eles comeram muffins amanteigados torrados. Se sentaram para ver tv por um tempo, mas como os meninos estavam fisicamente exaustos depois de seu dia cheio, antes das dez e meia eles optaram por encerrar o dia cedo e foram para cama ler.

Alex aproveitou a oportunidade para telefonar para Sandra e, esperando ter uma discussão mais leve, ligou para o fixo dela. “Oi, desculpa interromper sua noite de sábado.”

Sandra atendeu e imediatamente levou o telefone sem fio para o corredor, para sair do alcance de seus pais e não atrapalhá-los enquanto assistiam TV.

“A parte mais patética é que você sabia que eu estaria em casa em um sábado à noite. Pobre coitada patética que sou... E adivinha só o que estávamos assistindo na TV? *CSI*. Seguido por *Lei e Ordem*, ainda por cima. Não dá pra descansar, eu podia muito bem ter escrito o roteiro.”

“Quem é que está ligando pra ti a essa hora?” Alex ouviu ao fundo.

“Tá tudo bem, mãe, é assunto do trabalho.”

“O que, a essa hora numa noite de sábado?”

“Mãe, você tem que entender que é o tipo de trabalho que se faz 24 horas por dia.”

“Desculpa por isso”, Sandra voltou.

“Eu não esperava que estivesse em casa, só arrisquei.”

“Desculpa Alex, mas você não me engana. Isso não me parece nem um pouco provável, já que você nem tentou ligar pro meu celular primeiro e mesmo que fosse verdade, isso não faria eu me sentir melhor. A verdade é que, no momento, eu não tenho vida social.”

“Bem, temos que fazer algo a respeito disso. Se não arranjar nada melhor, eu te levo para beber semana que vem.”

“Hmmm, esse é o segundo convite que recebo hoje.”

“E você estava reclamando. Mulheres, nunca vou entender.”

Sandra não planejava contar o comportamento de Geoff a Alex, ao menos não agora, mas fosse por querer ou não, a conversa seguira por esse caminho e as palavras verteram dela, contando a Alex exatamente o que acontecera e sua preocupação com o comportamento predatório de Geoff.

Alex estava zangado. “Ele soa bom no trabalho dele, mas não há desculpa para esse tipo de comportamento e temos que cortar isso pela raiz. Entendo que prefira não dar uma queixa formal, mas temos que lidar rapidamente com isso. Eu vou descobrir quem é o supervisor do projeto e o que podemos fazer. Pelo que me disse, isso é uma força-tarefa unificada de várias agências e ele está lá representando sua profissão. Marwick vai ficar pasmo quando descobrirem. Deixe isso comigo por enquanto, tá bom? Certo, o que planejou para amanhã?”

“Vou falar com o Findlay às 10. McAvoy vai comigo. Veremos o que ele tem a dizer sobre os telefonemas. Também vou visitar Shirley McCann com Sanjay, a encontraremos às seis da tarde. Conseguimos rastrear alguns outros clientes pelas fotos e já combinamos entrevistas com dois deles. Estou arranjando para que o Sanjay fale com alguns outros. É bem complicado, pois estamos tentando ser discretos.”

“Espero que eles apreciem isso, mas duvido muito. Mais alguma coisa?”

“O mandado está em processo e devemos receber ele logo. Poderemos ir ao banco quando quisermos.”

“Bom.”

“Então, o que você planejou?”

“Eu não achei que fosse possível, mas eu consegui deixar os meninos exaustos com a natação, o jogo e os fogos. Eles deram boa noite e levaram seus livros pra cama. Andrew está lendo um livro do Harry Potter e o Craig alguma coisa de vampiros. Eu estou prestes a enterrar minha cabeça no travesseiro, mas antes disso vou tomar um pouco de uísque. Acho que mereço. Me deram uma bela garrafa de Glenlivet no meu aniversário faz uns meses e eu tenho quase certeza que ainda resta um bocado. Bote uma música relaxante de fundo e eu posso muito bem cochilar.”

“Vai estar por aí amanhã?”

“Me ligue se precisar de mim. Eu planejava levar os meninos para um passeio no Museu Kelvingrove, mas Craig tem compromisso, um convite para se encontrar com uns amigos em East Kilbride. Veio de uma menina que ele encontrou na piscina e convidou ele para ir junto.”

“Bem, seus problemas começam para valer agora. Um já é um adolescente e outro está quase lá.”

“Obrigado pelas palavras encorajadoras, e com isso acho que deveríamos encerrar por hoje. O uísque me chama e eu tenho certeza que você quer voltar para Benson e Stabler. Boa noite e durma bem.”

“Boa noite”, Sandra respondeu com um pouco de remorso na voz. Estava gostando do calor e da camaradagem de sua conversa e retornava à solidão da sala familiar.

Quando tinha 22, Sandra e seu então namorado, Graeme, alugaram e se mudaram para o seu próprio apartamento na afluyente Cidade Mercante em Glasgow. Planejavam economizar para que pudessem comprar sua casa própria, mas alguns meses depois Graeme foi demitido e nunca conseguiu outro emprego permanente. De tempos em tempos pegava empregos temporários por algumas semanas, mas ficava primariamente vadiando pelo apartamento dependendo da renda de Sandra para mantê-los. Ela não teria se incomodado se ele tivesse se responsabilizado por parte dos afazeres domésticos, mas ele raramente cozinhava, fazia compras ou limpava. Por vezes demais Sandra voltava de um dia cheio no trabalho e voltava para uma geladeira vazia, um apartamento imundo e pilhas de pratos sujos que precisavam ser limpos e guardados antes que ela pudesse sequer pensar em comida. Graeme estaria sentado jogando videogame. Sandra tolerou seu comportamento por um tempo, por tempo demais, dando desculpas a si mesma de que Graeme estava deprimido, mas logo encontraria um emprego e estaria bem. O emprego nunca veio, primariamente porque ele não estava tentando, e ao fim Sandra parou de dar desculpas por ele e deu um fim ao seu relacionamento. Ela percebeu que tinha uma saída fácil, mas ainda assim estava triste pela perda da vida que planejara e esperara, ao invés da que tinha voltando para a casa dos seus pais.

Por mais que amasse seus pais e por mais devotados a ela que eles fossem, essa não era a vida que Sandra queria para si, e também não batia com os planos deles. Seu pai era um topógrafo e estava a apenas um ano da aposentadoria, enquanto sua mãe já estava aposentada, com uma pensão completa, após uma carreira como uma professora de línguas. Sandra tinha dois irmãos mais velhos, ambos casados e com dois filhos. Sua irmã morava perto de Londres e seu irmão em Stirling, com suas próprias famílias. O retorno de Sandra a casa dos seus pais inibira seus planos para uma vida mais leve com mais liberdade e mais viagens, pois tiveram que retomar seus papéis como mãe e pai. Sempre brincaram com passar sua aposentadoria no ‘Jogo’ - Jogando a herança dos filhos fora. Até deram o primeiro passo, não muito depois de Sandra se mudar para o seu apartamento, quando compraram um apartamento em uma pequena cidadezinha-resort no vale Vallespir no sul da França, a meros quilômetros da fronteira com a Espanha. Embora aproveitassem toda as oportunidades para viajar para lá, Sandra estava preocupada com estar adiando os planos deles com sua presença.

Sem a distração de um relacionamento, Sandra trabalhou duro para montar sua carreira e embora saísse e tomasse parte em muitos interesses e atividades, era incapaz de se dedicar seriamente a qualquer coisa. Somente após muitos anos em casa que estava procurando novamente por um apartamento próprio para reestabelecer sua independência.

Alex também se sentia um tanto solitário e melancólico. Mudou de ideia quanto ao uísque. Gostava de beber em celebração ou acompanhando, mas tinha receio de beber sozinho, tomando ciência em particular de beber para esquecer ou evitar pensar em problemas. Em sua linha de trabalho, estava ciente demais do quão fácil era fazer disso um hábito e deixar isso levar a problemas maiores. No trabalho, frequentemente tinha que limpar a sujeira de quem havia cometido esse erro.

Pela manhã, Alex acordou cedo e preparou a massa para fazer waffles e panquecas como um mimo especial. Enquanto esperava os meninos acordar, Alex deu alguns telefonemas para descobrir quem era o responsável pelo projeto que empregava Geoff Thompson. Ficou maravilhado ao saber que o Superintendente Charles Hunter estava encarregado. Conhecia Charlie bem, trabalhara para ele por alguns anos no começo da carreira, quando havia sido recém promovido a sargento. Charlie fora um ótimo chefe e um bom professor. Alex aprendera muito com ele e o respeitava imensamente. Ainda tinha seu telefone particular e ligou para ele.

Charlie ficou abismado ao ouvir pelo que Sandra passara e eles discutiram várias opções.

“A força já tem problemas o suficiente com queixas de assédio sexual sem ter que importá-los de fora. Podíamos simplesmente pedir para Marwick tirá-lo do projeto, mas eles pediriam uma explicação completa e isso poderia ser desagradável, pois não temos muita evidência com a qual trabalhar. A outra moça, você disse Celia? Ela poderia ser de ajuda, mas não podemos ter certeza, e se Sandra prefere não ser tragada por isso, estamos encurralados. Seria melhor aguardarmos e esperar até termos mais alguma coisa para usar.”

“Poderíamos mandar Edwina para visitá-lo”, sugeriu Alex segurando o riso.

“O quê, está sugerindo o Eddy louco? Eddy Torrance, o travesti? O ex-policial que ganhou aquele concurso de beleza sem contar aos organizadores que estava em drag?”

“Esse mesmo, mas você está exagerando. Ele só ficou em terceiro. É um entertainer profissional hoje em dia, podíamos contratá-lo.”

“É, isso seria hilário. Arranjar uma desculpa para ele se encontrar com Thomson e deixar a natureza seguir seu curso, assim por dizer. Isso daria um cagaço nele. Diabos, eu pagaria um ingresso para esse espetáculo.”

“Belo sentimento, mas não é muito prático”, Alex adicionou.

“Não, suponho que não, mas fico feliz em ver que não perdeu seu senso de humor. Precisamos é de algo mais formal e mais controlado. Mas tenho uma ideia.”

“Manda.”

“Thomson é o supervisor do projeto e ainda temos que recrutar a maior parte da equipe. Que tal pedirmos a ele que entreviste alguns dos candidatos para avaliar seu potencial? Só ele e eles, sem um painel de entrevistadores. Podíamos fazer as entrevistas em um dos nossos escritórios, uma grampeada para pegar imagem e som. Podíamos garantir que todos os avisos sobre gravação fossem dados. Você sabe como é, depois de alguns minutos você esquece que estão gravando. Podemos arranjar os candidatos, alguns com as credenciais ideais, que são mulheres mais velhas ou são caras e aí um punhado mais atraente com potencial bem menor. Aí esperamos e vemos quem ele recomenda e teremos tudo gravado para usarmos contra ele. Tem até chance dele fazer ou dizer algo realmente idiota.”

“Me parece ótimo, mantenha-me informado.” Neste momento, Alex ouviu movimento na porta ao lado e pediu para se afastarem, explicando para Charlie que estava cuidando dos meninos durante o fim de semana.

“Sim, não nos falamos há algum tempo. Queria te dizer que sentia muito por sua separação da Helen. Como está lidando?”

“Levou um tempo, mas agora estou bem. Só queria garantir que os meninos não fossem prejudicados, e dito isso, eu preciso ir.”

Craig e Andrew foram para a cozinha pelo meio da manhã e Alex terminou de fazer seu café da manhã. Eles comeram tudo, inundando as panquecas com xarope de bordo. Relaxaram antes de partir para o ringue de patinação. Embora estivesse frio, era um belo dia de sol. Alex pensou em buscar Jake e levá-lo ao parque com Andrew enquanto Craig estava com os amigos. Ligou para Helen para perguntar se podia e ela alegremente aceitou, pois isso tirava dela a responsabilidade de passear com o cachorro.

Alex e Craig ficaram sentados no carro diante da casa enquanto Andrew entrava para buscar Jake e seus apetrechos. Alguns minutos depois, ele e Jake, trajado em seu arnês de segurança, saíram correndo. Andrew carregava consigo a tigela, a bolinha e a catapulta do cachorro, assim como uma garrafa de Coca-Cola de dois litros, cheia de água. Alex abriu o porta-mala e o cachorro entusiasmado saltou e aterrissou no porta-malas. Assim que afivelaram-se todos, Alex partiu e dentro de questão de minutos, ele entrou no estacionamento do cinema um andar acima do ringue de patinação.

Craig não poderia ter saído do carro mais rápido. Estava empolgado para se encontrar com a galera mas também estava um tanto nervoso.

Dez minutos depois, ele ainda não havia voltado e não ouviram nada dele. Alex queria ver como ele estava, mas sabia que sua presença não seria bem vinda. Além disso, não podia deixar Andrew ou o cachorro sozinho no carro e sabia que Jake não poderia entrar no shopping. Ele ligou para o celular de Craig.

“Oi, que foi?”

“Era para me ligar ou vir e me dizer se precisa dos patins.”

“Ah é, não, eu não preciso deles. Tchau.”

Sem palavras, Alex encarou o telefone. Estava furioso com o egoísmo e a falta de educação de Craig. Queria marchar para lá e confrontá-lo, mas sabia em seu coração que essa não era a hora. Achava que Craig podia estar tentando demonstrar bravura para se exibir diante de seus novos amigos. Alex não gostava nada disso. Estava preocupado que o garoto estivesse se tornando mimado e manipulador. Sabia que acontecia com frequência com os filhos de casamentos arruinados.

Ele tirou alguns segundos para se acalmar e aí ligou o carro novamente e dirigiu para o Calderglen Country Park nos limites da cidade. Depois de achar uma vaga sob as árvores, ele, Andrew e Jake seguiram por uma trilha em meio ao bosque enquanto o cachorro corria de árvore em árvore, maravilhado com novos lugares e aromas, marcando seu território conforme iam. Em um certo momento, Jake viu um esquilo ao longe. Foi como um desenho. Ele ficou completamente parado por um instante, com uma pata dianteira erguida, farejando o ar. Era como se não pudesse acreditar em seus olhos ou seu nariz. Aí ele correu em uma velocidade incrível. Alex bateu palmas como um alerta para o esquilo, pois já teve experiências com Jake tendo sucesso em uma caçada. Naquela ocasião, pegara um bichinho felpudo pelo cangote e em uma sacudida ele estava morto. Pensando que brincava com um brinquedinho, o cachorro passara a brincar com o cadáver, jogando o para o alto e pegando-o até que Alex conseguiu afastá-lo. Desde então, Alex tinha o hábito de bater palmas sempre que via um esquilo para afugentá-lo. Jake entendeu isso mal e acreditava que Alex estava lhe dizendo que havia um esquilo por perto. Sempre que batia palmas, Jake olhava à sua volta para ver onde estava o esquilo e às vezes Andrew provocava o cachorro com aplausos só para ver sua reação.

Quando voltaram ao carro, o cachorro estava tão cansado que precisou se esforçar para pular no porta-malas e, quando conseguiu, imediatamente se deitou, tombando sobre um cobertor.

Alex voltou ao shopping, preocupado com o confronto em potencial com Craig, caso ele não estivesse pronto para ir. Não precisava se preocupar, pois seu filho estava à sua espera, exatamente onde haviam combinado, sorrindo de uma orelha à outra. Ele embarcou no carro e uma frase longa, de cerca de cinco minutos, ele contou ao irmão e ao pai da tarde fantástica que tivera. Foi aceito e agora era parte da turma que ia lá todo domingo e ao cinema toda quarta à noite. Alex queria tocar no assunto do comportamento de Craig mais cedo. Temia começar uma discussão que poderia aliená-lo, mas sabia que isso não podia passar sem comentário, do contrário estaria promovendo isso como um comportamento aceitável e, pior ainda, deixando que Andrew visse isso ser aceito. Ele cautelosamente tocou no assunto e foi recompensado pela resposta de Craig.

“Desculpa mesmo, pai. Eu fui meio que um babaca, não fui? Não queria te irritar, mas era a primeira vez que eu me encontrava com o grupo e estava tentando dar uma boa impressão. Devia ter te telefonado, mas estava tudo indo tão bem que eu estava com medo de estragar tudo. Não vai acontecer de novo.”

Alex estava sem palavras. Estava tão feliz ao ver Craig se desculpando sem ser pressionado que não tocou na questão de seu linguajar.

eles voltaram para o apartamento e no caminho Alex comprou um pouco de ração Baker’s Complete para Jake. A ração seca era a favorita dele. Aí ele preparou um panelão de cozido de carne italiano extra-picante. Ele serviu a deliciosa mistura de carne, tomates, chalotas, alho e temperos sobre uma base de arroz basmati. Embora tivesse comido antes, o cachorro caminhava pela cozinha, farejando o ar e salivando, e os meninos o seguiram. Alex era um entusiasta da cozinha, mas morando sozinho, raramente tinha a oportunidade de exercer suas habilidades. Quando tinha tempo livre, preparava grandes levas de comida e a separava em refeições separadas que guardava no freezer. Apesar de seus turnos longos e irregulares, ainda era capaz de aproveitar a comida caseira, contanto que se lembrasse de tirar e descongelar algo de manhã. Este fim de semana, devido a agenda lotada, não esperava ter muito tempo para cozinhar e havia retirado vários potes para preparar.

Alex não havia ouvido falar de Sandra o dia todo e estava desesperado para ouvir que progresso haviam feito. Várias vezes ao longo do dia, sacara seu celular para ligar para ela mas achou melhor não. Se precisasse dele, ela teria ligado e seu tempo com Craig e Andrew era limitado, então tinha que fazer o máximo com ele. Stevenson estava morto e isso não mudaria. Todo o resto podia esperar e ser revisto mais tarde, depois de deixar os meninos em casa.

Como combinado de antemão, voltaram ao bangalô pelas 8 horas. Jake foi direto para sua caminha e os garotos foram aos seus quartos para fazer suas tarefas antes do dia de escola amanhã. Colin não estava em casa e, para a surpresa de Alex, Helen o convidou para entrar para um café. Ele aceitou e contou a ela do novo grupo de amigos de Craig antes de ir para casa verificar o progresso da investigação.

Capítulo 9

Era domingo de manhã e as nuvens carregadas impediam que houvesse qualquer diferença de iluminação enquanto a noite dava lugar ao dia. Com poucas horas de sono revoltado, Sandra foi ao escritório e começou a trabalhar. Donny chegou pouco depois e estava com uma alegria e uma vivacidade incomum.

“Parece até que ganhou na loteria.”

“Tão bom quanto, na verdade”, ele respondeu. “Meu filho e a esposa dele vieram nos visitar ontem à noite com os rebentos. Me deu a oportunidade de mimar os netinhos. A parte boa de ter netos é que você pode brincar com eles e deixar eles louquinhos... e aí você devolve eles quando começam a ficar cansados e birrentos. Os coitados dos pais é que tem que acalmar eles depois. Me dá a oportunidade de me vingar dos meus filhos pelos anos de traumas que me causaram quando eram pequenos.”

“Você fala como se tivesse sido você que teve que lidar com eles.”

“Bem, eu e a patroa. Só ouve essa: eu até dei gaitas de boca para eles levarem pra casa. Consegue imaginar quanto tempo vai levar até os pais deles as perderem ‘acidentalmente’?”

“Você é um homem muito, muito cruel, Donald McAvoy.”

Donny respondeu com uma risadinha ao estilo Dick Vigarista.

“Okay, vamos ao trabalho. Sanjay e eu temos um horário marcado para hoje à noite, mas no que diz respeito a nós dois, Findlay foi instruído a vir aqui para o interrogatório às 10 horas. Não ficou muito feliz com isso, mas aceitou. Aí à uma temos hora com um Sr. Ballantyne, um dos clientes, em Milngavie. Ele é dono de uma empresa de biotecnologia no Parque Científico de Maryhill.”

“Isso seria o Dr. Ballantyne, como em Martyn Ballantyne, o empreendedor?”

“Sim, você tem razão, é o Dr. Ballantyne. Tentarei não cometer esse erro ao falar com ele. Ele souu um tanto arrogante. Quando eu pedi para agendar a entrevista, ele disse que era para vê-lo na casa dele, embora eu tivesse dito que era uma questão particular e discreta. Ele nem ao menos fez perguntas.”

Para a irritação de Sandra, Findlay chegou com meia hora de atraso. Ele foi levado a uma sala de interrogatório não muito diferente daquela em Dumbarton Road, talvez um pouco mais rançosa.

“Certo, Sr. Findlay, devo lembrá-lo que ainda está sob observação”, Donny declarou claramente para fins de registro.

“Do que que isso se trata? Eu já lhes contei tudo que sei. E cadê o grandalhão?”

“Isso não é bem verdade, ou é, Stuart?” respondeu Sandra, ignorando suas perguntas.

“Como assim? Eu estive lá por horas quinta-feira. Eu te disse o que aconteceu. Eu disse de novo e de novo. Você estava lá”, ele disse, olhando acusadoramente para McAvoy.

“Sim, mas você não nos disse tudo, disse?” Sandra retrucou.

Findlay parecia perplexo. “Eu não sei o que quer dizer.”

“Conte-nos do telefonema”, Sandra exigiu.

“Qual? Quer dizer, o de depois de achar o corpo? Sim, eu liguei para o 999.”

“Foi isso que nos disse. A primeira vez você disse que ligou da loja. Depois, disse que saiu da loja e usou seu celular.”

“E? Eu devo ter me enganando, não é importante.”

“É muito importante”, McAvoy interrompeu de forma rude. “Você ligou para o 999 da loja. Nós verificamos. Mas também fez uma ligação com o seu celular, não fez?”

“Que direito vocês tem de rastrear meu telefone?” respondeu Findlay, agora começando a parecer perturbado.

“Temos todo o direito do mundo”, McAvoy respondeu com firmeza. “Certamente não temos que te lembrar de que isso é uma investigação de homicídio? Se retiver informação, pode ser processado por obstrução de justiça, ou talvez até mesmo como cúmplice de homicídio...”

A demonstração de bravura de Findlay acabou e todo seu comportamento mudou. “O que querem saber?” ele perguntou, timidamente.

“Vamos começar pelo telefonema que deu imediatamente após ligar para o 999.”

“Eu liguei pro Gordon, Gordon Black.” O choque súbito de seu predicamento limpou sua mente, conforme pensava cuidadosamente em tudo que dizia. “Eu conheci Gordon ao começar a universidade. Era a semana dos calouros e eu o conheci em um bar. Era de Inverness. Éramos novos e de fora da cidade, e nos demos bem. Ele estudava ciências da computação, então não nos vimos muito depois daquilo, mas de tempos em tempos bebíamos junto. Uns meses atrás, eu me deparei com ele no diretório e ele disse que podia me arranjar um emprego. Disse que estava fazendo uns tramos para um vendedor de antiguidades que queria um funcionário em meio-período para a loja e me apresentou ao Stevenson. Foi assim que comecei a trabalhar lá. E é só isso a história.”

“Essa não é toda a história, é? Por que ligou para ele?” Sandra assumiu conta do interrogatório.

“Porque ele conhecia o Stevenson e tinha nos apresentado. Eu achei que devia contar para ele.”

“Então você contou para ele que encontrou o Stevenson morto. Contou do que foi que ele morreu?”

“Eu não me lembro. Eu estava em pânico e não sei o que foi que eu disse.”

“Falo com ele desde então?”

“Não, aquela foi a única vez. Eu tentei ligar algumas vezes, mas o telefone dele estava desligado.”

“Você disse que Black esteve ‘fazendo uns tramos para o Stevenson’. Agora, o que exatamente ele fazia?”

“Eu não sei bem. Tinha algo a ver com a internet. No começo eu achava que ele cuidava dos computadores ou estava fazendo um site para a loja, mas ele raramente aparecia. Mas era algo na web.”

“Alguma vez ouviu eles conversarem sobre alguém ou mencionando algum nome?”

“Não lembro. O Gordon não vinha muito à loja. Às vezes ele telefonava, mas eu não ouvia o que estavam dizendo. Me lembro de mencionarem o nome Mandy uma vez, ou pode ter sido Marcy ou algo parecido. Desculpa não ser de ajuda.”

“É melhor não estar nos enrolando. Se descobirmos que está escondendo alguma coisa, vamos te soterrar como uma tonelada de tijolos.” McAvoy intercedeu.

“Eu ouvi eles falando uma vez sobre blogs e salas de chat, mas eu não entendo muito de computadores, então não me diz muito. Então eu realmente não sei de nada.”

“Poderia ser Black a pessoa que Stevenson receberia na quinta?”

“Não, eu tenho certeza que não. Ele não teria motivos para não me contar se fosse.”

“O que Black te disse depois de contar para ele o que aconteceu com Stevenson?”

“Nada, na verdade. Acho que ele só me agradeceu por ter contado. Foi só isso.”

“Então não me parece que ele tenha ficado muito surpreso. Onde Black mora?”

“Ele veio de perto de Inverness, mas eu não sei de onde. Quando ele veio para Glasgow ele ficava num dormitório estudantil, mas ele se mudou no segundo semestre. Estava dividindo um apartamento com outros dois caras. Acho que era na Otago Street, perto da Woodlands Road. Não sei o número e nunca fui lá. Não tenho certeza, mas acho que ouvi que ele se mudou para uma casa própria. Eu sei que recentemente ele parecia ter mais dinheiro.”

“O que quer dizer por recentemente e sobre o dinheiro?”

“Deve ter uns meses já. Ele não esbanjava nem nada. Só não estava mais reclamando sobre o quão falido estava como o resto de nós. Também parecia capaz de comprar roupas novas, ir em shows e comer fora de vez em quando.”

“Certo, agora quero que me descreva ele.”

“Deixe-me pensar. Ele deve ter 1,75, bem magro, entre uns 60 e 70 kg, cabelos ruivos e curtos, rosto estreito, sem barba, pele pálida com sardas e olhos azuis.”

“Me soa bem preciso. Tinha me esquecido que você era um estudante de artes. Vamos pedir uma foto à universidade, mas se não conseguirmos uma, podemos precisar que venha e converse com um desenhista.”

“Isso seria realmente interessante”, Findlay respondeu, mostrando entusiasmo genuíno pela primeira vez.

“Okay, deixaremos por isso e vamos preparar seu depoimento corrigido”, disse Sandra. “Se lembrar de mais alguma coisa, quero que nos informe. Não importa o quão insignificante possa parecer, quero que nos conte. Agora, tome aqui meu cartão e eu vou te ligar se tiver que voltar para falar com o artista.”

Findlay saiu da sala bem menos confiante do que estava ao chegar.

“Bem, nós tiramos o vento das velas dele, mas avançamos tanto assim?” Donny resmungou.

“Que negatividade. Realmente temos bem mais coisas com as quais trabalhar.” Sandra ergueu a mão e contou itens com os dedos. “Primeiro, agora sabemos que Findlay telefonou para Gordon Black. Segundo, sabemos que Black parece ser o cúmplice de Stevenson, provavelmente trabalhando em algum golpe na rede. Terceiro, Black discutia garotas com Stevenson, ele provavelmente sabia da prostituição e ou das chantagens. Quatro, Black pode estar foragido, já que seu telefone foi desligado ou descartado, mas temos pistas de onde procurar ele. Sabemos de onde ele vem e o que ele estudava. Temos uma boa ideia de onde ele ficava e sabemos como ele se parece. Isso me soa como progresso.”

“Okay, justo. Mas como isso se liga com a morte do Stevenson?”

“Ainda não sabemos, mas tenho certeza que está ligado. Quem sabe Black estivesse envolvido no esquema de extorsão e, se o encontrarmos, possa nos dizer quem eram as vítimas. Elas tem que ser nossas principais suspeitas, e aquela que não tivermos nas fotos tem que ser enquadrada, se perdoa a piada.”

“O que? Foto? Enquadrada? Ah, tá, muito engraçado.”

“Como Findlay se atrasou, temos que correr atrás do tempo perdido. Vou dar uma ligada pro Ballantyne e dizer que estamos a caminho. Já vou pegar o carro e você me encontra lá na frente.” Sandra queria garantir que estivesse ao volante, pois não confiava em McAvoy dirigindo. Achava ele muito lento e meticuloso.

Alguns minutos depois, eles estavam saindo por West End. Como ainda era domingo de manhã, as estradas estavam relativamente calmas e Sandra correu pelas vias largas da Great Western Road sem ligar para o limite de velocidade. Ela percorreu uma sequência de sinais verdes e mal desacelerou ao virar no intercâmbio rodoviário de Anniesland. Ela acelerou ainda mais na pista dupla e McAvoy estava nervoso, segurando-se ao seu assento, quando eles pegaram o retorno o pedágio de Canniesburn.

Enquanto dirigia, Sandra perguntava o que já sabiam sobre Ballantyne. Sem esperar por resposta, ela então passou a listar os resultados de sua pesquisa sem um piu de McAvoy, pois sua atenção estava mais focada em sua sobrevivência. “Ele começou como um CDF e então abriu um negócio de biotecnologia. Abriu sua empresa no parque científico e então se expandiu com escritórios satélite. Foi muito bem sucedido e a levou ao público, vendendo metade das ações por milhões. Aí abriu uma série de outras empresas de pesquisa e testes médicos, a maioria das quais foi muito bem sucedida. Faz um monte de serviços para o Serviço Nacional de Saúde e para a indústria farmacêutica, e seus laboratórios de testes são frequentemente utilizados pelo nosso pessoal. Está na lista de ricos do Sunday Times e está entre os dez mais da Escócia. Não tem ficha criminal, nem mesmo uma multa de trânsito, mas isso não

surpreende.” Ela se virou a espera da resposta de McAvoy, mas só viu seu olhar temeroso e sua cara branca como giz.

“Por Jesus, Sandra, mais devagar. Eu sei que Canniesburn tem o melhor centro de cirurgia plástica do país, mas eu prefiro não ter que usar os serviços dele.”

“Frangote”, Sandra exclamou, mas desacelerou enquanto seguiam por Bearsden, rumo à Milngavie. As estradas mais estreitas e o volume de trânsito elevado podem ter contribuído. Isso, e Sandra não ter mais confiança de que sabia para onde ia. Com a assistência do GPS e a anterior condução de rally de Sandra, eles chegaram à casa de Ballantyne somente minutos após o horário agendado originalmente.

Eles dirigiram por uma longa e sinuosa pista de entrada, passando por gramados bem cuidados e canteiros imaculados dos dois lados. Surpreendentemente para essa época do ano, em que a maioria das árvores e arbustos estavam pelados, eles encontraram uma multitude de cores e quase nenhuma folha fora de lugar. Pararam diante de uma grande casa de pedras. A propriedade era em estilo campestre, construída em pedra, com paredes desbotadas e um telhado de ardósia. Mas era grande demais para ser chamada de uma casa de campo. A parte dianteira da casa era disposta simetricamente com oito janelas no nível térreo, quatro a cada lado de uma substancial porta de madeira de lei. A casa parecia ter sido feita originalmente com um andar só, mas as linhas de ardósia agora eram interrompidas por grandes janelas velux. Além delas, ao lado da casa, estava uma grande construção lateral. Parecia ter sido um estábulo, mas agora havia sido convertida em uma grande garagem, grande o suficiente para doze veículos ou mais. Dois veículos estavam parados diante do edifício. Sandra imediatamente reconheceu um deles como um Porsche Cayenne Turbo e o outro era um Bentley clássico que ela avaliava como sendo dos anos 50. McAvoy assobiava baixinho enquanto sondava a cena. Todo o telhado da garagem estava coberto de painéis solares. Para suplementar as credenciais ambientais do dono, havia uma turbina eólica de porte modesto atrás da garagem. Talvez estivesse tentando compensar as emissões de CO2 de sua frota de veículos, ponderou Sandra.

Protegendo-se da brisa gélida, eles se aproximaram da entrada e Donny apertou a campainha antes de notar Sandra indicando a câmera de segurança acima da porta.

Alguns segundos depois, eles ouviram uma série de estalos e baques e a porta se abriu. Uma lufada de ar quente os atacou pela fresta e eles foram recebidos por um homem um tanto pequeno, mas de aparência muito dinâmica. Tinha apenas cerca de 1,62m e uma figura esguia com um princípio de calvície, mas tinha uma presença, uma aura, que contrariava sua baixa estatura. Parecia estar vestido para o verão, com roupas leves: uma camisa pólo azul clara da Ralf Lauren com o colarinho aberto e mangas curtas, calças de algodão bege e tênis confortáveis. O que tinha de cabelo estava aparado bem rente e seu bigode e sua barba bem cuidados faziam pouco para camuflar seu queixo forte e proeminente. Seus intensos olhos verdes tinham uma intensidade e uma profundidade inacreditável, dando a impressão de que eram capazes de penetrar qualquer cobertura e de vê-lo com uma visão de raios-X. Sua real presença, no entanto, vinha de seu ar confiante. Quer por sua riqueza, seu poder ou sua experiência, sua persona dava-lhe a habilidade para dominar seu ambiente. Eles mostraram seus crachás e ele os guiou para dentro da casa, atravessando o corredor, no qual praticamente tiveram de nadar pelo espesso tapete de lã. Depois de desbravar o frio exterior, a temperatura controlada e quente do corredor lhes parecia opressiva, e tanto Sandra quanto Donny rapidamente despiram-se de seus casacos e os carregaram nos braços.

As paredes douradas eram muito lisas, o que lhes dava a aparência de terem sido folheadas em ouro, e eram adornadas com pinturas em estilo clássico e molduras caras. Sandra estava decepcionada por não ter vindo acompanhada de Alex, pois tinha confiança de que ele teria reconhecido e comentado os artistas. Passaram por um enorme mostruário de vidro com um grande número de esculturas de marfim. Ao vê-la olhando para as peças, Ballantyne avisou que sua esposa colecionava peças e antiguidades orientais, e que o que viam era sua coleção de netsukes e okimonos. A terminologia não lhe dizia nada,

mas ela anotou cuidadosamente o que ele disse e pensou na coincidência da esposa de Ballantyne colecionar antiguidades, com um interesse especial por marfim, dada a profissão de Stevenson e a maneira que ele foi morto. Eles passaram pelos outros mostruários, que continham vasos e esculturas que aparentavam ser muito antigas. Havia várias figuras de pessoas ou cavalos de pé e um grande jarro em forma de casulo. Algumas das figuras eram da cor de terracota enquanto outras estavam pintadas. O jarro era cinza com alguns símbolos desbotados. Sandra olhava através do vidro, encantada. Lembrava de ter visto itens parecidos ao visitar a Galeria Burrell no parque Pollock. Ballantyne explicou que eram chinesas e eram de épocas diferentes. O grande jarro era de 200 antes de cristo e era da dinastia Han, enquanto as esculturas tinham menos de metade da sua idade, vindo das dinastias Tang e Ming.

“Eles são de verdade? Não deviam estar em um museu?” Sandra questionou. “Eles devem valer uma fortuna. Não fica preocupado com itens assim antigos e valiosos na sua casa?”

Ballantyne respondeu às perguntas uma de cada vez. “Eles são de verdade e embora sejam valiosos, não o são excessivamente. Antiguidades de um ou dois séculos frequentemente valem mais do que essas peças ancestrais. Elas valem algumas centenas ou milhares de libras cada uma. Tem um bocado delas por aí, embora seja raro encontrá-las em condições tão boas pois na China algumas vezes as procuram com escavadeiras. Muitas vezes museus expõe peças quebradas pois acham que os visitantes não acreditariam que as inteiras são reais. Sua reação confirma isso.”

“Alguns anos atrás eu fiz um Tour pela China. Visitei a Grande Muralha e vi os guerreiros de terracota, algumas dessas esculturas parecem versões em miniatura.”

“Você tem razão”, Ballantyne respondeu. “Muitas dessas são peças funerárias...”

“Ahem!” McAvoy interrompeu. “Isso é tudo muito interessante, mas temos negócios urgentes a tratar, que eu acho que devem vir em primeiro lugar.”

Se olhares pudessem matar, a esposa de McAvoy poderia pedir sua pensão como viúva imediatamente, pois Sandra o encarava lutando para conter sua fúria ante à sua interrupção. Ela sabia que ele tinha razão, mas se sentia muito afrontada ao ser interrompida dessa maneira, particularmente por um oficial subalterno. “Eu adoraria conversar mais sobre isso, mas meu colega tem razão e é melhor pormos os negócios em primeiro lugar.”

Eles caminharam mais pelo corredor, passaram pelos fundos e então entraram em uma moderna extensão feita de vidro, cheia de plantas exóticas e móveis de cana em estilo clássico. Ele pediu que se sentassem.

“Agora, do que é que se trata?” Ballantyne perguntou assim que se acomodaram.

“Estamos investigando a morte de Scott Stevenson”, Sandra respondeu. “Queremos que nos diga tudo que sabe sobre ele.”

“Scott Stevenson? Acho que não conheço esse nome.”

McAvoy mostrou a ele uma fotografia. “Este homem.”

O rosto de Ballantyne congelou por uma fração de segundo. Aí ele piscou duas vezes e respondeu, “Não, eu não creio que já tenha o visto.”

“Não é o tipo de rosto do qual se esquece”, McAvoy pressionou.

“Não, de fato não. Ele me parece um tanto familiar, mas não consigo me lembrar. Não, tenho certeza de que me recordaria. Acho que não o conheço.”

“Vejam se isso ajuda”, McAvoy tentou novamente. “Ele é um vendedor de antiguidades com uma loja perto da universidade, saindo da Great Western Road?”

“Ah, talvez seja isso. Margaret, minha esposa, me leva por todas as lojas de antiguidades, procurando seus preciosos achados. Devo ter visto ele em um deles.”

McAvoy estava gostando de provocar o homem. Não conseguia esconder seu sorriso ao por mais três fotos diante de Ballantyne. “Talvez isso refresque sua memória. Acreditamos que Stevenson tenha sido o responsável por essas fotos e que ele as utilizava para extorqui-lo.” As fotos eram muito explícitas e

mostravam Ballantyne em atos sexuais com uma garota de aparência jovem. Na primeira ele estava parcialmente vestido, com suas calças e cuecas abaixo dos joelhos enquanto a garota segurava seu pênis ereto diante da boca aberta. Na segunda e na terceira foto, Ballantyne e a garota estavam completamente nus e engajados no coito, uma tinha Ballantyne em cima da garota e na outra ela estava sentada sobre ele. Não havia ambiguidade quanto a ser Ballantyne nas fotos ou sobre o que estava acontecendo. Era a mesma garota nas três fotos. Era bonita e parecia ter cerca de 20 anos, com longos cabelos negros e um corpo muito atraente.

Ballantyne olhou para as fotos por alguns segundos e então olhou para o chão. Sua presença imponente o abandonou e pela primeira vez ele deu a impressão de ser pequeno e frágil. Seus ombros caíram e se encolheram enquanto suas mãos tremiam.

“Não é o que estão pensando”, ele disse quase sussurrando.

“Raramente é, ou ao menos é o que dizem.” McAvoy estava claramente se divertindo.

“Não, vocês não entenderam. Eu não posso negar que este sou eu e, sim, eu fui idiota, mas nunca fui extorquido. Me contataram mas não terminou em nada.”

“Okay eu acho que você precisa explicar.”

“Certo, eu me encontrei com a garota e passei a noite com ela. Tivemos uma boa noite juntos. Não foi só sexo. Ela é uma moça inteligente e nós apreciamos a conversa. Foi tudo consensual, nada ilegal. Até discutimos nos encontrar outra vez e irmos ao teatro. Aí o seu sujeito Stevenson apareceu. Eu não sabia o nome dele. Ele foi ao meu escritório e disse à minha secretária que precisava me ver. Alegava que tinha uma entrega especial, somente ao destinatário. Ele veio e me mostrou as fotos. Disse que queria dinheiro. Eu me recusei. Ele disse que iria aos jornais, à imprensa marrom. Eu disse para ele fazer o seu pior. Ele disse que eu era uma figura pública e que ele encontraria alguém para pagar. Alegou que prejudicaria meus negócios e destruiria meu casamento a menos que eu pagasse, então era melhor que eu fizesse o que ele dizia. Eu mandei ele cair fora, pois ele não poderia prejudicar meus negócios. Eu sou o acionista majoritário, portanto eu não poderia ser derrubado e não haveria motivo para isso. O pior que poderia acontecer seria ele dizer que eu traí a minha esposa. Eu disse a ele que Margaret e eu temos um casamento aberto e ele não poderia afetá-lo. A única coisa que ele poderia me fazer seria me causar um pouco de vergonha e isso não justificaria eu pagar um resgate. Ele disse que veríamos e então foi embora, me deixando com cópias da foto, e disse que entraria em contato comigo mais tarde. Isso foi há quatro meses e eu nunca mais ouvi dele.”

“Por que não contou isso para a polícia?”

“Eu pensei nisso, mas o que poderiam fazer? Eu não tinha evidência e, como eu disse, teria sido embaraçoso se isso viesse à tona. Eu não estava blefando, mas talvez tivesse exagerado. Eu não queria que todo mundo soubesse que eu tinha sido tão burro. Eu contei o que tinha acontecido para a Margaret, eu tinha que alertá-la, caso algo saísse nos jornais, mas ele nunca fez nada. Como podem imaginar, ela não ficou muito feliz, mas a vida continua e ainda estamos juntos. Stevenson nunca voltou, talvez estivesse esperando, me fazendo suar, antes de voltar e tentar novamente, mas nunca veio. O que vai acontecer agora? Vai tudo se tornar público?”

“Não podemos fazer promessas, mas não temos planos de dizer nada. Mas você reteve evidências que tinha o dever de nos passar. Se soubéssemos disso, poderíamos ter pego Stevenson e talvez poupado algumas de suas vítimas.”

“Então ele fez isso com outros?”

“Não podemos comentar quanto a isso. Agora, o que pode nos contar sobre a garota? Qual era o nome dela? E como se conheceram?”

“O nome dela é Sophie. Sophie Baxter. Ela tem 21 e está no último ano de bioquímica. Foi o que ela me disse e soou crível. Ela sabia do que falava quando se tratava de ciência.”

“Ainda não nos disse como se conheceram?”

“Isso é um pouco mais embaraçoso. As vezes eu me sinto um tanto solitário. Soa estranho vendo que sou fui tão bem sucedido e sou tão rico, mas as vezes é difícil encontrar alguém com quem conversar. Quero dizer, com quem ter uma conversa inteligente. Frequentemente eu procuro online. Uso a internet para negócios, é claro, mas às vezes é só para relaxar, só para falar com pessoas nos comentários de blogs ou em salas de chat, ocasionalmente durante o dia, mas a maioria das vezes, no meio da noite.”

“De qualquer maneira, eis a parte triste. Eu me loguei em um site chamado “Sozinhos em Glasgow”. Entrei nele algumas vezes, mas dessa vez, alguns meses atrás, eu comecei a falar com uma pessoa, a Sophie. Começamos a papear e parecia que simplesmente tivemos uma conexão. Ela sabia que eu era mais velho desde o começo, mas ela não ligava e eu com certeza não ia reclamar. Ela falava frequentemente sobre ser atraída por homens mais velhos, um complexo de Electra, quem sabe? Supus que fosse mais provavelmente uma atração pelo meu dinheiro e meu poder, já aconteceu antes. E embora não me orgulhe disso, suponho que fiquei bem lisonjeado com uma jovem linda daquelas querendo conversar e até passar tempo comigo. Era tudo pela internet e o relacionamento se desenvolveu, se é que posso chamar de um relacionamento. As conversas começaram a ficar sugestivas e aí trocamos fotos e até conversamos um como o outro via webcam. Era como ter um caso sem nunca se encontrar. Aí demos o próximo passo. Combinamos um encontro, só para tomar café, no Costa na Sauchiehall Street. Era só uma hora, mas ficamos como uma casa em chamas. Ela se inclinou por cima da mesa e tocou minha mão. Foi como um choque elétrico e eu era um adolescente outra vez. Formigava todo. Ela estava com um perfume suave de frutas e um cheirinho de sabonete fresco. Quase podia sentir o sabor. Queria estar com ela. Queria ter ela. Eu precisava. Ela disse que sentia o mesmo. Eu sugeri que podíamos usar um quarto de hotel, mas ela recusou. Disse que era muito clichê, muito sórdido. Disse que tinha um amigo com um apartamento, que tinha arranjaria para usá-lo e que estaria com as chaves. Combinamos para a noite seguinte. Eu estava empolgado, como um colegial, como eu disse. Nos encontramos às sete da noite e ela nos preparou um jantar leve que comemos com espumante. O resto vocês sabem, viram as fotos. Passamos a noite juntos e eu parti pela manhã. Devíamos nos encontrar novamente na semana seguinte mas nunca aconteceu. Ao invés disso eu encontrei Stevenson.

“A princípio eu fiquei zangado. Eu perguntei o que ele havia feito com a Sophie, mas ele riu de mim e me disse que queria dinheiro para ficar calado. Aí fez sentido. Eu me senti tão tolo. Tinha sido feito de bobo. Fui aliciado para um relacionamento para me enrascar e me chantagear. Ainda estava zangado, mas mais comigo mesmo por minha estupidez e por ter caído em sua armadilha. Minha própria vaidade me levou até ela.” Lágrimas de frustração se formavam nos olhos de Ballantyne.

“Quando isso aconteceu?” Sandra perguntou.

“Durou umas três ou quatro semanas e acabou pelo fim de maio. Tenho certeza de que Stevenson veio me ver no começo de Junho. Eu sei pois foi pouco antes de eu ir apresentar um seminário em Southampton, por que eu estava tentado a cancelar, mas não o fiz.”

“Onde era o apartamento em que se encontraram”, McAvoy perguntou.

“Era um dos novos apartamentos no loteamento do Porto de Glasgow, saindo da South Street. Eu lembro de ficar bem impressionado que Sophie tenha conseguido alugar um apartamento daqueles para a noite. É claro que agora faz bem mais sentido.”

“Era esse endereço?” Sandra perguntou, entregando a Ballantyn um pedaço de papel que mostrava o endereço do apartamento que Stevenson tinha.

“Sim, é esse. Sophie me telefonou com o endereço e eu fui lá e ela me deixou entrar. Eu peguei o elevador e ela estava me esperando lá.”

“O apartamento pertencia a Scott Stevenson.”

“Isso faz sentido agora.”

“Sr. Ballantyne, poderia nos dizer onde estava entre o meio-dia e às seis horas da quinta-feira, dia 3 de novembro?”

“Eu estava trabalhando em casa, tenho um escritório ao lado, posso te mostrar. Estava trabalhando em uma licitação para o SNS que tinha que ser entregue na sexta.”

“Tem alguém que possa confirmar onde estava?”

“Eu não tenho certeza. Acho que Margaret estava em casa por parte do dia e vocês podem confirmar que eu entreguei a proposta na sexta.”

“Ficou em casa o tempo todo?” McAvoy pressionou.

“Quase. Eu saí para algumas coisas. Eu fui ao correio e no fim da tarde eu fui para Edimburgo para entregar o documento em pessoa antes do fim do prazo.”

“Tem mais alguma coisa que possa nos contar?” Sandra questionou.

“Não, acho que é só isso”, Ballantyne respondeu.

“Okay, Sr. Ballantyne, obrigado por sua assistência, você foi de grande ajuda. Talvez tenhamos que voltar para pedir mais detalhes, mas por ora isso vai bastar.”

Um Martyn Ballantyne um tanto contrariado guiou Sandra e Donny até a porta da frente e até o carro deles. “Se isso puder ficar longe do olhar público, eu ficarei muito grato. Embora ela já saiba disso, eu gostaria de evitar que Margaret sofra por minha indiscrição. Não me importo em ser humilhado. Bem, eu me importo, mas aguento. Mas preferia que ela não tivesse que aguentar.” Ele apertou a mão de ambos e voltou para casa.

“Vou precisar do meu remédio para enjoo novamente ou vai estar mais calma para a viagem de volta?” Donny perguntou enquanto voltavam para a estrada.

Sandra não respondeu por alguns segundos, até ter manobrado o veículo pela primeira curva e então pisou fundo no freio. “Seu canalha impertinente! Eu vou te dar alguma coisa com a qual se preocupar. Nunca mais fale com um oficial superior da maneira que falou comigo lá dentro! Me entendeu? Pode não estar muito longe da sua aposentadoria, mas apronte mais disso e vai vir bem mais cedo do que espera e não vai ser completa. Eu só estava tranquilizando o Ballantyne, deixando ele falar casualmente do que lhe interessava para que se abrisse mais durante a entrevista e você entra com os dois pés, cacete!” Sandra estava blefando. Ela sabia que estava deixando sua conversa pré entrevista se esticar por estar interessada em aprender mais sobre as antiguidades, mas estava furiosa com o desrespeito de McAvoy. Estava ciente dos preconceitos dele e sabia que ele nunca teria agido daquela maneira com um policial homem. Queria deixar claro para que ele soubesse que era inaceitável e para que ele não achasse que podia se safar intimidando-a.

“Desculpa Sarge”, ele murmurou, não soando muito convincente.

“Já temos o suficiente com o que lidar sem que você atrapalhe. Agora, vamos pensar no trabalho.” Sandra começou a resumir. “Sabemos bem mais agora. Sabemos como Stevenson processava sua pequena operação. Agora, queremos acesso ao apartamento para ver o que podemos descobrir, e queremos mais informações sobre aquele site e ver como foi que ele fez. Não havia nada nos computadores do Stevenson, então ele devia estar usando outro ou fazendo com que Gordon Black o fizesse. Isso é bem provável, dada a especialização de Black.”

“Eu não tenho tanta certeza de que Ballantyne seja inocente”, Donny interrompeu. “É muita coincidência que a esposa dele colecionasse antiguidades, e de marfim em particular, e aí Stevenson por acaso o escolhe como vítima. Talvez tivessem se desentendido em algum momento e Stevenson tenha mirado em Ballantyne para se vingar. Talvez Ballantyne não tenha gostado disso e tenha se livrado dele. Ballantyne é um cientista. Ele sabe tudo de ciência forense, devia saber como acobertar para não deixar evidência.”

“Sua imaginação está forçando um pouco, não está? Tem razão, mantenha a mente aberta, mas sério? Claro, ele tinha motivo, não tem um alibi e portanto teria a oportunidade, mas olhe para o crime em si. Ballantyne é um ratinho patético, seus pés certamente não são tamanho 43 e ele nunca poderia ter empunhado a presa com a força com a qual ela foi usada. Deus, eu sou mais forte que ele!”

“Você é mais forte e mais assustadora do que metade dos homens que eu conheço”, Donny respondeu com um risinho.

As palavras poderiam ser lidas como um elogio, mas Sandra sabia que essa não era a intenção. Ela tinha uma relação de trabalho pouco confortável com McAvoy. Ela sabia que ele era teimoso e ainda vivia em um passado em que policiais eram quase todos homens e a que as poucas mulheres na força nunca eram levadas a sério. Seu chauvinismo relutava em aceitar mulheres em qualquer posição de responsabilidade. Ter que trabalhar com mulheres já era ruim o suficiente, mas depois que Sandra foi promovida, ele frequentemente tinha que trabalhar para ela e a atmosfera podia ficar desagradável.

Ela sabia bem que não devia deixar ele escapar com seus insultos e calmamente respondeu, “É melhor acreditar nisso.”

Muito do que restava da tarde foi uma perda frustrante de tempo conforme tentavam encontrar alguém que pudesse lhes dar acesso aos registros da universidade e aos dormitórios, na esperança de encontrar fotos de Gordon Black. Como era domingo, ninguém de quem precisavam estava no escritório e não tiveram sorte procurando-os em casa. Arriscaram a chance remota de encontrá-lo no endereço na Otago Street, mas tiveram o mesmo azar nisso. Passaram algum tempo redigindo seus arquivos e seguindo uma série de pistas que levavam a nada. Antes que ele pudesse encerrar pela noite, Sandra deu a Donny a tarefa de enviar um e-mail para Alex para informá-lo de tudo. Aí se retirou para se encontrar com Sanjay.

Embora Sanjay Guptar tivesse quase a mesma idade de Sandra, ele entrou para a força policial dois anos depois, trabalhando antes no restaurante de sua família antes de convencer seu pai de que suas aptidões seriam melhor utilizadas em outro lugar. Era inteligente e habilidoso e, com sua experiência nos negócios da família, tinha noções comerciais sólidas. Embora fosse marginalmente mais alto do que Sandra, ninguém o notaria pois os saltos dela cobriam a diferença. Além do que, ele sempre estava com os ombros levemente caídos, os braços curvados para dentro e a cabeça baixa, olhando para o chão. Ele tinha um amigável rosto redondo com alegres olhos castanho-escuros ocultos atrás de óculos de aro grosso e cabelos negros e curtos.

Sandra tinha agendado de se encontrar com Shirley McCann às seis horas, em seu apartamento no edifício Collegelands. Ficava na Bell Street, uma propriedade de época tombada, convertida de um armazém nos estágios iniciais da recuperação da cidade. Preparando-se para a entrevista, Sandra encontrou Sanjay em Glasgow Cross quinze minutos antes do horário agendado com a conselheira. De onde estavam, podiam ver os últimos consumidores vagando por Trongate, saindo da cidade ou voltando do mercado de Barras por Gallowgate. Embora estivesse escuro e frio, eles encontraram um banco onde se sentar na pequena praça gramada logo em frente da High Street, vindo da torre do relógio, de maneira que Sandra pudesse atualizar Sanjay quando à investigação antes de começarem a entrevista.

Eles caminharam até a esquina e digitaram o número do apartamento no interfone. McCann deixou eles entrarem e disse para seguirem ao segundo andar. Ela os recebeu na escadaria e, depois de verificar suas identidades, apertaram as mãos. Shirley McCann era atraente, confiante e receptiva. Tinha altura média e um corpo magro, com cabelos loiros até os ombros, com penetrantes olhos azul-safira que pareciam nunca piscar e o olhar firme e frio associado a jogadores de poker, ideal para uma carreira política. Ela os guiou por um corredor largo com um teto muito alto, passando por uma porta de segurança interna a caminho do seu apartamento. Assim que entraram, eles caminharam por um pequeno corredor, adentrando uma espaçosa sala de estar. O aposento era quente e confortável, especialmente após sentarem no frio úmido de fora. Um espesso tapete persa cobria parcialmente um piso de carvalho polido e as paredes eram adornadas com um luxuoso papel de parede flocado, interrompido por uma série de fotos emolduradas de McCann na companhia de políticos de destaque ou de celebridades. O amplo peitoril de uma janela trazia algumas fotos pequenas em molduras de prata, uma mostrando seu casamento e outras acompanhada do mesmo homem e crianças pequenas. Dois sofás grandes,

posicionados de maneira a formar um 'L' ocupavam a maior parte dos fundos da sala, com uma mesinha de café baixa completando o quadrado.

“Sentem-se e me digam do que isso se trata. Foram muito sigilosos ao telefone. A única coisa que disseram era que tinham que falar comigo urgentemente e que era uma questão muito particular.”

Eles se sentaram e Sanjay tirou um caderno e uma caneta do bolso.

“Sim”, Sandra respondeu. “Estamos sozinhos?”

“Sim, meu marido está com alguns amigos e ele não deve voltar até mais tarde e as crianças vão dormir casa da minha irmã.”

Sanjay pegou um pequeno gravador portátil. “Gostaríamos de gravar essa conversa para fins de registro.”

“Isso é realmente necessário?”

“Estamos investigando o assassinato de Scott Stevenson e seria melhor se pudéssemos ter um registro completo dessa conversa”, Sandra começou.

“O nome não me diz nada, deveria?” McCann respondeu abruptamente.

“Talvez essa foto lhe refresque a memória”, Sandra continuou. “Suspeitamos que conheça este homem.”

Quando McCann pegou a foto, suas mãos começaram a tremer e a cor sumiu de seu rosto. “Você disse que ele está morto?”

“Ele foi assassinado em sua loja na quinta-feira. Não viu isso no noticiário?”

“Eu não ando tendo tempo para ver tv. Não, eu não sabia.” Lágrimas se acumulavam em seus olhos e Sandra suspeitava que não eram por simpatia pelo falecido.

“Por favor, pode nos contar como o conheceu ele?” Sandra perguntou.

“Quanto vocês sabem?”

“Acho que já juntamos todas as peças, mas se não se importar, vamos perguntar. Comece pelo começo e não deixe nada de fora. Deve saber que temos as fotos então não adianta esconder nada.”

“Ai meu Deus”, foi tudo que McCann conseguiu responder e agora as lágrimas escorriam por sua face. Ela pôs a foto de Stevenson na mesa e fechou as mãos, se endireitando enquanto tentava se recompor. Como uma explosão final de determinação, ela exclamou, “Por que deveria lhes contar qualquer coisa? Particularmente se acham que já sabem de tudo? Eu não preciso falar nada com vocês sem um advogado.”

“Você tem razão, é claro, não precisa falar conosco agora, mas acha mesmo que isso vai ajudar? Sabemos que você mesmo é uma advogada e que tem o direito de esperar até que seu advogado esteja presente. Mas podemos insistir que seja interrogada na estação, e isso poderia se tornar bem mais público. Pensamos que seria bem mais simples e rápido conversarmos aqui e agora. Sabemos que Stevenson estava por trás de um esquema de extorsão e acreditamos que você tenha sido uma das vítimas. Nosso objetivo principal, no momento, é atar as pontas soltas e solucionar o homicídio.”

Por alguns segundos, houve silêncio, interrompido apenas pela respiração profunda de McCann enquanto ela pensava em suas opções. “Okay, eu vou lhes contar o que eu sei”, ela sussurrou.

McCann começou um monólogo que precisou de pouquíssima ajuda ou encorajamento para levar à informação da qual precisavam. Ela começou baixa e lentamente, falando apenas algumas palavras de cada vez antes de pausar. Mas gradualmente, ela recuperou suas forças e conseguiu contar sua história.

Shirley conheceu seu marido, John, enquanto estavam na universidade. Ambos eram estudantes de direito e tinham uma paixão por política, assim como um pelo outro. Ele era um astro esportivo e representava a universidade, tanto em natação quanto em corrida à média distância, chegando a concorrer em nível nacional. Ela era a estrela da sociedade de debates. Eram um casal perfeito e ambos eram membros ativos da sociedade universitária do Partido Trabalhista. Se formaram com honras, de primeira classe duplas para Shirley enquanto John se virou com uma aprovação.

Depois de se formar, eles se casaram enquanto faziam seu treinamento jurídico. Shirley conseguiu uma vaga em um prestigioso escritório de direito comercial e John em uma pequena firma especializada em tabelionato. Além de cuidar da casa e progredir na carreira, ela deu à luz duas filhas nos primeiros três anos de seu casamento.

Seu interesse em política e em debate se manteve e Shirley era bem cotada no partido Trabalhista local, pelo qual foi candidata a uma cadeira garantida no conselho, e rapidamente se tornou uma figura altamente influente e respeitada no Conselho Municipal da Cidade de Glasgow. Muitos previam oportunidades maiores e melhores. Infelizmente, a carreira esportiva de John foi levada a um fim prematuro como resultado de um tendão rompido.

No começo, John apreciava seu papel ao lado de Shirley enquanto ela se tornava mais popular e mais bem sucedida, mas gradualmente ele se tornou frustrado e ressentido e buscou refúgio no álcool, ocasionalmente em eventos nos quais a acompanhava. Seu relacionamento se tornou cada vez mais tenso, mas ainda se seguravam, parcialmente devido a ameaça de que um divórcio pudesse prejudicar suas ambições políticas, mas também como resultado da firme formação católica de Shirley, pela qual um divórcio não era contemplável. Apesar do seu sucesso político, e talvez por causa dele, Shirley se sentia muito solitária e sexualmente frustrada. Procurando inocentemente por companhia, ela se deparou com o site e foi tragada para dentro. Conforme a sedução progrediu, a promessa de encontros sexuais em particular sem compromisso se provou uma isca intensa demais para ela. Ela foi ao apartamento no Porto de Glasgow três vezes antes de ser confrontada por Stevenson e ficou devastada com suas exigências. Isso ficou pior por não ter ninguém para quem contar. Não ousou contar a ninguém dentro do partido e fazia tempo que havia perdido a habilidade de se confortar em sua fé. Além disso, não queria confessar sua infidelidade a John pois não podia mais confiar que ele fosse calado depois de beber.

Sandra se sentiu particularmente empática, percebendo que havia paralelos com seu relacionamento fracassado e estava grata por ter tido a força para encerrar o seu quando o fez. Sandra sentia que nunca se deixaria na mesma situação que Shirley, mas também reconhecia que as circunstâncias eram diferentes e que não poderia realmente julgar como teria reagido na mesma posição.

Shirley tinha um alibi sólido para o horário do assassinato de Stevenson, pois estava em uma sessão do Conselho, com incontáveis testemunhas.

Capítulo 10

Música muito alta tocava e ele tinha a sensação de estar no centro de uma colméia com um enxame de incontáveis pessoas ao redor dele como abelhas. Não. Menos benignas. Mais como vespas dementes. Aí Alex estava de pé ao ar livre, com o aroma de diesel e açúcar queimando no ar e o sol intenso sobre sua cabeça. O barulho continuava e se tornava mais intenso conforme a música era acompanhada por chiados e batidas fortes. Ele cobriu suas orelhas com as mãos para tentar filtrar a cacofonia. Era tão alta e tão intensa e havia tanto movimento em toda parte que se tornava difícil se focar. Gradualmente, havia mais clareza. Pequenos veículos parecidos com carros se moviam diante dele de forma errática. Tinham capotas abertas e só transportavam uma ou duas pessoas cada. Com mais clareza, Alex percebeu que estava em uma feira ao ar livre, vendo os carrinhos de choque. Ali, diante dele, estavam Craig e Andrew, sendo perseguidos e atacados por um carro com duas garotas bonitas. Talvez fossem aquelas da piscina. Eles chegaram a uma quina e os carros viraram. Agora era Craig que perseguia as garotas e Andrew havia desaparecido. Outro carro veio à vista e Helen o dirigia com Andrew ao seu lado. Como ele conseguiu trocar de carro? Helen estava perseguindo Craig e gritando quando ela subitamente voou de lado quando o carro foi atingido com tudo pelo Ford Mondeo de Sandra. Houve um súbito jato de sangue e ao longe Alex conseguia ver Stevenson de pé, com uma grande mancha sangrenta no peito. Um tilintar alto tomou o lugar da música e todos os veículos desaceleraram. Devia ser o fim da rodada. Todos os outros sons desapareceram, deixando apenas o tilintar. A feira também se foi. Ainda semi-adormecido, Alex bateu em busca do telefone.

Alex pensou que ainda devia estar sonhando quando a voz do outro lado da linha relatou, em um forte sotaque escocês, que “Houve um assassinato”, como se interpretasse uma cena de *Taggart*. Enquanto seus olhos pegavam um lampejo do rádio-relógio ao lado da cama, ele interpretou os números que diziam 5:45 da manhã.

“Isso é algum tipo de piada?” Alex questionou, agora desperto, com sua mente ficando mais afiada a cada segundo.

“Aqui é do centro de controle da Polícia de Strathclyde. Eu gostaria de falar com o ISC Warren?”

“Aqui é o Warren, do que se trata?”

“Sinto muito, senhor, e sinto muito por te ligar a essa hora. Me pediram para te telefonar e te informar de que dois corpos foram encontrados em um cortiço em West End. As circunstâncias indicam que foram assassinados.”

“Você sinceramente começou essa chamada dizendo ‘Houve um assassinato’?”

“Sim, senhor. Sinto muito, senhor. Eu não devia ter feito isso. Eu sou um assistente administrativo civil e fui convocado ao centro de controle temporariamente para ajudar enquanto eles estão com carência de pessoal. Sempre quis dizer isso, e quando tive a chance de falar isso para valer, não consegui evitar. Foi realmente idiota, mas estava fazendo por diversão.”

“A primeira coisa que você precisa aprender é que homicídio não é nada divertido, e a menos que consiga entender isso, seu trabalho será realmente temporário.” A essa altura Alex estava se esforçando para manter a seriedade.

“Sim, senhor. Sinto muito, senhor. Não vai se repetir.”

“Eu não vou dar queixa por isso, mas é melhor cuidar onde pisa. Agora, é melhor me dar toda a informação que tem sobre esse incidente.”

“A informação veio originalmente de uma cobertura na White Street, lateral da Byers Road. A ligação veio de um Sr. Singh, a respeito do seu vizinho, um Sr. Kerr, David Kerr. Kerr estava trabalhando no período noturno e encerrou seu turno às 5. Quando chegou em casa encontrou sua esposa morta no vão da sua porta da frente. Ele felizmente não entrou, mas caiu no choro embalando o corpo da esposa. Os vizinhos acordaram querendo saber o que tinha acontecido e o encontraram daquele jeito. Eles ligaram para os serviços de emergência e persuadiram o Sr. Kerr a ir para a casa deles para confortá-lo. Nós

enviamos uma viatura e encontramos a esposa como foi descrito, mas também encontramos o filho dele morto no quarto. O Sargento Guptar estava de plantão e foi para lá diretamente e me pediu para te ligar.”

“Okay, certo. Me dê o endereço e aí ligue para o Guptar e o avise que estou a caminho. Outra coisa, espere até as 7h30 e aí ligue para a Sargento McKinnon e diga a ela onde estou e que não poderei encontrá-la como combinado. Mais uma coisa, diga a ela para arranjar outra pessoa para ir ao banco.”

Alex rapidamente se barbeou e tomou banho antes de sair do apartamento. Estava surpreso, mesmo assim cedo, em ver um trânsito moderado indo em direção à cidade, mas de qualquer maneira chegou à região da zona do crime em 15 minutos. Levou quase o mesmo tempo para encontrar uma vaga. Muitas das residências nessa região foram construídas na era vitoriana com vias estreitas e sinuosas, sem antecipar as exigências de estacionamento do século XXI. Depois de dar duas voltas na quadra, ele finalmente optou por estacionar seu carro em uma faixa amarela dupla na Byers Road e voltar andando. Ao se aproximar do prédio, podia ver que era construído em um estilo parecido com o seu apartamento. Era um dos terraços tradicionais, tão comuns em Glasgow, construídos há mais de um século com grandes blocos de arenito vermelho minado localmente. Em quase todos os apartamentos deste terraço, as grandes janelas tinham sido substituídas por unidades modernas e econômicas de uPVC em camada dupla. Tinha uma porta de madeira de lei sólida e um painel eletrônico ao lado. O sistema havia sido desativado e a porta deixada aberta.

Guptar o encontrou assim que começou a subir as escadas para as entrada e então o guiou para as privacidade do pátio dos fundos para informá-lo.

“Oi Alex, não te vejo fora a essa hora com frequência. Espero que não tenha te incomodado, mas achei que pudesse querer ver essa enquanto ainda estava fresca.”

“Está tudo bem, Sanjay, você fez a coisa certa. Agora, me dê os fatos.”

“Aconteceu no apartamento 3/2, lá em cima. É um apartamento grande, três quartos, sala de estar e cozinha com sala de jantar, pertencente à família Kerr. Moram aqui há 10 anos, pelo que entendi. O Sr. Kerr veio para casa do trabalho e encontrou a mulher, Agnes, no meio do vão da porta. Tinha sido esfaqueada no coração e deve ter morrido quase que imediatamente. Lá dentro, nada parece ter sido muito mexido até se chegar ao segundo quarto. Foi um massacre, quase literalmente. O quarto tinha sido revirado e o corpo do filho estava de bruços na cama. O nome dele era David, como o pai. Teve a garganta cortada e deve ter sangrado até a morte. Tá tudo coberto de sangue. Não só isso, mas o corpo foi mutilado. Tem um instrumento, parece ser uma faca de paleta, enfiado no traseiro dele.”

“Espera, quer dizer então que foi um estupro?”

“Eu não disse isso. Ainda não sabemos o que aconteceu. Temos que ver o que os garotos da perícia tem a dizer, mas tudo indica que isso foi feito depois que ele morreu, para deixar algum tipo de mensagem. O garoto estava completamente vestido, mas suas calças foram cortadas e a faca foi inserida nele à força pelo ânus.”

“Me parece uma escolha de arma estranha, não é muito afiada.”

“O garoto era aluno de uma escola de artes, então tem um monte de telas, pincéis e tal pelo quarto. Acho que era conveniente.”

“Jesus, isso é exatamente do que a gente precisa, um assassino ritual. Isso vai chamar a atenção da imprensa se souberem.”

“Até o momento, ninguém sabe, só o nosso pessoal e eles sabem bem que não devem dizer nada. Obviamente o legista vai descobrir, mas a regra ainda se aplica. O pai e os vizinhos nunca viram o corpo, até onde sabemos. O pai queria entrar quando ouviu, mas ele já estava em choque e nós arranjamos para que o médico dele viesse e lhe sedasse. Ele ainda está com o vizinho. Eu falei com ele antes, mas não vai tirar nada que faça sentido dele por ora.”

“Algum sinal de que tenham interferido com algum dos corpos?”

“Tirando o que já te contei, não. Kerr embalou o corpo da esposa e estava coberto com o sangue dela, mas tirando isso ela parecia intocada e todas as roupas dela estavam intactas. O garoto estava em um estado pior, mas até onde podemos dizer, ninguém esteve no quarto. Steve Vickers, o rapaz da viatura, me disse que abriu a porta, viu o que estava lá e pegou o rádio. Ele é um rapaz inteligente. Tem algumas pegadas ensanguentadas no piso do banheiro, uma fileira delas saindo porta afora, mas nada além disso, então ele deve ter tirado os sapatos.”

“Se for o caso, é improvável que encontremos digitais, mas podemos pegar outros traços de evidência.”

“Assim esperamos.”

“A equipe forense está lá agora. Eu tenho equipamento de proteção que pode usar se quiser dar uma olhada.”

“Não é bem o que eu quero, mas é melhor dar uma olhada. E quanto aos vizinhos? Verificou o bloco?”

“Fui em todas as portas. Acordei o bloco todo, então não fomos muito bem vindos. Ninguém viu nem ouviu nada.”

Meia escadaria acima, Sanjay e Alex alcançaram a ofegante e idosa figura do Dr. Duffie, lutando para subir os três lances de escada.

“Posso te trazer um copo d’água, Doutor?”

“Isso seria ótimo, mas é melhor esperar eu chegar ao topo.”

Alex deixou Duffie ir na frente antes de dar uma examinada cuidadosa na cena do crime. Uma porta mista de vidro dava acesso ao apartamento e se abria para um corredor quadrado com portas para cada um dos aposentos. Alex pôde ver as manchas de sangue no piso assim que cruzou o limiar. No corredor, o Dr. Duffie examinava o corpo de Agnes Kerr. Alex se moveu rapidamente para não ficar no caminho. O apartamento parecia confortável e bem usado, sem sinais de opulência. O piso estava quase todo coberto de placas de laminado baratas imitando sólidas tábuas de carvalho. As paredes eram pintadas em magnólia, com sua falta de graça interrompida em intervalos regulares por fotos de família. Se Alex estava correto em sua interpretação, David era o mais jovem de três filhos e as duas irmãs mais velhas eram casadas, cada uma com seus próprios filhos. Alguém teria de contar a elas.

Os aposentos tinham tetos altos e grandes janelas, salientes no caso da sala de estar e do quarto do casal. A mobília demonstrava sinais de desgaste e eram de um estilo escandinavo moderno, porém barato, possivelmente da IKEA. A sala de estar tinham um sofá acolchoado com duas poltronas combinantes e uma grande mesa de café. Apoiada em um móvel estava uma grande tv de tela plana da Sony, de antes das telas de LCD e Plasma tomarem conta do mercado. Havia um receptor de freeview e um aparelho de DVD em uma unidade e um conjunto de caixas de DVD. Alex sorriu ironicamente ao ver uma linha de caixas contendo uma série de episódios de *Taggart*.

Seguindo em frente, a cozinha tinha uma parede branca com cobertura de melamina e móveis básicos intercalados com um fogão, uma geladeira com congelador e uma máquina de lavar. Ao centro, havia uma grande mesa de pinho com seis cadeiras e uma veneziana vermelho-cereja, ainda fechada, cobria a janela.

O quarto do casal era imenso e era o único aposento com carpete. Uma cama dupla se encontrava rente à parede oposta à janela, com uma cômoda cor de pinho de cada lado da cama. Dois armários idênticos, altos e com quatro portas, se encontravam nas paredes laterais e havia também uma cômoda de cinco níveis, parte do conjunto. Uma porta em uma parede lateral se abria para uma grande armário embutido. O segundo quarto era o centro das atividades e Alex o deixou temporariamente de lado para verificar o terceiro quarto e o banheiro. Nada neles parecia fora de ordem. Ele voltou à porta do segundo quarto e olhou adentro. Oficiais forenses estavam correndo por todo lado, coletando amostras e tirando medidas.

Pelo que Alex podia ver, o quarto havia sido destruído, não muito diferente do que ocorrera na casa de Stevenson. A cama estava intacta, tirando por um longo talho no colchão que deixa muita da espuma vazar. A base do divã havia sido cortada de forma parecida. Sobre a cama estava a figura prostrada de um rapaz, de costas para cima, com os braços para os lados. Sua cabeça estava virada para o lado, permitindo que Alex visse a ponta do que devia ter sido um talho profundo em seu pescoço. Toda a colcha sob ele, da altura do seu peito até o topo da cama, estava saturada de sangue com poças se formando em alguns lugares. As cores variavam de um vermelho vivo a um vermelho profundo, até preto onde já havia coagulado. A cabeceira e a parede atrás dela também estavam cobertas com o líquido. Novamente ele foi abalado pelo cheiro de sangue e teve que resistir à náusea crescente. Olhando para Kerr por trás, suas roupas pareciam estranhamente intocadas, salvo pelo que havia sido transferido das roupas de cama e o rasgo em suas calças. Havia um buraco na costura com sangue nas bordas do material rasgado e o cabo da faca de paleta emergindo de seu ânus como um mastro. Parecia haver pouco sangue na ferida e no tecido adjacente, sugerindo que o rasgo fora feito com uma lâmina já ensanguentada.

Alex queria ouvir antes o que os técnicos tinham a dizer, para ter certeza, mas sua impressão inicial era de que a vítima tivera seu pescoço cortado, provavelmente abrindo a carótida. Teria caído para frente, em direção à cama, e sangrado até a morte. A mutilação de seu traseiro teria sido feita enquanto morria ou pouco depois e tirando isso o corpo estava intocado, pois não havia muito sangue derramado no resto do quarto. O aposento estava uma bagunça, com gavetas reviradas e prateleiras esvaziadas. Roupas, livros e caixas de CDs e DVDs se misturavam com tintas, tubos de óleo e giz pastel, quadros Daler, telas e molduras, alguns usados, mas em sua maioria vazios. Parcialmente sob a cama estavam restos quebrados de um laptop. Alex reconheceu o símbolo e percebeu que era um MacBook Pro com uma tela quebrada e cobertura traseira arrancada. Perto do computador estava uma caixa de sapatos abertas com um rolo de notas de 20 atadas com um elástico. A julgar pela espessura, devia ter mais de mil libras ali, portanto ficava claro que o assassino não estava atrás de dinheiro.

“Déjà vu?”

Alex se virou e viu Connor parado atrás dele, observando a mesma cena. “Não é bem a mesma coisa, né? Mas tem similaridades claras.”

“Estamos registrando e testando tudo, como seria de se esperar, mas tenho certeza de que é o mesmo sujeito que matou o Stevenson. A maneira que o lugar foi metodicamente destruído e os livros e DVDs foram revirados como se estivessem procurando por algo... e particularmente, o que fizeram com o computador, removendo o armazenamento antes de quebrá-lo. Posso ver no seu olhar, você também está pensando isso.”

Com os olhos focados na cena, Alex lentamente assentiu.

“Tem outra coisa preocupante”, Connor adicionou. “O assassino parece ter adquirido gosto por sangue. Achávamos que ele estivesse coberto na loja, mas aquilo parecia ter sido um crime no calor do momento. Temo que tenha dado um barato nele. Fica claro aqui que ele não se importava se ia derramar sangue e provavelmente ficar coberto nele. Quando ele cortou a carótida, deve ter jorrado por toda parte antes do garoto tombar, e o sujeito estava na frente dele. Dá de ver pelas manchas na parede”, Connor disse, apontando, “dá para ver uma mancha vazia atrás de onde o assassino estava, que está limpa. Se quer a minha opinião, ele cortou o Kerr e aí começou a revirar o quarto, enfiando a faca no cu dele em algum ponto. Acho que a mãe devia estar fora e ele ficou nervoso quando a ouviu chegar. Ele foi para a saída, a esfaqueou quando ela entrava e então fugiu.”

“Então ele usou uma arma diferente para cada morte?”

“Não necessariamente. Acho que tinha sua própria arma e a usou em Kerr. Depois disso ele encontrou e usou a faca de paleta. Posso te dizer que não foi com ela que ele cortou a garganta. Também não a usou nas calças. Dá pra ver as manchas de sangue no tecido. Seriam da mesma lâmina que usou para matar ele.

Então dá pra ver que ele tinha essa faca para usar na mãe. A arma do crime ao que parece era uma lâmina curta, afiada e sem serra.”

“Obrigado, deixo isso nas suas mãos por ora.” Alex saiu do apartamento, olhou para o seu relógio, pegou o celular e ligou para Sandra, minutos depois dela receber o telefonema da sala de controle. “É melhor que venha para cá agora.”

“Bom dia para ti também, chefe. Obrigado por me servir de despertador. É bom ver que está de volta ao volante e louco pela ação.”

“Menos”, Alex riu. “Não sei se te deram os detalhes, mas temos um homicídio duplo aqui. As vítimas são um estudante chamado David Kerr e sua mãe, Agnes. Tudo indica que é o mesmo assassino de Stevenson.”

“Eu vi seu e-mail ontem à noite e meu palpite é que o assassino foi encurralado da mesma maneira que Ballantyne. Foi aliciado em um site e teve uma relação homossexual com Kerr. Stevenson tinha as fotos e as utilizou para chantageá-lo. O assassino surtou e matou Stevenson. Aí revirou a casa dele em busca de cópias das fotos. Agora foi atrás de Kerr e revirou o quarto dele da mesma maneira. A morte da mãe foi dano colateral. Mas parece que ele pode estar atrás de qualquer um envolvido, então precisamos encontrá-los antes que ele o faça. Black me parece um alvo provável.”

“Agora estou bem acordada e a caminho.”

Alex encontrou Guptar e o informou de tudo que sabia sobre o caso Stevenson. “Quero que você e McKinnon trabalhem nisso. Quero cooperação plena. Agora, vamos ao vizinho para ver o que descobrimos.”

Alex bateu na porta e Guptar o apresentou ao vizinho. O Sr. Singh era um homem alto e forte, na casa dos quarenta. Tinha ombros largos e braços musculosos, mas tinha sinais de uma pança se formando onde a decadência da meia-idade não pôde ser evitada por completo. Seu 1,80m de altura era exagerado por um turbante completamente branco. Trajava calças brancas folgadas e uma túnica e tinha um pesado bracelete de prata em um dos pulsos. Parecia bem assustado, com olhos baixos e o rosto pálido como papiro, quase combinando com o turbante. Convidou os dois para a sua casa. Comparada à propriedade dos Kerrs, este apartamento era suntuosamente mobiliado e a decoração parecia nova e cara. Os pisos estavam cobertos com tapetes espessos.

O Sr. Singh explicou que um médico veio e tranquilizou o Sr. Kerr, que agora estava dormindo no quarto de hóspedes. Guptar lhe agradeceu, avisando que a filha de Kerr, que morava em Motherwell, havia sido informada e que o genro dele estava a caminho para buscá-lo.

Singh os levou à sua sala de estar e indicou para que sentassem em um confortável sofá coberto de moquette. Singh sentou-se diante deles em uma das poltronas. A tv estava muda mas a BBC news era exibida na grande tela de plasma presa à parede e um móvel de carvalho sob ela abrigava um decodificador-gravador da Sky e um aparelho de Blu-ray. Prateleiras combinadas ficavam ao lado, cheias de caixas de filmes.

Assim que entraram na sala, a Sra. Singh foi para a cozinha dizendo que logo voltaria com chá. Guptar pegou um caderno e uma caneta, deixando Alex livre para fazer as perguntas.

“Há quanto tempo conhece a família Kerr?” Alex perguntou.

“Nós nos mudamos para cá há cerca de 8 anos e eles já estavam morando lá.”

“Como eles eram como vizinhos?”

“Eram normais. Ficavam no canto deles, então não conversávamos muito. Nos dávamos oi ao se ver. A Sra. Kerr era sempre bem conversativa, mas seu marido era bem ranzinza. Eles têm duas filhas. Margaret mora em Luton com o marido e os filhos e só a víamos quando vinha visitar no natal. A mais nova morava aqui quando nós chegamos, mas ela se casou e se mudou para Motherwell uns dois anos atrás. É o marido desta que está vindo. O jovem David parecia um bom rapaz. Era muito estudioso e um grande artista, pelo que ouvimos. A mãe dele ficou tão orgulhosa quando ele foi aceito na Academia de

Artes. O único problema era que ele adorava por suas músicas e seus vídeos para tocar super alto e tarde da noite, especialmente quando o pai não estava em casa. Não teria incomodado tanto, mas nós cuidamos da revistaria na esquina e temos que acordar cedo todo dia, sete dias por semana. Meu filho Vikram foi abrir a loja por hoje. Pedimos algumas vezes para ele baixar o volume. Ele sempre dizia que ia, mas nunca fazia diferença.”

“Sabe se ele tinha algum amigo próximo? Ou amiga?”

“Nenhum que eu saiba.” A Sra. Singh voltou à sala carregando uma chaleira de prata e um conjunto de chá de porcelana de ossos. “Eu estava dizendo como não sabíamos se o jovem David tinha algum amigo próximo que ele trazia para casa.”

“Não, você tem razão. Não consigo pensar em nenhuma vez que tenha visto ele trazer alguém para casa. Eu ouvi tudo que diziam da cozinha e acho que você tem razão.” A Sra. Singh serviu o chá e passou as xícaras e os pires para Sanjay e Alex.

Alex segurou a alça com cuidado, morrendo de medo de esmagar a porcelana delicada com suas mãos brutas. Estaria muito mais confortável com uma caneca encorpada.

“Agora, se puderem me falar da noite passada, vocês viram ou ouviram algo fora do comum?”

“Agora que mencionaram, teve uma gritaria pouco antes da meia-noite. Eu lembro que pensei em bater lá, pensando que fosse David e seus vídeos outra vez. Talvez tenha sido nessa hora que confusão começou. Se eu tivesse ido reclamar, talvez não tivesse acontecido.”

“Eu acho que não, Sr. Singh. Se tivesse ido reclamar, você poderia ter se ferido também.”

“O que aconteceu depois?”

“Nada, na verdade. Após alguns minutos, ficou tudo quieto outra vez. Eu fui dormir e a próxima coisa que ouvimos foi o Sr. Kerr gritando. Eu não sabia o que era. Eu disse para a Padma ficar a postos, me vesti e fui ver. Ele estava ajoelhado no vão da porta chorando e segurando a cabeça da esposa contra o peito. O peito dela estava todo vermelho e tinha um monte de sangue no vão. Eu queria ajudar mas não havia nada que eu pudesse fazer. Eu entrei e chamei uma ambulância e a polícia e aí esperei vocês chegarem com ele. Ele estava em choque. Estávamos todos em choque. Aí a viatura veio e depois veio a ambulância. Nós trouxemos ele para cá enquanto esperávamos um médico chegar. Eu ouvi o outro policial contar para ele que o filho dele também estava morto. Ele lutou para voltar ao apartamento, mas o policial não deixava ele entrar. Aí o médico veio e deu uma injeção nele.”

“E está tudo tranquilo desde então?”

“Sim, o Sargento Guptar conversou conosco mais cedo e tem o barulho constante das pessoas subindo e descendo as escadas, mas suponho que isso seja de se esperar.”

“Obrigado por sua ajuda e sua hospitalidade. Eis o meu cartão, caso pensem em mais alguma coisa.” Alex se levantou, seguido por Guptar, e o Sr. Singh os levou até a porta.

Assim que saíram, Alex olhou novamente para dentro da residência dos Kerr. Ele viu Sandra McKinnon sondando a cena. Sua mandíbula estava firme e seu olhar fixo à frente, concentrando-se com grande intensidade. Ela tinha o mesmo olhar inexorável e determinado que tinha quando Alex a vira em seu sonho, batendo com o carro no carrinho de choque de Helen.

Alex sacudiu a cabeça para afugentar a imagem. Olhou novamente e estava impressionado que, mesmo a essa hora da manhã e nestas circunstâncias horríveis, ela conseguisse estar atraente e sedutora. Ele a chamou antes de discutir os planos imediatos com ela e Sanjay.

Combinaram que Sanjay ficaria no local enquanto os técnicos trabalhavam. Havia trabalhado no turno da noite e já tinha passado do seu horário, mas continuaria em serviço enquanto fosse necessário. Alex e Sandra voltariam ao escritório para organizar equipes investigativas e integrar estes inquéritos com os correntes quanto a morte de Stevenson.

Capítulo 11

Voltando à delegacia, oficiais foram designados para os inquéritos de rotina e para tripular outra caravana de incidente. Depois, Alex, Sandra e Donny sentaram-se para priorizar os próximos passos.

“Primeiro, temos que encontrar Black. O que conseguiram?” Alex perguntou à Donny.

“Estamos avançando. Agora temos fotos recentes da Universidade e agentes locais estão para entrevistar sua família em Inverness. Confirmamos o endereço na Otago Street, mas ele se mudou de lá há mais de três meses. Aparentemente, ele enriqueceu e se mudou para uma propriedade na Shakespeare Street, em Maryhill.”

“Isso fica em North Kelvinside, não em Maryhill”, interrompeu Sandra.

“Detalhes, que diferença faz?” Donny respondeu, mal humorado.

“A diferença é só de uns 20 mil no valor da propriedade, só isso”, Sandra retrucou.

“Crianças, crianças, não briguem”, interrompeu Alex.

“Certo, agora, eis a parte interessante. Depois que ouvi que ele se mudou, eu liguei para várias imobiliárias para descobrir se tinham abrigado ele e acabei achando a certa. A Prolets locou o apartamento na Shakespeare Street, mas espera só por essa, eu não fui o primeiro a perguntar. Sábado eles receberam uma ligação de alguém dizendo ser o pai dele, dizendo que seu filho tinha se mudado e que tinha perdido o endereço. Mais tarde eu dei uma olhada e duas outras agências receberam a mesma ligação, mas foi com a Prolets que ele fez negócio. Felizmente, eles acharam aquilo suspeito. Acho que estavam preocupados com sigilo de dados. De qualquer maneira, eles disseram para deixar um número de telefone e que iam ligar depois de verificar se estava tudo certo, mas ele desligou.”

“Era com isso que eu estava preocupado. Black é o próximo alvo. Temos que encontrá-lo antes que o assassino o faça.”

“Eu expliquei a situação e combinei de me encontrar com o agente imobiliário no apartamento. Ele vai me dar acesso caso Black não esteja em casa, e eu não espero que esteja. Só preciso ligar para ele quando estiver pronto para ir. Alguém quer ir comigo?”

“Não, eu vou deixar isso por sua conta, mas leve Phil Morrison contigo. Sandra e eu temos hora marcada com um juiz. Phil volta das férias hoje e deve estar louco para ir. Duas semanas na Flórida. Se for como da última vez, ele deve estar mais bronzeado do que o Sanjay. O que temos que pensar agora é se devemos ir a público com a foto de Black e ver se conseguimos tirar ele da toca. Suponho que ele esteja se escondendo e morrendo de medo. Tudo indica que ele estava envolvido no esquema de extorsão. Era a cabeça por trás do lado de TI da coisa. Deve ter lidado com o site todo, provavelmente armou o aliciamento online e, muito provavelmente, estava por trás das fotos. Sem chance dele se entregar, não importa o quão assustado esteja. Se suspeitava que o assassino pudesse vir atrás dele quando mataram Stevenson, vai ter certeza ao ouvir o que aconteceu com Kerr. Ele vai fugir. Vai evitar chamar atenção para que o assassino não lhe encontre, então não tem como se esconder muito mais. Não consigo ver nada de negativo em expor a foto dele para nos ajudar a encontrá-lo. O que acham?”

“Justo, contanto que não façamos o trabalho do assassino para ele expondo o Black”, Sandra respondeu.

“É um risco, mas temos que encontrá-lo logo. Queremos divulgar a foto dele dizendo que ele não é um suspeito de homicídio, mas acreditamos que ele tenha informação que possa nos ajudar, blá blá blá”, Sugeriu Donny.

“Está combinado”, disse Alex.

“Okay, e o que temos para McSweeney?”

“O xerife sabe que vamos vê-lo às 11, ele não sabe do que se trata, pois eu só disse que temos que discutir a admissibilidade de algumas evidências. Ele deve estar se perguntando por que somos nós e não o fiscal que vai falar com ele, mas isso não é incomum. Ele não tem que ir para o tribunal o dia todo hoje, então tivemos sorte nisso”, respondeu Sandra.

“Okay, não temos como dizer quanto tempo isso vai levar e quanto tempo Sandra e eu ficaremos ocupados com isso”, ele prosseguiu, olhando para Donny. “Portanto, depois que tiver terminado com o apartamento, quero que você e Phil verifiquem a caixa forte no banco e descubram o que tem nela. Suponho que já tenham o mandado?”

Uma hora depois, Sandra e Alex tinham que encarar a chuva forte para entrar no tribunal e tiveram que esperar mais 15 minutos antes de serem levados aos aposentos do xerife McSweeney, pondo seus telefones em silêncio ao entrar. Ao menos puderam se secar um pouco enquanto esperavam.

Dispensando qualquer gentileza, McSweeney assentiu em direção às cadeiras diante de sua mesa e continuou a ler seus jornais. Era um homem de aparência insignificante, no fim da meia-idade, de estatura baixa e barriga rotunda. Sua face redonda tinha a compleição rosada que sugeria consumo em excesso de vinho tinto. Usava óculos sem borda apoiados no meio do nariz. O alto de sua cabeça era calvo, mas ele tinha longas mechas de cabelo castanho-acinzentado dos lados, que eram vaidosa e cuidadosamente penteadas sobre a careca em uma vã tentativa de dar uma impressão diferente. Estava vestindo um terno cinza comum que lutava para contê-lo, pois tinha sido comprado alguns anos antes, quando era alguns quilos mais leve e alguns tamanhos menor. Sua camisa seguia o tema, sem que o logo da grife Tommy pudesse fazer nada para compensar os botões esgarçados sobre sua barriga. Seu colarinho estava desfeito e era mantido precariamente fechado por uma gravata listrada de seda, que carregava evidências do ovo cozido que comera no café da manhã.

Sandra conseguia medir visualmente o aumento de pressão sanguínea de Alex conforme segundos e depois minutos se passavam com seu rosto corando mais e mais de raiva. McSweeney ocasionalmente erguia o olhar, olhando por cima dos óculos, claramente aproveitando essa demonstração mesquinha de autoridade.

Após pouco menos de sete minutos, Alex estava farto. Ele se levantou e abriu sua pasta. “Eu gostaria que o senhor olhasse para essas evidências.”

McSweeney o dispensou novamente. “Você pediu para me ver em cima da hora. Pode esperar até eu estar pronto. Estou te fazendo um favor ao te receber.”

Alex não se perturbou e continuou a sacar uma leva de fotos. “Acho que vai ver que fomos nós que te fizemos um favor. Estamos de te dando a oportunidade de ver isso primeiro ao invés de irmos direto ao Lorde Presidente.” Alex então dispôs sobre a mesa do xerife as primeiras de uma série de fotos, mostrando McSweeney ‘no flagra’.

McSweeney se levantou no pulo. “Quem vocês pensam que são? Não sabem quem eu sou? Vocês não tem o direito de fazer isso. Eu devia mandar prendê-los! Estou confiscando isso de vocês!” ele balbuciou.

“Não seja tão ingênuo, homem!” A paciência de Alex estava se esgotando.

McSweeney afundou novamente em sua cadeira, cobriu o rosto com as mãos e toda sua arrogância e confiança se dissolveram. “O que que eu vou fazer?”

“Primeiro, você vai nos contar tudo que sabe sobre isso.”

“Mas você não pode deixar essa informação sair! Eu viraria uma piada!”

“Acho que essa é a última coisa com a qual precisa de preocupar. Agora, vamos começar. Como conheceu essa garota?” Alex estava apontando para a moça nua na primeira fotografia.

McSweeney se sentou por um tempo. Seu corpo inteiro tremia e ele tentava compor seus pensamentos.

“Eu não me lembro exatamente. Eu estava usando a internet e entrei em uma sala de chat, acho.”

“Consegue lembrar do site?”

“Não sei. Acho que era “Solitários em Glasgow” ou “Sozinhos em Glasgow”, algo do tipo.”

“E o que aconteceu?”

“Nós só conversamos. Eu estava realmente gostando. Era tão fácil conversar com ela. O nome dela era Cynthia, ou ao menos foi isso que ela disse. Ela me disse que estudava direito e que gostava de conversar comigo porque eu era tão importante.” McSweeney pausou novamente antes de continuar.

“Algumas vezes ela usava uma webcam e me mostrava o que estava estudando. Uma vez, tarde da noite, ela estava usando uma camisola pequenininha. Estava linda e eu disse isso. Para a minha surpresa, em resposta, ela se levantou e tirou a camisola e posou lá, nua diante da câmera, por alguns segundos antes de se vestir novamente. Eu contei a ela quanto eu gostei de vê-la e ela me perguntou se eu gostaria de ver de verdade. Eu queria isso tanto. Ela disse que poderia arranjar um encontro no apartamento de um amigo. O teríamos todinho para nós. Eu disse a ela que seria ótimo. Ela me contatou para me dizer que estava tudo arranjado e que era para eu ir para o Porto de Glasgow na noite seguinte. Eu mal podia esperar. Eu devia jogar em um torneio de bridge, mas eu cancelei e fui ver ela. Levei uma garrafa de vinho. Ela me disse que gostava de vinho tinto. Levei uma safra boa, um St. Emilion Grand Cru. Queria impressioná-la. Nós nos encontramos e aproveitamos da companhia um do outro. E o vinho. não vou entrar em detalhes, vocês já tem as fotos e elas dizem tudo que há a ser dito.”

“Pelo que vimos nas fotos, você foi um tanto aventureiro, mas não fez nada ilegal. A moça é nova, mas já passou da idade de consentimento e o que adultos fazem consentidamente não interessa à lei.”

“Sim, eu sei. Eu conheço a lei. Não preciso dos seus sermões. Eu gostei daquela noite, mas não queria que ninguém soubesse. Tenho um bom casamento e não quero perdê-lo. Não quero! Mas Cynthia fazia coisas e me deixava fazer coisas que não podia fazer em casa.”

Alex deixou as palavras pairando no ar. As fotos mostravam penetração anal graficamente, mas a indiscrição de McSweeney não estava em sua atividade sexual, mas no esforço que tivera em acobertá-la.

“Ainda não nos contou tudo. O que aconteceu depois?”

“Nós dissemos que nos falaríamos novamente para arranjarmos outro encontro, mas ela nunca me ligou.”

“Não, mas outra pessoa o fez.”

“Sim, eu recebi uma visita na semana seguinte. Um homem horrível, que me disse que tinha as fotos e me mostrou uma de exemplo. Disse que era melhor que eu fizesse o que ele dizia ou levaria elas a público. Eu não podia correr esse risco e ele sabia. Eu lhe ofereci dinheiro. Ele aceitou mas disse que queria mais. Disse que eu ficaria sabendo.” McSweeney parou de falar e inalou.

“E?”

“Eu não ouvi nada por um mês ou mais. Comecei a me convencer de que nunca tinha acontecido, que era só um sonho ruim e que tinha passado, mas não era.” Novamente, as palavras pairaram no ar e desta vez Alex deixou o xerife continuar a seu próprio tempo.

“Lembra do caso Lazlo alguns meses atrás? Meliantezinho russo preso por posse de armas e cocaína? O caso preliminar veio a mim e eu aceitei a petição da defesa alegando que a revista fora ilegal.” Mais uma pausa longa.

“Por que não pediu nossa ajuda?”

“Eu não podia. Estava metido fundo demais. Devia ter procurado vocês assim que ele me mostrou as fotos. Devia ter expulsado ele e assumido o risco. Mas eu estava com medo e não queria ser visto como uma piada. Conseguem imaginar o que os jornais diriam? ‘Xerife pego com calças curtas’, provavelmente. Minha esposa ficaria abismada. Com o tempo, poderia, talvez, perdoar a indiscrição, mas jamais a humilhação. Eu não podia deixar isso acontecer.”

“Que fim teve Lazlo?”

“Havia uma anomalia técnica no mandado de busca. Nada significativo e não deveria ter feito diferença, na verdade. Na pior das hipóteses só afetaria um décimo das evidências, como a documentação estava perfeita. Eu escolhi fazer uma interpretação radical do regulamento, como se

quisesse dar um exemplo. Joguei todas as evidências fora e o caso foi dispensado.” Após uma pequena pausa, McSweeney se corrigiu. “Foi pedido que eu jogasse fora as evidências.”

“Quem pediu? O advogado de defesa estava envolvido?”

“Não que eu saiba. Ao menos, não tenho provas. Ele só apresentou a petição. O mesmo homem, o das fotos, veio me ver e disse que a petição seria apresentada e como eu devia lidar com ela. A princípio, eu me recusei. Disse que não podia cogitar fazer aquilo. Seria a corrupção de tudo que eu representava. Ele me mostrou as fotos mais uma vez. Tinha mais delas desta vez. As mesmas que tem aí. Eu cedi e fiz o que ele queria. Arquivei o caso. Nunca falei com o advogado de defesa, mas ele sabia que devia fazer a petição pelo arquivamento e não pareceu muito surpreso quando eu a aceitei. Todos os outros ficaram.”

“Quem era o homem que veio falar com você?”

“Eu não sei bem o nome dele, mas ele me disse para chamá-lo de Scott.”

“Era este homem?” Alex perguntou, mostrando uma fotografia de Stevenson.

“Sim, é ele. Pegaram ele por alguma outra coisa?”

“De certa maneira, sim, ele está em custódia. Ou ao menos o corpo dele está. Ele foi assassinado semana passada. Não viu no noticiário?”

“Não, eu estive fora nos últimos dias. Não assisti a tv e não li nenhum dos jornais. Não posso dizer que sinto muito, mas onde eu me encaixo nisso?”

“Não cabe a mim lhe dizer o que fazer, mas meu relatório irá direto para o Chefe de Polícia e de lá as cópias irão para o procurador fiscal e o Lorde Presidente. Não acho muito apropriado que continue na tribuna, mas não é minha decisão. Pode querer saltar fora antes de ser empurrado. Também pode haver um processo criminal por ‘perverter o curso da justiça’, mas acho que não tenho que te dizer isso. Novamente, não é minha decisão.”

Alex se levantou, recolheu as fotos, e saiu porta afora, optando por não oferecer o costumeiro aperto de mãos. Sandra o seguiu em passos rápidos.

Pela hora em que saíram do prédio, a chuva havia parado, embora parecesse mais com uma calmaria ante a próxima tempestade, que eles aproveitaram para correr de volta ao seu veículo.

“Aquilo foi um tanto rude”, Sandra disse no meio do caminho, imediatamente se arrependendo de suas palavras ao ver o olhar enfurecido na face de Alex.

“Rude?” Alex parou. “Eu devia ter sido muito pior com o velho nojento, rabugento e arrogante. Quem diabos ele pensa que é? Consegue imaginar quanto tempo e esforço foi necessário para pegar Lazlo? Para não mencionar o que foi depositado preparando a acusação. Consegue imaginar quanta gente foi ferida como resultado dele ter ficado solto? Tudo isso porque o imbecil não consegue manter suas calças fechadas e aí, quando é pego, a sua prioridade é preservar seu orgulho. Rude? Eu devia ter prendido ele aqui e agora, algemado e arrastado ele enquanto o canalha gritava e esperneava. Talvez eu devesse voltar e fazer isso agora.”

Sandra olhou ele direto nos olhos para ver se estava falando sério, mas não conseguia julgar.

“Eu vou gostar de escrever esse relatório”, Alex prosseguiu, voltando a caminhar em direção ao carro. Ele esperou sentado e ligou o motor antes de ativar e verificar o telefone no viva-voz. Notando que Donny tentava contatá-lo, ele apertou o botão de discagem rápida.

“Donny, como foi?” ele perguntou.

“Não muito bem chefe. Chegamos tarde demais, alguém esteve lá antes de nós.”

“Quão feio estava?”

“Um bocado. O lugar estava arrasado. Connor enviou parte do pessoal dele para verificar, mas eu acho que estão perdendo tempo, se for para julgar pelos outros lugares.”

“Nunca se sabe quando se vai dar sorte. Você sabe tão bem quanto eu que basta um deslize para pegarmos ele. Agora, comece do começo e me diga o que aconteceu.”

“Morrison e eu nos encontramos com o agente como combinado e fomos ao apartamento. Fica na Shakespeare Street, no segundo andar, então só tem um andar acima. Você sabe onde fica, na esquina do novo hipermercado Tesco, saindo da Maryhill Road. O agente foi botar a chave na fechadura, mas a porta se abriu. Tinha arranhões no batente da porta. Parecia que tinham usado um pé-de-cabra para forçá-la. Os talhos eram grandes demais para ter sido um formão. Tinha uma Mortise e uma Yale trancando ela, mas ambas tinham sido arrombadas e a madeira da porta estava lascada. Nós fizemos o agente ficar do lado de fora e demos uma olhada rápida no interior.”

“Suponho que Black já tenha saído há algum tempo. Tinha panelas e pratos sujos na pia, mas pareciam estar lá havia algum tempo. O leite na geladeira tinha vencido no sábado. O lugar tinha sido revirado do mesmo jeito que a casa do Stevenson, com gavetas e estantes esvaziadas e mobílias rasgadas, mas por algum motivo tenho a impressão de que ele estava seguindo a rotina, sem expectativa de encontrar alguma coisa.”

“Black não tinha falta de dinheiro. Era um apartamento de dois quartos, mais do que se espera que um pobre estudante vá pagar sozinho. Pagou o depósito e o aluguel do primeiro mês em dinheiro e os meses seguintes via transferência bancária. O apartamento não veio mobiliado e a julgar pelo conteúdo, certamente não lhe faltava dinheiro para esbanjar. Tinha um conjunto de móveis de couro da ‘Reids’ que pareciam ser novos na sala de estar, junto com uma cadeira ‘La-Z-Boy’. Também tinha uma TV Samsung 3D de 50 polegadas montada na parede. Tudo isso vale alguns milhares de libras. A cozinha tinha o melhor em eletrodomésticos e um conjunto de mesa e cadeiras de carvalho sólido. E tudo com cara de novo. Outra TV montada na parede do quarto e várias etiquetas de marca nas roupas. O segundo quarto tinha sido convertido em um escritório, com escrivaninhas e cadeiras. Tinha uma conexão de internet banda larga da BT ligada a dois computadores em estilo torre que pareciam bem potentes. Mas a mesma coisa de antes: as máquinas tinham sido destruídas e as unidades de armazenamento retiradas. Tinha dois armários de arquivo grandes com o conteúdo jogado pelo chão, mas acho que o que tinha de importante deve ter sido removido, seja por Black em pessoa, antes dele fugir, ou pelo intruso. Eu vi um monte de recibos e faturas jogados por aí e espero que quando tivermos tempo para dar uma boa olhada, eu encontre os detalhes de registro da conexão de internet e do website dele, para que possamos acessar os servidores e descobrir o que passou por eles.”

“Ah, e mais uma coisa. Tinha um sistema ‘cardex’ na escrivaninha. Só restavam cartões em branco, então o conteúdo deve ter sido retirado. Com sorte foi por Black, antes de ir, mas se não foi isso significa que o assassino tem os detalhes de contato de todo mundo. Isso poderia explicar como ele encontrou David Kerr, mas isso também significa que o arrombamento foi antes de hoje e continua sem registro.”

“Okay, o que mais você tem para mim?”

“Duas coisinhas, isso estava levando um tempinho, então o Phil foi pro banco junto com um dos uniformizados. Tem um tempo já, então é provável que ele já tenha voltado à rua Pitt. Estou terminando aqui e volto em alguns minutos. Tirando isso, estamos tentando obter dados de arquivo do site “Sozinhos em Glasgow”, mas nada ainda. Temos uma visita ao apartamento no porto combinada para às 2 da tarde. Pode querer que eu lide com isso. E rastreamos uma das garotas. O nome dela é Carol Sneddon e ela é uma estudante de Administração. Eu verifiquei, ela está em uma prova no momento, mas acertei para que buscassem ela e a levassem à delegacia assim que ela sair do prédio. O que deve ser pelas 3.”

“Prefiro que a Sandra entreviste a garota, pois isso será menos intimidador. Eu vou acompanhar essa. Você cuida da busca no Porto. Voltaremos em cerca de meia hora, então devemos te ver antes que você saia, para comparar anotações. Vai repor o filtro para que esteja pronto quando chegarmos? Eu poderia matar por um café.”

“Certinho chefe. Eu perguntei e espero ter o relatório provisório da White Street a qualquer hora agora. Estamos recebendo algumas respostas na ronda de porta em porta e eu pedi por qualquer gravação de segurança em Byers Road ou nas proximidades.”

“Certo, estamos a caminho.”

Capítulo 12

O relatório da White Street já estava sobre a mesa de Warren, junto com um copo escaldante de café preto. Ele se sentou com Sandra, Donny e Phil Morrison para rever o que tinham descoberto.

A previsão de Alex estava certa e a pele de Phil estava em um marrom escuro após suas férias. Ele nem teve que tomar banho de sol, parecia acontecer naturalmente pois ele, junto com a esposa e os filhos, passaram muitas horas caminhando por parques de diversão ensolarados e outras mais em piscinas ao ar livre e parques aquáticos, nenhum dos quais oferecia muita sombra. Os protetores solares de fator alto pouco fizeram para evitar que sua pele queimasse. Phil não era muito mais jovem que Alex e era esperto, com um senso de humor irritantemente aguçado. Era formado em ciências sociais e trabalhou por vários anos com gestão de RH, se especializando em treinamento de engenharia. Aí a empresa na qual trabalhava fechou depois que sua matriz na Alemanha percebeu que podia poupar custos relocando suas fábricas para a Europa Oriental e a Índia. Phil foi incapaz de encontrar outro trabalho parecido, mas não ficou desempregado por muito tempo. Primeiro, aceitou um emprego como vigia comunitário antes de se candidatar a uma vaga na polícia. Progrediu rapidamente e demonstrava engenhosidade, o que fazia Alex ficar feliz em tê-lo na equipe. A folga do trabalho fez bem a Phil. Parecia forte e alerta. Era menor e menos robusto que Alex, mas ainda assim era atlético e musculoso, graças as suas duas sessões semanais de musculação. Tinha um amigável rosto redondo, alegres olhos castanhos, cachos castanhos levemente revoltos e covinhas duplas ao sorrir - o que acontecia com frequência.

“Bom vê-lo novamente Phil. Devo supor pela aparência que as férias foram boas? Não está sofrendo de jet lag?”

“Obrigado chefe. As férias foram ótimas, mas eu poderia aceitar mais uma semana de folga para me recuperar do exercício. As crianças adoraram e não queriam ir embora. Te conto tudo mais tarde. Voltamos sábado de manhã, então eu já me ajustei a diferença de horário.”

“Você não está empolgado me contando que já resolveu o caso, então vou supor que não achou muita coisa no banco.”

“Supôs certo, chefe. A equipe foi bem prestativa, me deu acesso ao cofre e me mostrou como abrir a caixa. O conteúdo era interessante, mas não nos levaram muito longe. Eu cataloguei tudo e botei em sacos de evidência pros técnicos checarem e as deixei com eles. Tinha um maço de dinheiro, pouco menos de 20 mil, e registros bancários que mostravam depósitos em uma conta em paraíso fiscal que totalizavam mais 250 mil. Tinha também uma caixa com pedrinhas transparentes embaladas individualmente. Acho que eram diamantes, e se eram, devem valer dezenas ou centenas de milhares de libras. Mas acho que é só isso.”

Donny assobiou ao ouvir os valores sendo discutidos, mas Alex só mantinha o olhar fixo com um ar abatido na face.

“Pena, a única coisa que isso nos dá é uma noção de quanto ele estava recebendo, mas nenhuma pista quanto ao assassino.”

“Okay, eu quero voltar à base, rever o que temos e para onde vamos. Sandra, você resume e o resto complementa onde for necessário.”

“Certo chefe. Primeiro, tudo isso parece ter sido engatilhado pelo Stevenson. Ele armou um esquema de extorsão. Foi atrás de indivíduos poderosos e ou ricos. Trabalhou com Black para criar um esquema de aliciamento pela internet. Arranjou estudantes que precisavam de mais dinheiro ao invés de usar profissionais, e Black deve estar no meio disso também. Pôs os alvos com as garotas ou os rapazes em seu apartamento e aí os chantageou com as fotos. Um dos alvos surtou e foi atrás dele. Matou Stevenson e aí revirou a casa dele para se livrar de qualquer evidência que ligasse a ele. Aí ele foi atrás do Black e revirou a casa dele, mas parece que o Black deu o fora e sumiu a tempo. Ele descobriu onde Kerr morava, foi atrás dele e o matou. Aí pelo que parece a mãe do Kerr chegou em casa na hora errada e ele a matou também. O assassino é impiedoso e inteligente. Sabe um bocado sobre perícia forense e procedimentos policiais, e por isso conseguiu cobrir seus rastros. Mas também é corajoso e arrogante.

Os crimes foram muito violentos e sujos. Não estava apenas matando-os, estava também os punindo. Devia estar coberto no sangue das vítimas, mas ninguém viu ou ouviu coisa alguma. As invasões a domicílio são a mesma coisa: nem um traço. Devia estar de carro, pois não poderia ter saído andando sem ter sido visto e portanto deve ter estacionado por perto. Tanto nos assassinatos quanto nas invasões, ele tinha as ferramentas das quais precisava, luvas e tal, para não deixar rastros e ele retirou das cenas as evidências que queria, então de novo, ele devia ter estacionado por perto.”

“Mais uma coisa estranha”, Phil interrompeu. “Na morte do Stevenson, eu vi as fotos e a primeira impressão que me deu é de que foi uma coisa no calor do momento. Não se planeja matar alguém com uma presa de elefante. Não é bem uma *arma*. Deve ter sido conveniente na hora. Stevenson disse ou fez alguma coisa e o meliante perdeu o controle, provavelmente pegou a primeira coisa ao seu alcance que poderia servir como arma, no caso a presa. Ele a brandiu contra o Stevenson, perfurando a barriga dele e a enfiou para matá-lo. Deve ter tido sangue e tripas para todo lado, mas não tem traço do assassino, só algumas pegadas ao redor do corpo. Isso significa que ele já estava preparado antes do assassinato e isso derruba a ideia de que tenha sido por impulso, ou então ele arranjou alguma maneira de sair sem deixar rastros. Para fazer isso ele teria que se despir no local e aí ir para o carro buscar o que precisaria para limpar a cena do crime”, Phil pausou, “Mas ninguém viu ele, seja coberto de sangue ou peladão. E se ele saiu para ir para o carro depois do assassinato, teria deixado a porta aberta ou ao menos destrancada. Qualquer um poderia ter entrado, a não ser que ele tivesse estacionado colado na porta.”

Houve um longo momento de silêncio enquanto todos digeriam as conjecturas de Morrison.

“Eis uma possibilidade”, Sandra sugeriu, “Stevenson vendia antiguidades e eu me lembro de ter visto algumas roupas clássicas penduradas em um cabideiro, o tipo de coisa que se vê em filmes de época ou se usa em uma gala chique. Talvez o assassino tenha tirado suas roupas ensanguentadas e tirado alguns itens do cabideiro.”

“Ele nem precisaria se despir”, adicionou Alex. “Poderia ter só colocado uma jaqueta ou um sobretudo sobre o que vestia. O que depõe contra essa hipótese são as pegadas. Os sapatos dele deveriam estar cobertos de sangue e havia pegadas ensanguentadas perto do cadáver, mas só perto. Se caminhou até onde estavam as roupas, ou se saiu pela porta, teríamos sido capazes de rastrear as pegadas, a não ser que ele tenha tirado os sapatos.”

“Isso não faria com que as meias ou os pés dele deixassem rastros?” perguntou Sandra.

“Não necessariamente”, respondeu Alex. “Mas devíamos perguntar isso para o Connor. Ele teria que levar os sapatos consigo, então ou estaria descalço, ou teria achado sapatos na loja, junto com as roupas.”

“Recebemos mais alguns relatórios”, Donny complementou. “A inspeção do quintal do Stevenson encontrou alguns casulos de revólver gastos e algumas marcas nas árvores onde ele pode ter colocado alvos. Dá pra acreditar que o imbecil estava disparando munição de verdade num quintal no meio de um subúrbios de maior prestígio da cidade? Me espanta que ninguém tenha reclamado.”

“Me espanta que o desgraçado não tenha matado alguém”, retrucou Sandra. “Ao menos agora podemos descansar sabendo onde a arma foi usada.”

“Só se confiar que foi só lá que ele a disparou”, respondeu Alex, negativamente.

“Também temos alguns resultados naquele livro de códigos”, Donny continuou. “Pelo que entendi do relatório preliminar, parece que os símbolos estão relacionados a códigos quanto às vítimas de extorsão, datas e quantias coletadas. Ainda estão preparando um relatório completo e vendo se as quantias batem com os depósitos bancários. Mas pelo que parece, até agora, é justamente o que suspeitávamos.”

“Estamos ficando sem tempo para isso. Vocês dois vão verificar o apartamento no porto. Sandra e eu vamos trabalhar aqui, verificando o que temos e apertando aquilo pelo que esperamos. Aí temos a entrevista com Sneddon. Acho que devíamos fazer uma reunião de equipe no fim da tarde. Tragam o Sanjay e aí ficaremos todos inteirados. Suponho que ele esteja na ronda noturna outra vez?”

Donny checou o itinerário da equipe e assentiu.

Sandra e Alex alocaram entre si os arquivos com as informações novas e tiraram um tempo para folheá-los. Sandra pegou o relatório preliminar do legista e da equipe forense do caso da White Street, enquanto Alex cuidava das informações novas das investigações na loja e na casa, análises fotográficas, revisão das gravações de segurança, resumos do uso telefônico e a informação dos provedores de internet.

“Primeiro eu, quero dizer, primeiro o legista”, clamou Sandra. “Juntando o que Duffie e Connor disseram, David Kerr morreu devido à hemorragia causada pelo corte em sua garganta, abrindo a artéria carótida. O ferimento provavelmente foi causado por uma lâmina afiada, com não mais de 15 centímetros e um leve chanfro na lâmina, sem serra, possivelmente uma faca ornamental. As calças certamente foram cortadas com a mesma faca. A faca de paleta foi inserida no ânus quando ele já estava morto. O penetrou com facilidade e então rasgou a parede do reto e penetrou outras paredes intestinais. Os danos teriam lhe causado uma vida de dor e sofrimento se já não estivesse morto.”

“Tudo tem um lado positivo”, interrompeu Alex.

“Nenhum ferimento, defensivo ou de outro tipo. Sem sêmen ou qualquer outra interferência com o cadáver, nem cortes ou outras marcas significativas. Pelo ângulo e a extensão do corte no pescoço, Kerr estaria de pé diante do seu agressor, sem esperar pelo ataque. O agressor devia ser cerca de 15 centímetros mais alto que ele e era destro. O pescoço foi cortado em um golpe de ascendente, da esquerda para a direita, do ponto de vista do agressor, como um saque reverso em tênis de mesa, igualmente rápido. Kerr não teve atividade sexual recente, mas os sinais são de atividade anal prévia e não infrequente.”

“Se tivéssemos a sequência fotográfica dele para ir com as outras...”

“Suponho que sim, chefe. Agnes Kerr provavelmente foi morta pela mesma lâmina que matou seu filho. Tinha acabado de subir as escadas, estava suando e seu casaco estava aberto. Assim que ela abriu a porta, o agressor enfiou a faca no peito dela em ângulo ascendente, atingindo logo abaixo do esterno. Penetrou o coração dela e ela morreu quase que imediatamente. Nenhum ataque adicional e nenhuma interferência com o corpo ou com as roupas. Ambas as mortes foram executadas com precisão por alguém que sabia onde mirar e não tinha medo de sujar as mãos. Não foram crimes por impulso, certamente o do garoto não foi e o da Sra. Kerr foi cruel e desnecessário. Mesmo que não quisesse ser visto, não precisava matá-la. Foi cruel e ele provavelmente gostou disso.”

“Essa é a parte mais preocupante. Se ele gostou da experiência, provavelmente procurará por uma desculpa para fazê-lo novamente.”

“Essa é a minha parte, o que você achou?”

“Primeiro, os registros telefônicos. Ballantyne alegou que não ouviu mais falar de Stevenson depois do primeiro encontro, mas eu tenho mais duas ligações da loja para o número particular dele, a segunda no dia anterior ao crime. Acho que gostaria de conversar novamente com nosso Sr. Ballantyne.”

“Tinha várias chamadas para o que se descobriu ser o apartamento de Black e o celular dele, e um conjunto de nomes foi anexado às fotos depois de verificar o registro de chamadas. Uma vítima é Alice Simpson, a milionária dona de uma rede de óticas. Foi identificada em algumas fotos, na cama com dois rapazes. Mas essa é particularmente interessante, foi rastreada como sendo de um Sargento Patrick Kennedy da polícia de Fife. Ele tem 46 anos e por algum motivo, faz trabalho de escritório hoje em dia, mas ele costumava estar no DIC. Certamente temos que falar com ele, mas primeiro temos que seguir a política e passar pelos canais oficiais.”

“O provedor de internet deu resposta e disse que tentaria ajudar. Alguém já acessou o site ‘Sozinhos’ e apagou a maior parte dos dados, mas eles podem acessar os backups nos arquivos, se dermos tempo para isso.”

“A investigação de porta em porta foi a mais custosa mas continua sem ter nada para mostrar. Ouviram vários comentários e reclamações, mas nada significativo. Tivemos a leva costumeira de malucos nos dando pistas ou confissões falsas e rastreamos a maior parte dos veículos que o Fitzpatrick nos listou nas gravações. Por ora temos explicações inocentes para a maioria das placas que rastreamos. Tem um par de veículos cujas placas não estavam claras, um Passat prata e um Fiesta vermelho. Os técnicos estão tentando usar tecnologias novas para ver se conseguem descobrir mais alguma coisa.”

“Temos uma notícia do esquadrão do Thomson, nada que não soubéssemos, mas agora temos mais carne nesses ossos. Detalhes sobre quando as propriedades foram adquiridas, para quem foram locadas, etc. A estrutura das ações da empresa dele, as empresas nas quais investi, detalhes de contas bancárias, transferências. Agora, eis uma coincidência estranha, e você sabe o que eu penso de coincidências. A revistaria dele está locada para o Sr. Singh da White Street, sabe, o vizinho dos Kerr. Para encerrar, estamos divulgando a informação para ver se alguém viu Black e isso encerra tudo.”

“Que tipo de conexão você acha que há entre Singh e Stevenson?”

“Não consigo imaginar. Talvez não haja nenhuma, mas temos que ver o que aparece.”

“Qual é, chefe, não está sugerindo que o Stevenson era um senhorio das favelas, ainda por cima? É a única coisa que não temos contra ele.”

Ambos riram ao pensar nisso, bem na hora em que o telefone de Alex tocou. Ele viu que era do celular de Morrison e atendeu no viva-voz.

“Oi Phil. Vejo que conseguiu entrar então?”

“Sem problemas chefe. Acontece que as chaves maiores na caixa registradora são de trancas daqui. Uma Yale e a Mortise são da porta da frente e a outra Yale abre um armário. Ainda temos que encontrar o cadeado. De qualquer maneira, é um baita apartamento, bem espaçoso e realmente incrível. Fica no oitavo andar e as vistas são de matar, a sacada é imensa e dá de ver toda a cidade. Tem um quarto bem grande, uma cozinha linda com todos os móveis planejados e uma sala de estar aberta para as duas coisas.”

“Largue o papo de corretor de imóveis e me diga o que eu preciso saber.”

“Foi mal chefe, é que eu tava impressionado. Chegamos aqui a tempo, não foi revirado. Não acha isso meio estranho, já que o assassino obviamente sabia dele? Deve ter vindo aqui antes. Talvez seja por isso que não veio, não precisava pois sabia que não havia nada aqui que o incriminasse. Desculpa, pensando em voz alta.”

“Não peça desculpas, é uma pergunta legítima, prossiga.”

“O lugar é tipo um palacete, a decoração e a mobília são lindas e não me resta dúvida de que as fotos foram tiradas aqui. Dá pra ver pelo que está no fundo se olhar bem para as fotos e procurar pelas coisas certas”, ele adicionou com uma risadinha. “Se não bastasse isso, está cheia de mini câmeras escondidas, tem até sobre a privada, embora a maioria esteja no quarto. Algumas normais e algumas sensíveis à luz para que gravem mesmo na escuridão quase completa. São bem avançadas, todas com transmissão sem fio. Dentro de um armário, no corredor, tem um computador monstruoso coletando todos os sinais e os enviando para a internet. Não consegui encontrar nada armazenado no computador, mas tinha um cabo USB conectado a ele sem nada na outra ponta, então suponho que além de transmitir, estava gravando em um HD externo que foi removido. O armário estava aberto, mas tinha um dispositivo de tranca intimidador e uma tranca Yale que corresponde com a segunda das chaves encontradas na loja, mas como eu disse antes, estava aberto. Suponho que alguém tenha vindo e retirado o disco externo. A transmissão era feita por streaming, mas os dados do recipiente foram retirados. Vamos precisar dos técnicos para dar uma olhada se encontram algo oculto ou recuperável. Disso você vai gostar, chefe: a conexão de internet é da Virgin Media, dá pra acreditar? Usaram um roteador ‘Virgem’, irônico, não?”

“Mais alguma coisa?”

“Ah, sim. Os armários não tem roupas normais, só algumas toalhas limpas e roupões... e algumas fantasias interessantes, além de algumas roupas de couro e de látex. As gavetas estão cheias de ‘brinquedos’. Daria para abrir uma sex shop. Camisinhas, vibradores, consolos, cremes e loções, temos de tudo. Temos uma cômoda cheia de equipamento de sadomasoquismo, algemas, grilhões, coleiras, chicotes e etc. Achamos também alguns comprimidos suspeitos que não consigo identificar, mas acho que posso adivinhar. É um belo ‘ninho de amor’, com uma grande TV de plasma na parede, conectada a um aparelho de DVD e uma seleção de filmes adultos. Donny está preparando uma lista e uma análise detalhada deles enquanto falamos.”

“Isso não é verdade”, a voz de Donny trovejou pelo alto falante.

“Provavelmente é outra perda de tempo, mas eu vou pedir pro Connor enviar alguém para dar uma checada aqui e no computador, definitivamente”, Alex encerrou, ignorando o comentário. “Terminem o quanto antes e voltem a tempo da reunião de equipe.”

Alex desligou e se virou para Sandra. “Eu devia suspeitar que não devia deixar aqueles dois sozinhos. Phil pode ser engraçado, mas eu não o encorajaria ou ele vai ficar ainda mais insuportável.”

Sandra sorriu indulgentemente e na mesma hora transferiram a chamada avisando que Carol Sneddon havia chegado e estava sendo levada à sala de interrogatório. Chegaram na sala ao mesmo tempo e Alex se ocupou com a preparação do equipamento deixando que Sandra fizesse as apresentações e começasse as perguntas.

Ela ofereceu o braço em uma saudação. “Olá Carol, eu sou a sargento Sandra McKinnon do DIC e esse é o ISC Alex Warren. Quero agradecê-la por vir até nós.” A garota diante deles era certamente uma beleza. Tinha cerca de 20 anos e era magra e voluptuosa, usando saltos impossíveis que acentuavam seus 1,70m de altura. Tinha longos cabelos lisos vermelho-cereja que desciam até o meio de suas costas. Sua face oval tinha traços mediterrâneos e pele cor de oliva que era complementada por intensos olhos castanhos ressaltados por cílios muito longos, provavelmente falsos. Usava pouca maquiagem, só um toque de máscara e um tiquinho de brilho labial, mas o efeito era arrasador. Sua aparência refinada era perdida com seu vestuário. Apesar da estação, sob seu casaco de chuva, ela estava praticamente nua. Não usava um sutiã e as pontas de mamilos estavam claramente visíveis enquanto seus fartos seios mal eram segurados pelo que contava como pouco além de um cachecol. Era um suéter de lã cor de creme, curto e decotado, que deixava sua barriga exposta. Suas pernas estavam nuas e sua micro-saia preta seria melhor descrita como um cinto. Suas roupas de baixo se resumiam a uma calcinha fio dental dourada, e quando ela se movia a saia fazia pouco para mantê-la fora de vista.

Carol ignorou a mão de Sandra e caminhou para dentro da sala. “Por que está me agradecendo? Vocês não me deram escolha! Por que diabos me trouxeram para cá? Do que isso se trata?”

“Os oficiais que te buscaram já devem ter lhe explicado.”

“Aqueles dois escrotos não me disseram nada. Eu estava saindo da minha prova e os seus porcos estavam na porta. Perguntaram se eu era Carol Sneddon e quando eu disse que era eles disseram que eu tinha que ir com eles pois queriam me fazer umas perguntas. Eu estava a caminho do Grêmio para celebrar o fim das provas e ao invés disso sou arrastada para cá. Eu estou realmente p da vida. Vocês não tem nada contra mim. Eu não uso drogas, então eu não sei o que querem comigo. Por que não me deixam ir? Aí eu poderia me encontrar com meus amigos antes deles irem para algum lugar.”

“Ainda não. Como os oficiais disseram, temos algumas perguntas para te fazer. Acreditamos que tenha informações importantes para nos dar, que ajudariam em nossas investigações.”

“Que investigações? Não era para ler meus direitos ou coisa parecida?” Ignorando Sandra, Carol se virou e lançou um olhar em direção a Alex, piscando seus longos cílios de forma sedutora.

“Não, você não está sendo presa”, respondeu Sandra. “Só queremos que nos responda algumas perguntas.”

“Se é isso, eu posso ir embora então.”

“Sim, você pode, mas não achamos que isso vá ser bom, para você ou para nós.”

“Okay, eu vou ficar até eu saber qual é o rolo e aí eu vou.”

“Justo, mas quando souber do que se trata, acho que não vai mais estar com tanta pressa.”

“Okay, vocês prenderam minha atenção. Por alguns minutos ao menos.”

“Sente-se e nos conte o que sabe sobre Scott Stevenson.”

“Quem?”

Sandra mostrou a foto para ela.

“Nunca vi ele antes. Te disse que isso era uma perda de tempo. Não, espera, não é o cara que foi morto em uma loja perto da universidade? Acho que vi essa foto no noticiário? O que esse cara tem a ver comigo?”

“Está me dizendo que não conhece ele?”

“Eu nunca vi ele, já disse.”

Sandra pôs mais duas fotos na mesa. Mostravam cada uma Carol transando com um homem diferente.

“Mas que porra! Onde vocês acharam isso?”

“Nós fazemos as perguntas.”

“Sem essa. Tô indo embora, agora. Vou ligar para o meu pai, vocês sabem quem ele é? Vocês vão pra rua por isso. Que porra de país é esse se é só por isso que a polícia se interessa?” A cadeira de Carol se arrastou pelo chão enquanto ela se levantava de sobressalto.

“Acho que não”, se pronunciando pela primeira vez de forma brusca, Alex a interrompeu, falando pouco mais alto do que um sussurro, com uma entonação clara que dava às suas palavras um efeito sério e ameaçador, capturando toda a atenção de Carol. “Nós não tiramos as fotos. Elas, e várias outras do tipo, foram encontradas na casa de Stevenson. Mas você nos disse que não conhece ele. Se está nos dizendo a verdade, então certamente quer saber tanto quanto nós quem tirou elas e como foram usadas. Agora, você tem razão, pode ir embora se quiser, mas vai ser por pouco tempo, pois se não vai nos ajudar, talvez tenhamos que te prender por conspiração para extorsão e chantagem. Podemos adicionar prostituição, por via das dúvidas.”

“Extorsão? Prostituição?” O comportamento de Carol mudou. Não exalava mais a superconfiança que demonstrava antes. Seus ombros ficaram caídos e ela olhava para o chão em sinal de resignação. Ela se estirou na cadeira novamente e afundou no assento antes de erguer o olhar em direção a Sandra suplicantemente. “Eu não fiz nada de errado, juro. Como posso convencer vocês? O que querem?”

“Queremos que nos diga tudo que sabe sobre Stevenson e sobre estes homens”, ela disse apontando para as fotos. “Como se envolveu? Quem te apresentou? E como isso aconteceu?”

“Eu não conheço Stevenson. Nunca vi ele e nunca mencionaram o nome dele. Os caras nas fotos foram só um pouco de diversão. Claro, são bem mais velhos e são homens de negócio bem sucedidos. Eu não tava fazendo programa ou coisa do tipo. Só estava dando prazer para eles e me divertindo. Não tem lei contra isso, tem?”

“Não até seu relacionamento ser usado para extorquir dinheiro deles.”

“Mas eu não fiz nada.”

“Voltemos para o começo. Quero que me conte tudo que aconteceu até você se encontrar com eles.”

Carol se sentou quietinha, pensando um pouco. “Acho que fui realmente idiota. Pensei que era só diversão inofensiva, mas pensando bem, não podia ser, né? É uma longa história.”

“Leve o tempo que precisar, não estamos com pressa.”

“Eu estou no segundo ano da faculdade de Administração. Na real eu queria estudar música, toco violoncelo e canto e me dizem que sou muito boa. Eu queria tentar ir para a RSAMD, bem, não é mais esse o nome, mas vocês sabem o que eu quero dizer. Papai disse que eu estaria jogando meu tempo fora e que não me apoiaria. Disse que eu tinha eu tinha bons ‘altos’ e que devia estudar administração e talvez virar uma contadora ou coisa parecida. Disse que eu podia ajudar nos negócios dele e talvez assumí-los.”

Ele tem uma rede de lojas de artigos para o lar, baseada em Aberdeen. Eu não queria e achei que mamãe fosse me apoiar, mas ela não disse nada. Ela nasceu na Espanha e a cultura da família dela era de obedecer às decisões do marido quando o assunto é negócios. Papai me subornou e disse que alugaria um apartamento para mim e me daria uma mesada, então eu aceitei, pois eu não teria como me sustentar fazendo o que eu realmente queria. De qualquer maneira, eu vim para Glasgow e comecei o curso. Ia bem nele, mas odiava o que fazia e festava altos só porque podia. Ainda virgem quando cheguei, mas isso não durou muito. Gostava de sexo e embora não tivesse muita experiência, compensei pelo tempo perdido. Estava disposta a tentar tudo pelo menos uma vez. Uns meses atrás eu fui numa festa e fiquei bebaça. Conheci esse cara chamado Gordon e ele foi ao meu apartamento e passou a noite lá. Nos demos muito bem e nos encontramos mais algumas vezes. Aí um dia ele me disse que estava envolvido em um negócio novo e perguntou se eu estaria interessada em fazer uns tramos para eles.”

Sandra pegou a foto de Black e a mostrou para Carol.

“Sim, é ele. Ele disse que tinham alguns clientes que eram senhores solitários. A maior parte eram homens de negócios ou profissionais que só queriam alguém com quem conversar. Disse que o negócio deles providenciava uma sala de chat para ajudá-los. Queriam conversar com pessoas com quem pudessem manter uma conversa inteligente e estimulante, mas queriam também pessoas bonitas, pois algumas vezes usavam webcams ou mandavam fotos. Gordon me disse que seria uma boa oportunidade para mim, pois além de ganhar uma grana, eu conheceria pessoas que poderiam me oferecer oportunidades de carreira no futuro. Na época eu não estava interessada em trabalhar, mas a possibilidade de não depender do papai realmente me agradava, então eu disse que ia tentar.” Enquanto falava, ela parecia recuperar a compostura e sua confiança retornava. Estava sentando mais reta e sua voz ganhava força ao contar sua história.

“Onde isso aconteceu?” Sandra questionou.

“No começo era só um escritorzinho no centro da cidade. Não era maior do que um quarto e era bem fuleiro, sem tapete e com tinta descascando das paredes. Ficava sobre as lojas na Gordon Street, curiosamente, saindo da Union Street. Tinha dois computadores e microfones e câmeras, mas nem sempre os usávamos. Tinha uma grande tela acústica no meio da sala, para que desse de usar os dois computadores ao mesmo tempo, e Gordon sempre estava lá para ficar de olho nas coisas. A maior parte do tempo trabalhávamos tarde da noite ou de madrugada. Era bem divertido. Gordon geralmente tinha vodcka ou tequila para nos ajudar a relaxar e em algumas noites eu voltava para casa com ele. Depois nós fomos para um lugar maior na St. Vincent Street. Era bem luxuoso, comparado com o outro, isso é. Tínhamos áreas privadas separadas para as chamadas, devia ter umas oito, talvez mais, pois eu acho que tinha mais no porão. Também tínhamos uma cozinha e um chuveiro lá.”

“Gordon te contava o que dizer?”

“Não, ele deixava por minha conta. Algumas vezes me dava sugestões, comentários picantes e coisas do tipo. Me dizia algumas coisas que achava que deixariam os caras mais interessados ou excitados, mas nunca era uma instrução. Quando eu usava a webcam, ele sugeria que eu mostrasse bem o decote. Meio óbvio, eu suponho. Ele sugeriu que caso surgisse a oportunidade, eu podia mostrar meus peitos. Não tinha nenhuma fórmula por trás disso. Eu podia fazer o que eu quisesse. Mas eu sabia que quanto mais felizes os caras ficassem, mais me pagavam. Não tinha uma lista de preços nem nada do tipo. Também não tinha um salário mínimo. Gordon me pagava baseado no que ele achava que eu merecia e algumas vezes me dava um bônus quando dizia que o cliente estava especialmente feliz.”

“Não se sentia usada?” Alex perguntou.

“Nem um pouco, era tudo por minha conta. Uma garota precisa usar seus dotes.” Ao dizer isso, ela olhou firmemente para Warren, encarando-o direto nos olhos, pôs as mãos sob os seios, os segurou firmemente e os ergueu, deixando eles sacudirem um pouco. As aréolas estavam claramente visíveis e as pontas de seus mamilos praticamente perfuravam a malha de seu suéter.

Fazia muito tempo que Alex não tinha relações íntimas com uma mulher e apesar de seu desgosto com o comportamento da garota, ele quase conseguia imaginar o gosto de seus seios e sentia as primeiras pontadas de excitação. Ele rapidamente afastou o olhar dela, escolhendo este momento para verificar o gravador. Estava grato por estar sentado com as pernas sob a mesa, pois assim nem Sandra nem Carol poderiam detectar qualquer reação embaraçosa de sua parte. Sua face estava levemente corada, mas ele não tinha certeza se era por excitação ou de raiva, mais de si mesmo por sua fraqueza do que da garota.

“E como as coisas se desenvolveram a partir disso?” Sandra perguntou.

“Bem, uma noite, não muito depois de mudarmos o escritório, Gordon me disse que tinha acesso a um apartamento de luxo em Partick e me perguntou se eu não gostaria de passar a noite com ele. Eu topei e foi fantástico. O apartamento era lindo, um daqueles perto da South Street. Acho que é no Porto de Glasgow. Tinha um concierge e elevadores e tudo mais. E a cama mais confortável na qual dormi na minha vida, não que eu tenha dormido muito.”

Sandra e Alex já tinham ouvido todos os detalhes quanto ao apartamento há menos de uma hora, mas deixaram Carol dar sua própria descrição fascinante, pois não queriam interromper seu fluxo.

“Enfim, Gordon me levou lá algumas vezes e eu adorei. Uma vez nós chegamos lá com comida chinesa e outra ele cozinhou para mim. Ele era um bom cozinheiro e fez uma macarronada com molho bolonhesa, que lavamos com galões de Chianti.”

“Alguns dias depois, ele me disse que podia arranjar para eu usar o apartamento caso eu quisesse me encontrar com algum dos clientes ‘em privado’. Ele disse que era só se eu quisesse e que não teria pressão. Eu não tinha que fazer nada que eu não quisesse fazer e o apartamento em si era realmente seguro. Eu poderia usá-lo para um encontro com o cara ou só para comermos, só precisava ir mais longe se eu quisesse e podia parar a qualquer hora. Ele me disse que, que nem na sala de chat, eu poderia ganhar mais dinheiro quando o cliente ficasse feliz e me disse que os bônus podiam ser bem altos. Gordon sabia que eu gostava de transar e que eu podia ser bem aventureira. Eu disse que experimentaria e rolou. Eu estava mais acostumada a dar para caras mais novos, da minha idade, mas transar com esses caras mais velhos era bem divertido. Não era sempre a mesma coisa, mas eles frequentemente sabiam o que uma garota quer. Geralmente eles eram mais confiantes. É verdade que eles aguentavam menos, mas frequentemente me davam mais atenção para garantir que eu também estava gostando. No apartamento tinha vários ‘brinquedos’, comprimidos e remédios para ajudar os caras a entrar no clima. Eu não sei se funcionavam, nunca usei muito pois eu não precisava.” Ao falar essas palavras, Carol olhou Alex profunda e calorosamente nos olhos, batendo seus cílios de forma sedutora. “Eu comecei a ganhar um monte de grana e não tinha mais que depender do papai. Estava arranjando um monte de contatos úteis. Planejava abrir meu próprio negócio depois de me formar, levando em conta todo mundo que eu conhecia e toda a grana que eu tinha guardado, eu teria um bom começo.”

“Eu me encontrei com vários clientes em ocasiões separadas. Teve até uma noite em que fizemos uma sessão em grupo.”

“Nós sabemos, nós temos as fotos”, Sandra respondeu com frieza. “Você é bem versátil, não? Um pouco de sexo básico, um pouco de oral, um pouquinho de anal, um tantinho de sadô-masô, e às vezes tudo ao mesmo tempo, é mesmo uma garota e tanto.”

Carol parecia espantada. “Tá me dizendo que algum perverso estava olhando e tirando fotos sempre que eu ia lá?”

“O lugar todo estava cheio de webcams. Acreditamos que Gordon Black tenha organizado isso, vendo que ele é um especialista em TI. Você não percebeu que estava sendo usada como uma prostituta?”

Toda a cor sumiu do rosto de Carol. “N-n-não! Eu nunca pensei nisso assim, mas quando você explica, é tão óbvio.”

“E quer que acreditemos que não sabia que estava sendo prostituída e que estava sendo filmada para que as fotos pudessem ser usadas para extorsão?”

Lágrimas escorreram pelo rosto de Carol. “Eu não sabia, juro que não sabia! O que que eu vou fazer?”

“Temos que ver isso”, Sandra respondeu com desdém. “Veremos o que mais descobrimos em nossa investigação e aí é por conta do que o procurador fiscal decidir fazer. O dinheiro que você guardou vem de uma fonte ilegal, então eu não contaria com ficar com ele. Não consigo ver seus clientes te ajudando muito a abrir um negócio, então pode ser boa ideia não dar as costas para o papai tão cedo.”

Lágrimas agora fluíam pelas bochechas de Carol e encharcavam seu suéter, deixando o tecido ainda mais transparente do que já era. Alex era experiente o bastante para dizer que não era fingimento e que a garota era simplesmente extremamente ingênua. Embora menos sexy, Alex achava sua vulnerabilidade mais atraente e realmente sentia alguma simpatia por ela.

Em contraste, Sandra a considerava estúpida e fraca. “Eu quero detalhes e endereços de todos os locais que usaram. Quero nome e telefone de todos que conheceu ligados a esse negócio. Eu vou te mostrar um monte de outras fotos que temos e quero um depoimento completo seu contando tudo que sabe sobre cada pessoa nelas e se são trabalhadores ou clientes. Aí eu quero que nos conte todo mundo que conheceu que teve a ver com esse negócio e nos dê a descrição deles. Aí, para terminar, quero todos os seus detalhes bancários. Quando tivermos tudo isso e estivermos satisfeitos com as respostas, aí você poderá ir. Então pode esquecer quaisquer planos de se encontrar com seus amigos por um bom tempo.”

Capítulo 13

A reunião de equipe começou com Sandra detalhando a entrevista com Carol Sneddon, encerrando com uma série de reclamações. Alex ficou fascinado com sua veemência.

“Madamezinha arrogante, menosprezando todo mundo. Ela criticou o seu ‘papai’ e eu o faria também, já que ele criou uma bela duma vaca mimada. Ela pensa que só porque ela é privilegiada e é uma estudante universitária, todo o resto do mundo é idiota. Ela pensa que policiais são burros e parece que esquecer que a maior parte de nós, ao menos aqui, também são formados. Não que faça diferença. Tem um monte de estudantes e graduados que eu conheço que não tem um pingão de bom senso e ela cai bem nessa categoria. Não agiu melhor do que uma puta barata e espera que acreditemos que ela não sabia o que estava acontecendo. Pelo amor de Deus, só precisa olhar para as fotos. Jesus, até durante a entrevista ela estava se exibindo e acho que em um certo ponto ela estava tentando seduzir o chefe. De qualquer maneira, acho que desvendamos ela bem. E acho que apavoramos ela.”

“Pera aí, Sandra, você não precisa ser uma puta para ter uma atitude livre e aberta quanto a sexo, não hoje em dia”, Donny interrompeu.

Sandra estranhou essa atitude, vindo de Donny, e se perguntou se ele não estava tentando provocá-la. Em resposta, só o encarou. Estava tentada a questionar se a esposa lhe fazia todos os serviços que viram nas fotos, mas percebeu que se o fizesse, estaria forçando os limites de sua relação profissional.

Vendo a tensão entre eles, Alex mudou a direção da conversa, pois não queria mais conflitos. “Bem, temos uma compreensão melhor do papel de Black agora. Não era só o cara da TI, parece que ele arranjava os estudantes, os convencia a se prostituírem e atuava como o cafetão. Parece-me que ele talvez fosse o cérebro por trás de tudo e que Stevenson fosse apenas o responsável pelo dinheiro. Stevenson providenciava qualquer força bruta que precisassem e servia de frente para a extorsão, mas era Black quem armava tudo. É possível que a sala de chat fosse um negócio legítimo e lucrativo por si só. E até seria legal, embora um tanto nos limites, mas aí ele tomou um risco fazendo as garotas se encontrarem com os clientes para que pudesse exercer o lado chantagista. Daí gozaram de dinheiro de verdade.”

Morrison caiu na gargalhada. “Eu queria ter dito isso”, ele conseguiu exclamar entre surtos de riso infantil.

Os outros se juntaram, notando o inadvertido trocadilho de Alex.

“O que mais sabemos sobre o Black?” perguntou Sanjay.

“Eu o investiguei o melhor que pude”, respondeu Morrison. “Confirmamos o que Findlay nos disse: ele veio de Inverness, a família dele ainda está lá, em uma aldeia a alguns quilômetros da cidade. Os rapazes locais verificaram, ele não está lá. A família diz que não ouve dele há meses. Disseram que brigaram no natal passado e não se falam desde então. Nossos rapazes ficarão de olho caso ele dê as caras. Não tivemos respostas significativas do release de imprensa. Só a leva usual de malucos e birutas e alguns supostos avistamentos que estamos investigando, mas nada muito promissor. Eu verifiquei o perfil dele no facebook e não tem nada de novo nele há uma semana. Estamos falando com quaisquer amigos dele, mas nenhuma pista útil até agora. A mesma coisa no Twitter, não ouvimos um piu.”

Por mais que tentassem ignorar a piada de Morrison, os outros não conseguiram evitar bufar.

“Conseguiram algo com Patrick Kennedy?” Alex retomou o foco no trabalho.

“Com certeza”, respondeu Morrison. “E você vai gostar disso. Pegamos a foto dele dos registros centrais e ela batia com um dos nossos clientes. Recebemos permissão para interrogá-lo, embora queiram um dos homens de lá junto. Eu arranjei para ir lá com Donny amanhã cedo, presumindo que esteja tudo bem para você?”

“Claro, vão em frente. Não, espere, temos que fazer tudo dentro dos conformes antes de atravessarmos a fronteira. Kennedy é um sargento, então não seria educado de nossa parte enviarmos dois detetives rasos para questioná-lo. Não demonstraria respeito apropriado pela brigada deles. Eu não estarei disponível pois tenho que entregar evidências no tribunal amanhã, portanto quero que Sandra vá no meu lugar. Ela também é sargento, mas como já passou por todos os exames e entrevistas, ela deve ser considerada uma inspetora provisória. Acho que Donny devia ir com ela enquanto você fica de guarda aqui.”

“Mas não se empolgue demais pensando nele como um suspeito. Ele estava em serviço no horário da morte de Stevenson, embora não tenhamos álibi para ele na morte dos Kerrs. Temos que perguntar para ele.”

“Okay, isso é um bom trabalho, agora, algo de novo do Connor?”

“Sim”, respondeu Donnie. “E é bem interessante. Nosso garoto não foi tão cuidadoso assim na cena dos Kerr. O ferimento no pescoço de David continha traços de couro. Juntando isso com o tamanho da faca, bate com o tipo que seria guardada em uma bainha de couro, talvez uma faca de arremesso ou algo ornamental, tipo uma faca Ghurka ou uma Sgian-Dubh. Também achamos uma fibra no chão, era preta, 100% lã. Não batia com nenhuma das roupas ou móveis da casa, portanto tem uma boa chance de ter vindo das calças ou da jaqueta do réu. E como eu disse, tinha sangue por toda parte no quarto, mas nada do lado de fora, mas a informação nova que temos é que eles identificaram manchas no laminado do piso que são consistentes com proteções para botas, do tipo que usamos na cena do crime. Me parece que ele foi preparado.”

“Eu vi os seus relatórios das entrevistas que fez ontem à noite”, disse Alex se virando em direção a Sanjay. “Fez um bom trabalho, e não deve ter sido fácil, vendo o calibre do entrevistado.”

“Não tenho nada a adicionar”, declarou Sanjay. “São só mais variações do mesmo tema. Entrevistamos dois diretores de S.As e o marido de uma gerente de fundo de investimentos, procurando por um pouco de ação enquanto a esposa estava em viagem no mundo dos negócios. Também rastreamos um empresário que passa o meio das semanas na Escócia e os fins de semana com a família ao sul e planejo falar com cada um deles hoje à noite. Uma coisa dá pra dizer sobre o Stevenson: ele trabalhava com diversidade. Não ligava para raça, religião, gênero ou orientação sexual. Ia atrás de qualquer um, contanto que tivessem dinheiro ou influência. Também arranjei para ver David Kerr Sênior hoje à noite. Isso deve ser bem deprimente e é bem improvável que ele saiba de alguma coisa, mas é outra ponta solta que temos que atar.”

Eles passaram mais uma hora peneirando toda a informação, informando uns aos outros e alocando prioridades a serem atendidas.

Sanjay e seu parceiro estavam começando o turno noturno mas os outros decidiram seguir para um pub para relaxar após um duro dia de trabalho.

Estava frio, escuro e ventando. A chuva soprava sobre eles quase que horizontalmente enquanto eles seguiam em frente, colina acima pela Sauchiehall Street. Phil aproveitou a oportunidade para contar como suas férias foram e expor a todos as maravilhas da Florida, da Disneyworld e da Universal Studios. Descreveu a umidade, o calor opressivo e a quente chuva tropical, deixando-os cientes demais do contraste com a típica noite de novembro em Glasgow. Quando chegaram, Alex se ofereceu para pagar a primeira rodada. O pub estava com uma promoção de ales legítimas, e tanto Donnie quanto Phil quiseram experimentar. Incapazes de resistir ao nome, ambos optaram por um copo de uma chamada

“Amarga e Perturbada”. Sandra tinha um apreço por cervejas tchecas e pediu uma garrafa de Budvar. Alex voltou com um copo de soda com limão para si.

“O que é isso, chefe? Tá na abstinência?” perguntou Donny.

“Não, não. Mas eu estou com o carro hoje. Acordei de madrugada e fui até West End e depois para Paisley. Não tive chance de deixar ele em casa, então continuo ao volante. As boas novas para vocês é que como eu estou de motorista designado, vocês tem carona para casa de graça hoje.”

“Isso é mó massa da tua parte, chefe”, disse Phil, imitando o sotaque de uma escola pública britânica antes de seguir com “mas com certeza você pode tomar uma ou duas sem afetar a sua condução, não?”

“Provavelmente poderia e eu sei que posso tomar uma sem passar do limite permitido, mas não é essa a questão. Legal ou não, eu tenho opiniões bem fortes sobre condução embriagada. Já vi acidentes demais serem causados ou agravados por álcool. Entre os incidentes que atendi e os relatórios que li, estou convicto. Tivemos fatalidades incontáveis, mas alguns dos mais terríveis acidentes foram aqueles em que a vítima não morreu. Eu atendi um na minha época no departamento de trânsito em que algum idiota enfiou sua Mercedes em um ônibus escolar às quatro da tarde. Estava indo a mais de três vezes o limite de velocidade na hora, depois de consumir um longo almoço líquido. Ninguém morreu, mas duas garotinhas tiveram que ter suas pernas amputadas. Tinham 10 aninhos apenas, com suas vidas inteiras pela frente, e graças a algum bosta o futuro delas foi arruinado.”

Embora estivesse tentado, Phil demonstrou um autocontrole anormal e segurou sua primeira ideia, de descrever o motorista como pernetá também.

“O outro acidente que me não me sai da cabeça envolveu um jovem que estava indo para o trabalho às 8h30 da manhã, quando foi atingido por um caminhão. O caminhoneiro ainda estava sob efeito do porre que tinha tomado na noite anterior. O pobre rapaz não se machucou muito fisicamente, mas ele bateu a cabeça com tanta força que ficou com danos cerebrais, deixando-o com a atenção de uma borboleta e incapaz de se alimentar, ir ao banheiro ou fazer qualquer outra coisa sozinho. Tinha apenas 27 anos e precisaria de enfermeiros profissionais para cuidar de suas necessidades mais básicas pelo resto da vida. Por si ele provavelmente não saberia de nada, mas ele tinha um filho de dois anos e sua esposa estava no sexto mês da gravidez. Eles é que sofreriam mais. Teria sido mais gentil com eles se ele não sobrevivesse. E é por isso que eu tenho opiniões tão fortes quanto a beber e dirigir.”

“Bem colocado, chefe. Não penso muito diferente”, declarou Phil, “mas tem muita gente que não vê as coisas assim e, me dói dizer, tem outros policiais entre os piores.”

“Vamos trocar para um assunto mais leve”, interrompeu Donny. “Eu acabo de notar que tem um Pub Quiz aqui hoje. Começa em vinte minutos. Acham que devíamos entrar? Pode ser divertido.”

“Eu topo”, Sandra respondeu com entusiasmo.

Eles passaram os próximos vinte minutos discutindo sobre o nome da equipe. Descartaram “os detetives”, “Os pitbulls” e “Lei e Ordem” antes de chegar a “Noz fazemos as perguntas”, o que o mestre do questionário abreviou para “nozes”.

Outras sete equipes estavam na competição. A maioria era composta por estudantes ou jovens profissionais. Pareciam familiares com o arranjo, em que um mestre do questionário aproveitava cada oportunidade para tirar sarro dos competidores e os mais inteligentes retrucavam. As “Nozes” estavam em clara desvantagem, pois a maioria das equipes contavam com seis membros, todos aparentemente experientes e cientes da rotina. Apesar disso, eles estavam determinados a dar uma boa performance.

A equipe de Alex saiu na frente na primeira rodada, que era sobre música. Se beneficiaram da obsessão de Phil e seu conhecimento enciclopédico. Respondia questões sobre temas tão diversos quanto Rachmaninov e Audioslave. Fizeram nove de dez pontos e tinham argumentos legítimos para contestar seu erro, pois a pergunta era ambígua. Relutantemente aceitaram a autoridade do mestre do questionário antes de notarem que dividiam o primeiro lugar com outras duas equipes.

A segunda rodada era sobre celebridades e, como parecia ser baseada primariamente em televisão, celebridades e programas contemporâneos que as ‘nozes’ nunca tinham tempo para ver, nesta eles foram mal, acertando só quatro perguntas.

A terceira rodada era uma rodada de imagens, e as ‘nozes’ recuperaram seu momento, usufruindo da combinação entre sua experiência e suas habilidades observacionais.

A quarta foi sobre esportes e, para a surpresa de todos, Sandra se revelou uma grande vantagem, ciente dos anos das vitórias de Jim Clarke na Fórmula 1, da medalha olímpica de prata de Bobby McGregor por nado livre e a vitória de John Newcombe em Windbledon - todas ocorridas muito antes dela nascer. Inexplicavelmente, quanto mais cerveja consumiam, mais facilmente pensavam nas respostas.

“Filmes” foram o tópico da última rodada e Alex surpreendeu a eles e a si mesmo lembrando de detalhes obscuros sobre comédias românticas. A recente visita de Phil à Universal e à Disney/MGM também se mostrou útil.

Donny falhou em dar uma única respostas que os outros já não soubessem, mas todos eles se divertiram, dando uma performance louvável e terminando em terceiro.

Ao longo da noite, consumiram quatro rodadas de bebidas e ficaram bem alegres. Embora não tivesse consumido nada do álcool, Alex sentia uma certa leveza que vinha da companhia e da camaradagem. Ele pastoreou os outros estrada abaixo, rumo ao seu carro, e Sandra embarcou no banco dos passageiros enquanto Donny e Phil subiam no traseiro.

Sem pensar, ele seguiu ao sul, atravessando o rio rumo à casa de McAvoy. Eles recusaram seu convite para entrar e tomar um café e seguiram para o leste para deixar Phil em casa, um terraço recém construído perto de Cambuslang.

Alex sabia que Sandra vivia com os pais em um bangalô em Bishopbriggs, um subúrbio de boa qualidade ao norte da cidade. Ele começou a dirigir naquela direção.

“Desculpa mesmo por te levar tão fora do caminho, chefe.”

“Não é um problema e eu já te disse para me chamar de Alex, exceto quando estamos trabalhando.”

“Ok, Alex, mas eu estou te levando no caminho oposto ao da sua casa.”

“Já te disse, sem problema. Mas escuta, eu estou com um pouco de fome. Planejo pegar um hamburger, quer se juntar a mim?”

“Você realmente sabe tratar bem uma garota, não é?”

Alex entrou no estacionamento de um McDonalds, parou na vaga e desligou o motor. “Prefere entrar ou pedir algo pelo drive through?”

Sandra soltou o cinto de segurança. “Não estou com fome de comida”, ela disse e se aproximou, beijando-o nos lábios.

Alex estava atordoado, mas não de uma forma ruim. Ele retribuiu seu gesto e se deleitou com o doce sabor de seus lábios, contrastando com o gosto amargo de cerveja em seu hálito. Ela soltou o cinto dele para que tivessem mais liberdade. Aproximando-se e deixando os braços dele envolvê-la, ela sussurrou, “Eu quero fazer isso tem muito tempo.” Ela afastou o casaco de Alex e pressionou o corpo dela contra o dele, cada um aproveitando o calor do outro.

“Fico tão feliz que quisesse.”

Um senhor de idade caminhando perto do carro bateu à janela. “Vão arranjar um quarto! Saiam ou eu chamo a polícia!”

Ambos caíram na gargalhada até que Sandra agarrou a mão de Alex, olhou intensamente nos olhos dele e disse “Quero ficar contigo hoje à noite. Ele tem razão. Temos que arranjar um quarto. Não podemos ir para a minha casa, pois meus pais estarão lá. Podemos ir para a sua?”

“Tem certeza que quer isso? Não é só o álcool falando?”

“Se é, está me dizendo o que eu quero ouvir. Eu quero isso há muito tempo. Só não me sentia capaz de te dizer. Depois de ver aquela vadia brincando contigo hoje de tarde, eu decidi que não devia mais deixar

de lado.”

Alex puxou a cabeça dela para perto e a beijou com voracidade e intensidade. “É o que eu quero também.” Ele se afastou, sorriu e ligou o motor do carro.

Exatamente na hora em que eles saíam do estacionamento e se viravam novamente para Shawlands, o telefone de Alex tocou. Ele olhou intrigado para a tela ao ver o nome de Helen no monitor.

“Eu não vou responder isso”, ele disse e pressionou o botão de rejeitar chamada. Alguns segundos depois, ele tocou novamente, mostrando que tinha recebido uma mensagem de voz. Novamente, Alex cancelou. Menos de um minuto depois, houve um terceiro toque, indicando uma mensagem de texto.

“Não acha que é melhor ver o que é?” sugeriu Sandra.

Alex exalou resignadamente e estacionou o carro à beira da estrada.

Ele tirou o telefone do bolso. “Merda!” ele exclamou ao ler a tela. “Emergência, ligue assim que vir isso, Craig desap”, Alex leu em voz alta.”

“Oh Deus, é melhor você ligar e ver o que pode fazer.”

Um turbilhão mental tomou conta de Alex. Pensamentos contrastantes e contraditórios lampejavam em um ritmo alarmante. Seu prazer de meros segundos atrás foi apagado, substituído por raiva de Helen, e talvez de Craig também, por terem arruinado sua noite. Isso foi ampliado por uma frustração física e então substituído por preocupação pelo bem estar do garoto, talvez por temor. E se tivesse sido sequestrado? E se o assassino de Stevenson tivesse levado ele para deter Alex? Sua reação foi responder bruscamente, “Não, eu te deixo em casa e depois eu ligo.”

“Mas eu poderia ir junto. Posso te ajudar a encontrá-lo.”

“Não, eu não acho que isso seja uma boa ideia.”

Alex deu meia-volta na estrada e deixou Sandra em casa em questão de minutos.

“Por favor, me liga assim que souber. Me diga o que aconteceu. Eu vou ajudar como eu puder.”

Alex resmungou uma resposta incoerente e partiu em disparada. Ele não ligou de volta: percorreu os 16 quilômetros atravessando a cidade em tempo recorde, dirigindo no automático, sem consciência ou lembrança da jornada.

Chegando na casa em Clarkston, ele correu pela estradinha e martelou a porta.

Helen correu para atender a porta, com os olhos vermelhos e o rosto marcado pelo choro. “Onde você esteve? Eu estava tentando te ligar e você nunca respondia.” A única hospitalidade que recebera foi de Jake, e numa hora dessas Alex não tinha tempo para o cachorro, afastando-o. Sabia que devia ter retornado a ligação, mas estava irritado com a ousadia de Helen em questioná-lo. Ainda assim, estava ciente de que isso provavelmente era culpa do qual preocupada e insegura ela se sentia.

“Deixa isso para lá, me diga o que aconteceu.”

“Começou hoje de tarde, Craig estava sendo chato e estava provocando Andrew. Eu achei que era baboseira de adolescente normal. Estava falando dos amigos novos e como planejava vê-los na quarta-feira. Foi só depois que ele falou disso por um tempo que eu notei que ele estava falando de ir a uma sessão noturna e acho que era um filme só para maiores. Eu não devia ter sido burra e mordido a isca, mas eu disse que não achava isso apropriado e que não havia chance de eu deixar ele ficar fora até tão tarde em um dia de aula. Enfim, eu achei que isso estava resolvido e fui para a cozinha fazer chá quando ouvi gritos e portas batendo. Eu voltei para a sala e Craig não estava lá, Andrew estava rindo e Colin parecia chocado. Ele me disse que Craig estava resmungando e me chamando de todos os palavrões existentes. Ele mandou ele se acalmar e disse que não deveria falar assim da própria mãe. Aí o Craig voltou sua raiva para ele e Colin disse que ele estava de castigo. Craig respondeu com a boca cheia. As palavras dele foram ‘Você não pode me dizer o que eu posso fazer, caralho! Você não é meu pai e nunca vai ser, então nem tente agir como ele porra!’ Aí ele saiu correndo e bateu a porta. Eu fui correndo atrás dele, mas eu não sei para onde ele foi. Busquei as chaves e fui procurar ele de carro, mas não achei ele em lugar nenhum.”

Embora ainda estivesse profundamente preocupado e quisesse levar Craig de volta para casa, Alex estava consideravelmente aliviado. Ainda havia um problema a ser resolvido, mas parecia que seus maiores medos eram infundados.

Helen continuou. “Quando eu voltei, eu discuti com Colin. Não era culpa dele, mas eu joguei nele. Ele estava bravo e me acusou de ser leniente demais e mimar demais os garotos. Disse que era culpa minha eles serem tão egoístas e insensíveis. Eu já estava chateada e disse para ele que se era assim que ele se sentia, então também podia ir embora. Não era mais bem vindo. Eu não esperava que ele fosse, mas ele foi. Ele pegou uma mochila esportiva, pôs algumas coisas e foi. Disse que buscaria o resto das coisas no fim de semana. Eu não podia ir atrás dele ou procurar pelo Craig e deixar o Andrew sozinho. Aí eu fiquei ainda mais nervosa quando não consegui entrar em contato contigo.”

Alex notou que isso era o mais perto de um pedido de desculpas que ela daria. “Oh, Alex, o que foi que eu fiz? O que vou fazer?”

“Não se preocupe com o Colin, ele vai voltar quando se acalmar. Mas temos que descobrir o que aconteceu com o Craig.”

“Eu sei. É com isso que eu estou preocupada.”

“O que você fez? Com quem falou?”

“Eu perguntei pro Andrew se ele sabia de alguma coisa e liguei para alguns colegas do Craig, mas ele não me falaram nada.”

“Suponho que Andrew já esteja na cama, mas vou falar com ele.”

“Não adianta, eu já perguntei para ele.”

“Me dê o benefício da dúvida.”

“Okay, eu vou contigo.”

“Não, é melhor eu fazer isso sozinho.”

Andrew e Craig tinham seus quartos separados, construídos como quartos completos no porão, onde o telhado inclinado fora ampliado pela instalação de janelas para dar uma altura normal para a maior parte do aposento.

Ao subir as escadas, Alex ouviu o barulho da luminária de Andrew sendo desligada.

Quando ele entrou, o quarto estava mergulhado na escuridão e Andrew parecia dormir profundamente. Alex tocou a lâmpada para confirmar suas suspeitas e ela estava quente. “Boa noite”, ele começou.

Andrew sonolentemente abriu seus olhos e bocejou antes de receber seu pai.

Alex sentou à beira da cama e eles conversaram sobre o que havia acontecido com Craig antes. Conversaram amigavelmente por vários minutos antes que Alex entrasse em perguntas mais invasivas. Alex era um interrogador habilidoso e antes que saísse da sala, havia descoberto o nome de vários dos novos amigos de Craig. Mais importante, descobrira que dois deles eram dois anos mais velhos e viviam em Busby, a cerca de três quilômetros de distância.

Alex desceu as escadas e contou para Helen o que havia descoberto.

“Porque ele não me contou?”

“Não se sinta mal, eu tenho anos de experiência em saber como perguntar.” Alex deu alguns telefonemas e não demorou até rastrear os endereços e telefones dos outros garotos. Ligou para o primeiro e tirou a sorte grande, falando com a mãe de Jamie. Quando Craig saiu de casa, ele ligou para Jamie e foi direto para a casa dele. Aí se encontraram com Tony e pegaram juntos o ônibus para East Kilbride, de onde iriam ver uma sessão noturna de um filme que os garotos queriam ver. A mãe de Jamie rotineiramente deixava que ele ficasse fora até a meia-noite, e hoje deixaria que voltasse ainda mais tarde. Craig tinha perguntado se podia passar a noite, afirmando que tinha brigado em casa e precisava dar um dia antes de voltar. Ela não ficou feliz com isso, mas não sabia como contatar a casa de Craig e ele não lhe deu informação nenhuma além de dizer que sua mãe sabia que ele passaria a noite

fora e não tinha problema com isso. A mãe de Jamie não estava convencida, mas achou que era melhor deixar o garoto ficar, pois assim ao menos ele estaria seguro. Antes de encerrar a chamada, Alex sabia a que filme eles foram e quando a sessão terminava. Ele olhou para o seu relógio e percebeu que sairiam em menos de dez minutos. Tinha tempo para chegar lá ou, no pior caso, à estação de ônibus antes que os meninos fossem embora. Helen ouvira o lado de Alex da chamada e ele lhe passou o que havia descoberto enquanto seguia para a porta da frente. Ele prometeu que ela não precisava se preocupar, pois ele havia rastreado Craig e estava indo buscá-lo.

Após mais um pouco de condução perigosa, Alex estava diante da saída do cinema enquanto os meninos saíam. Optando por não envergonhar Craig diante dos amigos, ele declarou que estava pela área e que havia pensado em dar-lhes uma carona. Craig parecia bem assustado e não se arriscou a discutir com o pai. Os meninos se empilharam no Santa Fé, gratos por não terem que esperar o ônibus no frio e na umidade.

Depois que Alex deixou Jamie e Tony em casa, ele virou na esquina da casa e parou. Deu em Craig em duro sermão sobre seu comportamento insensível e como isso não seria tolerado.

“Espero que tenham visto um bom filme e que isso tenha valido a pena, pois é o último que verá por um bom tempo. Você tem uma dívida a pagar. Vamos pensar em uma punição mais tarde, mas assim que chegar em casa quero que peça desculpas para a sua mãe e vá direto para a cama. Você tem aula amanhã.”

“Tá bom, pai”, ele respondeu amuado. “E quanto ao Colin? Tenho que pedir desculpas para ele também?”

“Do jeito que falou com ele, sim, você certamente tem que pedir. Vai se desculpar com ele assim que ver ele.”

Craig achou a resposta estranha, mas não se sentiu capaz de perguntar e simplesmente concordou.

Alex estacionou diante da casa e guiou Craig pelo caminho. Helen abriu a porta quando estavam a meio caminho e Jake os recebeu entusiasticamente. Craig acariciou a cabeça do cachorro, caminhou até sua mãe e a beijou na bochecha enquanto dizia “Desculpa mãe, eu não devia ter agido daquele jeito.”

Helen não sabia se devia ficar aliviada ou zangada. Sua face estava vermelha e ela parecia prestes a gritar quando viu Alex sacudindo a cabeça com uma expressão dura enquanto pressionava o dedo contra os lábios em um sinal de alerta para que ficasse quieta.

“Eu sinto muito mesmo, mas estou super cansado, podemos falar sobre isso amanhã?” Craig disse e correu escada acima sem realmente esperar a resposta.

Alex pegou a mão de Helen e a guiou de volta à sala de estar. Ela estava em frangalhos. Seus olhos estavam vermelhos e inchados por tanto chorar e sua maquiagem havia escorrido por seu rosto, dando a ela a coloração de um panda.

“Eu estava tão assustada”, ela disse. “Ainda estou tremendo, por favor me segura.” Ela pôs seus braços ao redor do pescoço de Alex e se apoiou nele. Os braços dele a seguraram gentilmente, apoiando a cabeça dela contra seu ombro.

“Estou tão feliz que tenha encontrado e trazido ele para casa, mas eu não sei se aguento. Não sei o que fazer com ele. O que aconteceu conosco? Como ficamos assim?” A pergunta era mais para si mesma. “Eu fiz uma baita de uma bagunça.” Fortes soluços sacudiram seu corpo

Alex a segurou junto de si, ajudando-a a se acalmar. Podia sentir o calor do corpo dela e do seu peito arfante junto ao seu.

“Me senti tão apavorada e tão só, por favor não vá embora.”

Alex a interpretou como querendo dizer que precisava de companhia por mais um tempo e respondeu, “Está tudo bem, eu não estou com pressa.”

Ela ergueu a cabeça e se esfregou em seu pescoço. Aí puxou sua cabeça para junto da sua para que seus lábios se encontrassem. Ela o beijou e mordiscou seu lábio inferior, esfregando seu corpo contra o

dele. Ele a beijou de volta, enrijecendo seu corpo em resposta. Detectando a excitação dele, ela se inclinou para trás em direção ao sofá, puxando-o consigo. Ela se deitou na horizontal e ele se deitou sobre ela. “Por favor, fique comigo hoje à noite”, ela sussurrou.

Alex estava reagindo instintivamente. Seus lábios se separaram e sua língua sondava a boca de Helen. Suas mãos vagavam livremente pelo peito dela, afastando o fino tecido do seu suéter e do seu sutiã para ter acesso aos seus seios. Ela ofegava e sussurrava palavras de encorajamento. Duas camadas de tecido e a rigidez entre suas pernas eram tudo que estava entre sua união. Embora estivesse exausto após seu longo e complicado dia, Alex se sentia forte. Fazia um tempo considerável que não tinha relações com uma mulher, mas hoje estava sendo inundado. Imagens de seu dia passaram diante de seus olhos. Os seios praticamente expostos de Carol Sneddon em uma cantada, seu abraço caloroso com Sandra com a promessa de mais, se não tivesse sido interrompido pelo telefonema de Helen e agora Helen buscando sua atenção física. Se lembrava do clichê de esperar um tempão pelo ônibus e ver três chegando de uma vez. Realmente queria transar, sentia uma necessidade quase física. Queria transar com Sandra. Olhou para baixo e viu o rosto de Sandra, com a maquiagem borrada - mas ainda assim linda. Mas não era Sandra. Por mais que seu corpo respondesse por reflexo, ele sabia que isso era errado. Não queria que isso acontecesse e certamente não queria nessas circunstâncias. Ele visualizou Sandra e soube que queria que isso estivesse acontecendo, só que com ela e não com Helen. Sua ereção se foi e ele voltou a se sentar.

Helen olhou para ele. “O que foi? Está se sentindo bem? Deixe-me ajudar”, ela disse e pôs uma mão entre suas pernas, tentando estimulá-lo e trazê-lo de volta à ação.

“Eu estou bem”, ele respondeu, erguendo a mão dela e a segurando. “Acho que preciso ir para casa. Não façamos algo do qual nos arrependêríamos mais tarde”, ele respondeu, não querendo soar insensível em sua rejeição. “Você devia ligar para o Colin e dizer que quer ele de volta. Não, melhor ainda, mande uma mensagem. Assim ele recebe o recado e não vai ter espaço para discussões ou brigas.”

Embora nunca tenha gostado de Colin, Alex sabia que ele tinha uma influência estabilizadora sobre a casa e era melhor para os meninos que ele estivesse lá.

Helen sentou-se ao lado dele no sofá e olhou para o chão. “Sinto muito, eu não sei o que deve pensar de mim. Colin mal saiu pela porta e eis que estou tentando te arrastar para a minha cama. Eu estava triste e solitária e só estava procurando por um pouco de conforto.” Sua culpa inicial foi substituída por irritação ao ser rejeitada. “Eu devia ser mais inteligente que isso. Você sempre se achou o senhor da moral. Essa é a diferença entre nós, eu reajo às minhas emoções enquanto você não tem nenhuma. É por isso que não estamos mais juntos.”

A última coisa na qual Alex queria se envolver era em uma discussão. Comentando em despedida “Pense o que quiser, eu estou indo embora”, ele seguiu em direção à porta. Podia sentir o desespero de Helen antes de se virar para vê-lo. Após 14 anos de casamento, não podia dar suas costas para ela. Podia ver o quão chateada ela estava e a sentou novamente no sofá, conversando com ela calmamente até recuperar a compostura. Tão logo ficou satisfeito e ela recuperou o controle, ele partiu e voltou para casa, chegando no apartamento pouco antes das duas da manhã.

Ele se sentou no sofá, ligou o som em um nível que mal era audível e se serviu uma dose grande de uísque, rejeitando seu princípio fundamental de não fugir dos problemas bebendo. Se convenceu de que não era para esquecer, mas só para relaxar. Para sustentar esse argumento, ele bebeu lentamente enquanto pensava em Sandra e na noite que poderia ter sido. Lembrou que ela havia pedido para que ligasse para contar se Craig estava bem, mas ele sentia que agora era tarde demais. Ao invés disso ele a enviou uma breve mensagem que dizia “Craig em casa e bem, te vejo pela manhã.” Estava acordado e constantemente ativo desde o rude telefonema 21 horas atrás. Talvez fosse o cansaço, talvez o alívio, ou possivelmente o efeito do álcool, mas de qualquer maneira, com o copo pela metade ainda em sua mão, ele caiu no sono completamente vestido.

Capítulo 14

Alex abriu seus olhos ainda grogue. Ele piscou algumas vezes até conseguir focar no relógio e aí notou que havia dormido demais, pela primeira vez em anos. Frequentemente dispensava o alarme, pois normalmente acordava cedo sem ajuda. Hoje, planejava preparar um para garantir que estivesse pronto com tempo de sobra para ir ao escritório se preparar para o tribunal. Chegando em casa tão tarde e tão cansado, se esquecera completamente. Em um pulo, se levantou e correu para o banheiro.

Percebendo que não teria tempo para se barbear ou tomar seu banho relaxante, ele rapidamente jogou água fria no rosto para ajudá-lo a acordar e então escovou os dentes. Ele viu seu copo de uísque da noite anterior sobre a mesinha ao lado do sofá. Não lembrava de colocá-lo lá, mas ainda continha uma quantidade considerável de Glenlivet, com seu caloroso brilho dourado sendo realçado pelo cintilante copo Edinburgh Crystal. Ele recolheu o copo hesitantemente, não querendo desperdiçá-lo, e aí amarguradamente jogou o conteúdo ralo abaixo, mas não antes de aquecer seus pulmões inalando seu rico e pungente aroma.

Ele pegou uma mala e pôs nela uma camisa limpa, roupas de baixo e seu kit de barbear para viagens, supondo que podia tirar alguns minutos para se arrumar e se trocar assim que chegasse ao escritório. Jogou também uma maçã. Subitamente, Alex se sentia faminto. Havia comido um sanduíche no almoço do dia anterior, mas nada sólido desde então, se descartar o punhado de amendoins que comera no pub.

Não queria ir de carro sabendo que não precisaria dele hoje e estacioná-lo podia ser um problema. Portanto, caminhou apressadamente para Kilmarnock Road e teve a sorte de pegar um táxi de imediato. Ele devorou sua maçã antes de cobrirem um quilômetro e meio.

Alex aproveitou o tempo para abrir seu telefone e viu duas mensagens de Sandra. A primeira era de horas atrás, de meros segundos após ter enviado a sua. Dizia “TÃO FELIZ QUE ELE ESTEJA BEM. ESTAVA ESPERANDO PARA SABER. VOU PARA AÍ. POSSO CHAMAR UM TÁXI.” A segunda só perguntava se ele estava bem. Alex levou um instante para responder. “SINTO MUITO MUITO MUITO. CAÍ NO SONO, ACABO DE RECEBER SUAS MENSAGENS.” Seu dedo pairou sobre os botões por mais alguns segundos e aí ele digitou “COM AMOR, ALEX.” Ele encarou a mensagem por vários segundos a mais antes de sussurrar para si mesmo “dane-se” e apertar enviar.

Chegando na Pitt Street, Alex subiu as escadas dois degraus de cada vez e correu para o seu escritório. Phil o viu e perguntou “Tem algo que eu preciso saber? Primeiro a Sandra chega toda acabada e agora você chega com as mesmas roupas que estava usando ontem de noite e com cara de quem ficou acordado a noite toda. O que rolou entre vocês depois que nos deixaram em casa ontem? Dá pra contar?”

Alex não estava interessado no tagarelado de Phil. “Não force sua sorte e lembre-se da sua posição na vida”, ele retrucou ao retirar-se para o banheiro masculino. Voltou menos de 10 minutos depois consideravelmente mais apresentável. Estava barbeado, não tão bem quanto de costume, mas ao menos não estava mais com aquela sombra facial. Tinha se lavado e agora estava usando uma camisa limpa e recém passada. Seu terno ainda estava um tanto amarrotado e embora ele se sentisse consideravelmente abaixo dos seus padrões, estava perfeitamente aceitável, para quem não sabia o que esperar dele.

Ele correu para o escritório e enfiou alguns relatórios na sua pasta. Alex sabia que poderia ter que esperar no tribunal por eras e queria fazer o melhor com seu tempo. Achou que talvez pudesse revisar suas anotações do caso antes do julgamento e ficar em dia com as descobertas nos casos Stevenson, Kerr e em outros casos que gerenciava.

Alex acreditava firmemente no trabalho em equipe e se orgulhava de manter comunicação eficiente com seus oficiais subordinados. Sabia que seu breve diálogo com Morrison estava muito aquém disso e tentou aplacá-lo ao voltar para o escritório. “Vem aqui, Phil, para uma conversinha. Antes de começar, eu não devia ter estourado contigo. Sim, eu fiquei acordado a noite toda. Minha ex-mulher me ligou para dizer que meu filho mais velho tinha fugido e eu passei metade da noite levando ele de volta para casa e resolvendo isso. Sandra sabia do assunto e estava de prontidão depois de oferecer sua ajuda caso fosse

necessária, mas felizmente não foi. Agora que tiramos isso do caminho, eu preciso que me diga quais são as novas antes de eu sair. O carro está vindo me buscar em cinco minutos para me levar para o tribunal.”

“Foi mal mesmo chefe, eu não sabia e não devia ter tirado sarro. Sabe como eu sou né, sempre o piadista. Não quis te fazer mal. O Craig está bem?”

“Ele está bem. Não tenho tempo para falar disso agora, então vamos ao trabalho.”

“Sandra e Donny tem entrado e saído. Agora estão indo para Fife. Sanjay anda ocupado, anda estudando parte da papelada das propriedades do Stevenson e pode ter descoberto algo útil. A escritura da revistaria em West End mostra que ela tem uma porta trancada nos fundos, saindo de uma via lateral. Nada de estranho quanto a isso, mas não há menção disso no contrato de aluguel do Sr. Singh. Já falei com Singh e ele não sabe nada a respeito, mas ele disse que às vezes ele vê alguém entrando e saindo. Em particular ele se lembra de ver um rapaz. Já mandei o jovem Frankie Bruce ir visitá-lo com algumas fotos, levando com elas as de Findlay e Black, para ver se ele reconhece alguma. Também protocolei o pedido de um mandado de busca para que possamos ver o que tem lá. Vai saber, podemos ter descoberto para o quê que a outra chave que achamos no cofre servia.”

“Sanjay fez um ótimo trabalho e isso também é um bom trabalho da parte de vocês. Agora é melhor eu ir. Sabe quanto que eu respeito os xerifes, particularmente depois de ontem.”

“Mais uma coisa, recebemos o relatório do perfilador. Pode querer dar uma lida. Eis uma cópia para levar contigo.”

Sandra e Donny chegaram na Delegacia de Polícia de Dunfermline e foram imediatamente levados a uma sala de interrogatório. Lá foram recebidos pelo Inspetor Griffiths, que se apresentou e explicou que faria parte da discussão. “Eu mandei alguém para a sala de controle para dispensar Pat e encaminhá-lo para cá. Como instruído, ele não foi informado de que estariam vindo e não sabe sequer que entraram em contato. Devo supor que isso tem algo a ver com uma investigação de homicídio?”

“Sim, está certo em supor isso”, respondeu Sandra, cuidando para não revelar nada sem necessidade.

Eles se sentaram silenciosamente por mais alguns minutos antes que houvesse uma batida na porta. “Queriam falar comigo?”

“Entre, Pat, puxe uma cadeira. Estes dois oficiais são do DIC de Strathclyde e foram enviados para trocar umas palavras contigo. Acham que você pode ter informações que os ajudariam. Essa é a Sargento Detetive Sandra McKinnon e este é o Detetive Donald McAvoy. Detetives, que fique registrado, este é o Sargento Patrick Kennedy.”

Pelo que tinham estudado com antecedência, eles sabiam que Kennedy estava no meio da casa dos 40, mas ele parecia muito mais velho. Tinha altura média e era bem rotundo, com uma face redonda e rechonchuda com restos de cabelo grisalho das têmporas à traseira da cabeça, que fora isso era desprovida de cabelo. Sandra tinha a impressão de que o ganho de peso era recente, pois seu uniforme parecia bem novo, mas seus botões se empenhavam em segurar seu volume. Ele esticou o braço para trocar saudações mas não chegou a completar o gesto antes de sua face se amarrotar e seu corpo desabar sobre uma cadeira.

“Eu sabia que isso aconteceria”, ele murmurou. “Devo supor que vieram falar sobre o Stevenson?”

“Sim, deve”, respondeu Sandra, aliviada ao ver que Kennedy buscava se livrar de seu fardo e que não teria que pressioná-lo em busca de informação.

Os olhos de Kennedy fitavam o chão. Ele não conseguia olhá-los no olho. “Stevenson era um baita dum filho da puta. Passou a vida procurando pela fraqueza das pessoas. Criava tentações para elas e depois abria a alma delas e jogava sal na ferida. Era o pior tipo de verme que alguém encontrar. Fico

feliz que ele esteja morto. Eu gostaria de agradecer quem quer que tenha sido o responsável, apertar a mão dele e dizer obrigado.”

“Nós sabemos tudo sobre Stevenson. Viemos descobrir qual o seu grau de envolvimento.”

“Não tem muito a ser dito sobre ele, mas como eu cheguei aqui é uma longa história.”

“Vamos começar pelo começo. Viemos ouvir o que tem a nos dizer e não estamos com pressa.”

Kennedy respirou fundo e começou. “Eu cresci em Glasgow. Vim de Cessnock, perto de Ibrox. Minha mãe ainda vive lá, em um apartamento na Paisley Road, e eu visito ela uma ou duas vezes por mês. Conheci minha Peggy vinte anos atrás e depois que nos casamos, nós nos mudamos para Dunfermline pois é de lá que a família dela vinha. Eu entrei para a polícia e adorei o trabalho. Fui para o DIC. Me dei bem e fui promovido a sargento. Aí, dez anos atrás, Peggy ficou doente. Levou um tempo até ela ser diagnosticada direito, até que notassem que ela tinha esclerose múltipla. No começo não afetava ela muito, mas a mobilidade e a coordenação dela foram prejudicadas. Ela parou de trabalhar e procurou todo tipo de tratamento. A condição dela se agravou com o tempo. Não foi rápido, parecia acontecer em fases, sem motivo ou lógica por trás, só piorando e piorando.”

“Uns dois anos atrás, eu aceitei voltar para o uniforme, para ter um trabalho de escritório em um horário mais previsível. Assim eu estaria bem mais disponível para ajudá-la e cuidar dela. Os superiores foram ótimos e fizeram acomodações para as minhas necessidades, deixando que eu planejasse meus turnos com antecedência para que eu pudesse agendar os cuidadores.”

“Eu tentei estar presente para ela o máximo possível e continuo amando ela tanto quanto a amava no dia do nosso casamento, se não mais. Mas fisicamente, não é mais a mesma coisa.” Kennedy estava se inclinando para frente sobre seu assento, focando em um ponto entre seus pés. Sua cabeça não se mexia e lágrimas escorriam por sua face. Ele as limpou com seu punho, de um lado e depois do outro. “É difícil falar disso.”

“Nós sabemos, mas temos que ouvir tudo”, Sandra incentivou gentilmente.

“Peggy e eu não transávamos há algum tempo, e por mais feliz que eu esteja junto dela, ela precisa de muito descanso e algumas vezes eu simplesmente precisava de companhia. Eu comecei a usar meu computador para encontrar pessoas com quem conversar. Frequentemente estavam do outro lado do mundo e isso não parecia importar, já que eu só estava procurando por companhia e por alguém com quem conversar. Mas aí eu encontrei um site baseado em Glasgow. No começo eu entrava para falar de qualquer coisa, das notícias, da política, de esportes, qualquer coisa mesmo. Depois de um tempo em comecei a conversar com uma garota chamada Linda e nós simplesmente nos demos bem, sabe, então eu procurava por ela sempre que eu logava. Falávamos sobre tudo. Eu contei para ela a situação de Peggy e ela foi muito compreensiva. Algumas vezes as conversas ficavam bem sugestivas, até eróticas. Eu costumava logar no site sempre que tinha chance, era como uma droga e eu estava praticamente viciado. Algumas vezes, tínhamos umas conversas muito estranhas, tipo fantasiar sobre estarmos juntos. Aí ela sugeriu que usássemos webcams. Quando eu a vi eu tive uma baita surpresa, ela era linda e jovem e não parecia se importar que eu fosse mais velho e, bem, cês sabem? Quando ela me sugeriu nos encontrarmos em Glasgow, eu não pude esperar. Eu disse à Peggy que havia recebido um telefonema de um velho amigo da escola e que iria para Glasgow para uma reunião, passaria a noite na casa da minha mãe. Arranjei cuidadores para ela.”

“Eu me encontrei com Linda. Eu pensei que fôssemos só jantar juntos, mas ela me convidou para ficar e eu não iria dizer não. A noite foi um sonho. Fomos para a cama juntos e foi tão incrível. Eu nunca havia traído a Peggy antes e nunca pensei que fosse fazer isso, mas foi como descarregar anos de tensão acumulada. Senti remorso em seguida, mas não culpa. Linda e eu conversamos pelo site depois e falamos sobre o que tinha acontecido e sobre nos encontrarmos novamente, mas nunca aconteceu.”

“Ao invés disso eu recebi um telefonema de alguém que insistia em me ver. No fim era o Stevenson e ele me mostrou as fotos que tinha, fotos de Linda e de mim. Me disse que queria dinheiro ou as mostraria

para Peggy. Eu devia ter denunciado ele por isso e deixado que ele fizesse o seu pior, mas eu não queria chatear a Peggy. Dei a ele o que pude de dinheiro, só algumas centenas, pois não tinha nada mais. Não tinha muito para pagar pois cuidar da Peggy resulta em vários gastos e nem todos são pagos pela NHS ou pelo Social. Stevenson voltou e pediu mais e quando eu disse para ele que não tinha, ele disse que ele arranjaría outra maneira pela qual eu poderia pagá-lo. Eu perguntei o que ele queria dizer com isso, mas eu já sabia. Ele disse que talvez pediria para eu fazer um favor ou outro para ele.”

“Eu disse a ele que isso nunca aconteceria e ele só disse ‘veremos’. Eu fiquei esperando ele dizer o que queria, mas ele nunca me procurou novamente. Eu decidi que o reportaria assim que ele voltasse e que talvez tentaria encurralá-lo, mas vocês só tem a minha palavra de que ele nunca voltou. Eu agradecia a Deus a cada dia sem ouvir falar dele, pois era outro dia que Peggy não teria que sofrer sabendo que eu a traí. Suponho que tudo virá à tona agora?”

“Sinto muito, não posso responder isso pois não é decisão minha”, Sandra respondeu honestamente.

“Temos mais algumas formalidades que temos que checar contigo”, interrompeu Donny. “Pode me dizer onde estava entre as 12 e as 14 horas da quinta-feira passada, dia 3 de novembro?”

“Eu estava a serviço na sala de controle aqui. Tive uma folga de almoço de cerca de meia hora, mas estive aqui pelo resto dela. O inspetor aqui pode confirmar e, se quiserem, podem verificar nos registros da sala de controle.” Griffiths assentiu.

“Mais uma coisa”, adicionou McAvoy, “Pode nos dizer onde estava na noite de domingo, 6 de novembro?”

“Eu estava em casa com Peggy, só nós dois.”

“Nenhuma visita ou telefonema?”

“Não vi ninguém, mas a irmã de Peggy ligou e eu falei com ela, pelas 9 da noite, acho.”

“Acho que só precisamos saber disso. Obrigado por sua ajuda e por ser tão prestativo em suas respostas. Precisaremos do seu depoimento por escrito assinado.” Sandra estava satisfeita por terem tudo de que precisavam e por não terem que prolongar o sofrimento. Kennedy não contribuía com nada do qual já não soubessem, mas ela não esperava que contribuísse. Seguiu a rotina assim mesmo. Ficaria por conta da polícia de Fife o que fazer quanto a Kennedy.

O dia de Alex estava indo de mal a pior. Depois de perder a hora e ter que correr para chegar no tribunal a tempo, o resto da manhã passou de lenta para uma parada completa. Ao chegar, ele conseguiu pegar uma baguete de atum na cantina para apaziguar melhor a sua fome, mas em sua pressa para comê-la, um grande naco de peixe coberto de maionese caiu da ponta e caiu em sua lapela. Ele o limpou imediatamente, mas uma grande mancha escura permanecia no tecido cinza-claro e suas tentativas em vão de removê-la só deixaram a mancha maior. Ele não sabia se era real ou se era a sua imaginação, mas Alex estava preocupado que o cheiro de peixe também continuasse lá. Alex, que sempre teve orgulho de sua aparência, estava aterrorizado pela ideia de parecer desleixado ao testemunhar. O edifício da corte era quente, portanto ele tirou seu paletó e o carregou sobre o braço, mitigando o problema.

Alex verificou a agenda da corte para o dia e percebeu que esperaria muito antes de ser chamado. Aproveitou a oportunidade para falar com parte da equipe do procurador fiscal e para se atualizar quanto a outros casos em audiência nos quais esteve envolvido antes de ir para a sala de espera de testemunhas para dar uma lida em seus documentos. O caso que atenderia hoje tinha a ver com uma série de invasões a domicílio. A equipe operando sob o comando de Alex teve sucesso em rastrear e deter os três irmãos responsáveis pelos crimes. Não havia defesa crível, pois foram pegos em posse de bens roubados e uma busca na garagem deles encontrou consideravelmente mais mercadorias. Ainda assim seu advogado,

amparado por auxílio advogado, os encorajara a alegarem inocência. Vários meses depois de serem pegos, os três irmãos finalmente chegaram ao tribunal.

Alex tinha uma lembrança clara do que acontecera e das evidências que seriam esperadas dele, mas diligentemente relia suas anotações para não esquecer de nada importante. Satisfeito por estar em dia, ele guardou as anotações e pegou os papéis que Phil lhe entregara ao sair do escritório.

Voltando suas atenções completamente para os casos Stevenson/Kerr, ele leu a avaliação do perfilador e não ficou surpreso ao ver suas previsões sendo confirmadas. O agressor era claramente inteligente e provavelmente era de classe média com uma compreensão boa ou razoável dos procedimentos forenses e policiais. Era provavelmente de meia-idade, com altura acima da média, saudável e possivelmente um atleta ou um entusiasta da saúde. Havia em seus atos uma demonstração de força e arrogância que sugeria que estivesse habituado a demonstrar poder. O ataque pós-mortem contra Kerr indicava que era muito provável que fosse um gay ou um bissexual enrustido e que visasse punir Kerr por “provocá-lo.” Para se acobertar, o perfilador incluiu uma nota alegando que, como o agressor era muito inteligente, ele poderia estar levando-os na direção errada dando pistas falsas.

Alex exalou ruidosamente, jogando as notas em sua bolsa novamente e, justamente naquele ponto do tempo, o assistente do fiscal saiu pela porta para avisá-lo de que um dos irmãos não havia comparecido. Havia dado uma desculpa alegando ter quebrado o braço e o xerife lhe concedeu um adiamento.

“Merda, que baita perda de tempo”, Alex exclamou enquanto coletava seu paletó e sua pasta e seguia porta afora, ligando para chamar um carro enquanto caminhava.

Pela segunda vez naquela manhã, Alex subiu as escadas para o seu escritório correndo, cobrindo dois degraus de cada vez, e chegou às 11, instantes antes do retorno de Sandra e Donny.

“O que está acontecendo?” ele perguntou para Phil.

“Dois minutos, chefe, e só terei que contar uma vez. E chegou a Sandra.”

“O que em nome do Senhor aconteceu contigo?” exclamou Donny olhando para a face cansada e o terno manchado e amarrotado de Alex.

“Longa história, fica para outra vez”, ele respondeu, sem conseguir evitar notar a preocupação séria no olhar de Sandra.

“Eu estou bem”, ele seguiu. “Agora, já processaram aquele mandado?”

“Isso é só o começo”, respondeu Phil. “Acaba de chegar e estamos prontos para partir assim que você estiver. Eu arranjei com o Connor para levarmos dois dos rapazes dele para poupar tempo. Mas tenho notícias ainda melhores, também tivemos um avistamento do Black e foi confirmado. Ele está em Birmingham, hospedado no Britannia no centro da cidade. Está tentando se disfarçar, cresceu uma barba e tingiu o cabelo, mas é ele, sem dúvidas. Temos material o suficiente contra ele para emitir um mandado de prisão. Dane-se protegê-lo, podemos trancafiá-lo. Se estiver tudo bem para você, chefe, podemos mandar os rapazes em Brum na frente para buscarem o Black e o teremos aqui ainda hoje, no mais tardar amanhã de manhã.”

“Mandem brasa”, Confirmou Alex. “Agora, vamos dar uma olhada naquela porta trancada. Phil, Donny, deixem tudo pronto para daqui meia hora. Sandra, quero falar contigo no meu escritório agora. Quero que me informe quanto a essa manhã.”

Alex marchou seguido por Sandra e a porta se fechou atrás dela. Seus olhos corriam por ela, absorvendo-a, procurando por algum sinal, quase suplicando para que sua interação na noite anterior não tivesse sido uma tropeçada bêbada.

Não precisava ter se preocupado. “Eu estava esperando mais por outro tipo de conversa”, ela sussurrou.

Ele não conseguia manter suas mãos longe dela. A agarrou pelos ombros e a puxou para perto e suas bocas se encontraram firmemente, quase que desesperadamente. Suas mãos seguiram pelas costas dela e pegaram em suas nádegas, puxando o corpo dela junto ao seu, envolvendo-a.

Passaram-se vários segundos antes que algum deles emergisse de sua paixão, ambos ofegantes mas ainda segurando firmemente ao outro, com corpos inseparáveis e faces unidas.

“Não é nem hora nem lugar, mas eu te quero”, disse Sandra.

Alex estava levemente afastado. “Não creio que tenha que te dizer o que penso. Sinto muito por ontem à noite.”

“Teremos outras oportunidades”, ela respondeu, “talvez hoje à noite. Mas o que aconteceu depois que saiu? Você ainda não me contou.”

Alex contou em detalhes sua busca por Craig, como o levou para casa e o quão chateada e carente Helen estava, cuidadosamente omitindo as tentativas dela de seduzí-lo. Explicou para ela que chegou em casa muito tarde e que caiu no sono assim que mandou a mensagem.

“Acho que não dormi nada ontem”, ela respondeu, “primeiro por esperar que me dissesse o que tinha acontecido e depois esperando que me ligasse de volta. Talvez não seja boa ideia hoje, queremos ficar acordados na nossa primeira noite juntos.”

Alex riu, uma risada amarga e controlada. “Você tem razão, é claro. Suponho que sempre teremos problemas, mas queremos ter uma chance decente.”

“Prefiro que seja indecente se é para termos chance.”

“Pelamor de Deus, com piadas assim você deve estar passando tempo demais com o Phil. E falando no Phil, é melhor nos prepararmos para essa revista. Antes de irmos, é melhor me deixar em dia com o Fife.”

“E você pode me falar da sua manhã, ou é melhor não?” ela disse, olhando para seu paletó amarrotado e manchado.

Os quatro - acompanhados por dois dos técnicos do Connor e uma dupla de policiais comuns - seguiram para West End e a pequena via que abrigava a porta trancada. O Sr. Singh e seu filho saíram da loja para ver o que estava acontecendo e foram afugentados. Depois disso os policiais uniformizados cercaram a área para que tivessem um pouco de privacidade.

Para o que parecia ser apenas uma garagem, o sistema da tranca era sofisticado. A chave de cadeado do cofre também não servia aqui, mas isso não era problema, pois só levaram alguns minutos para arrombar as fechaduras e erguer a porta de rolar. Dentro de garagem, sua decepção era quase palatável ao verem o local cheio de mobília de madeira de boa qualidade e peças de arte empilhadas até o teto. De início pensaram que seus esforços para evitar contaminação foram inúteis - até que Sandra, rastejando pela multidude de itens de colecionador, encontrou dois cofres médios ocultos na parede do fundos.

Embora não estivesse chovendo muito, havia uma umidade opressiva no ar e eles estavam receosos em expor a mobília ao ar livre sem protegê-la. Arranjaram uma solução mandando os técnicos forenses buscar evidências em alguns dos maiores itens perto da porta antes de movê-los para fora cobertos por uma lona. O espaço criado permitia que movessem os itens lá dentro para estabelecer o que estava lá. Era fortuito que tantos deles estivessem presentes, pois mover as pilhas de itens pesados sem quebrar nada e sem perder evidências em potencial virou um desafio logístico. O foco real de suas atenções eram os dois cofres. Alex não reconhecia a marca ou o design. Eram cinza claro e tinham cada um o tamanho de um frigobar. Tinham ambos um teclado eletrônico e uma tranca com chave. Embora estivessem desesperados para obter acesso, estavam receosos pois o técnico os alertara que nunca vira este design em particular, mas lidara com um modelo vagamente similar da Europa Oriental que incorporava um dispositivo para danificar ou destruir o conteúdo caso a porta fosse aberta de forma indevida. O mesmo técnico usou seu celular para fotografar o cofre e encaminhou a foto para Connor pedindo ajuda. Connor respondeu dentro de minutos dizendo que um especialista estava a caminho, mas levaria cerca de duas horas para chegar lá.

Alex percebeu que não tinha tempo o suficiente para sair, fazer algo útil e voltar, por isso decidiu aproveitar a espera levando a equipe para almoçar na Byers Road. Os uniformizados foram deixados de

guarda no depósito enquanto eles estavam fora.

A high street estava muito movimentada, cheia de consumidores e estudantes, muitos destes vagando, procurando em lojas de caridade ou só buscando uma folga em meio a uma úmida e tediosa terça-feira. Procuraram em vários restaurantes, bares e lojas antes de encontrarem uma sanduicheria com uma mesa vazia grande o suficiente para eles. E se fartaram de ciabatas e rosquinhas.

O ar cansado de Sandra e o visual desleixado de Alex causaram algumas trocas de olhares desconfiados mas Phil, que normalmente tomava a liderança nessas horas, evitou comentar. No entanto, Donny não pôde se controlar e, demonstrando uma coragem incomum, perguntou se Alex deixaria seu paletó na Oxfam ao partirem. Alex levou a crítica na esportiva e respondeu que não podia, pois não estava bom o suficiente para eles.

Estavam em sua terceira rodada de chá quando receberam a ligação avisando que o especialista havia chegado. Alex rapidamente pagou a conta e eles correram de volta para o depósito.

Após cinco minutos de enjambração técnica, ambas as portas se abriram expondo seus conteúdos sem problemas.

Como funcionários do conselho em uma obra de estrada, onde um homem escava e outros quatro supervisionam, Alex, Sandra, Donny e Phil observaram os técnicos removendo e etiquetando cuidadosamente o conteúdo dos cofres.

O lote do primeiro parecia um butim de pirata. Havia pilhas de notas bancárias e sacos cheios de moedas de ouro, cada um posto em segurança dentro de um envelope plástico com uma etiqueta adesiva com o tipo, a descrição e a idade das moedas. Tinha caixas de jóias e de relógios e uma pequena bolsa de veludo com uma dúzia de diamantes ou mais, cada um de um tamanho respeitável e mais de um quilate.

O segundo cofre estava praticamente vazio, mas seu valor em potencial para investigação era vastamente superior ao do primeiro. Continha quatro pequenas caixas plásticas de cerca de 10x9cm e cada uma carregava uma pequena placa de identificação contendo “Meu Passaporte HD”, a etiqueta de identificação para um hd externo para computadores da Western Digital, usados para armazenamento extra ou para cópias de segurança.

“Podemos ter achado ouro”, declarou Phil, verbalizando o que todos pensavam.

“Eu vou levar esses”, disse o técnico. “Um dos nossos vai ter que testar eles antes para ver se não tem vírus ou armadilhas.”

“Não sei quanto a isso”, respondeu Alex. “É minha investigação e eu não vou deixá-los fora de vista.”

Uma discussão resultou disso e foi decidido que o técnico levaria os discos, mas voltaria no carro de Alex. Deram prioridade para isso e os dois partiram imediatamente enquanto os outros terminavam a investigação e o fichamento dos itens no depósito, guardando em segurança o que queriam levar antes de fechar novamente o edifício e pôr novos cadeados da polícia.

Assim que voltaram à Pitt Street, especialistas em computadores foram chamados para tomar custódia dos discos e verificar sua acessibilidade. Não levaram muito tempo para relatarem que não tiveram problemas em abrir os discos mas que os dados neles eram criptografados e protegidos por senha. O próximo passo seria tentar quebrar as senhas e o sistema de criptografia, e era improvável que este fosse um trabalho rápido.

Alex frisou a urgência e então resignadamente os deixou trabalhar, voltando ao seu escritório.

Sandra e os rapazes ainda não haviam retornado, portanto sua primeira tarefa foi checar suas mensagens de voz no telefone.

As primeiras mensagens eram coisas de rotina, avisando ou confirmando reuniões, cursos de treinamento e coisas do tipo. Tinha uma chamada de cortesia de Bill Forbes, dando seguimento ao seu encontro fortuito no ‘La Brava’ e sugerindo encontrarem-se para um café, seguida por uma mensagem de Charlie Hunter, dizendo que tinha algo que lhe interessaria *mesmo*.

Alex telefonou. “Oi Charlie, acabo de receber a sua mensagem e você me deixou curioso.”

“Fico feliz que tenha me retornado. Só queria dizer que seguimos a sua pista sobre Geoff Thompson e ela se mostrou muito interessante, quase fascinante, na verdade, se não fosse algo tão sério. Se tiver um tempinho, dê um pulo aqui e eu te conto tudo a respeito.”

“Como resistir a um convite desses? Já vou indo.”

“Ótimo, deixarei o café pronto.”

Alguns minutos depois, Alex batia à porta e depois entrava no escritório de Hunter e, como prometido, havia um bule cheio de café na mesa, junto com duas xícaras, açúcar, leite e um prato cheio de biscoitos amanteigados e de chocolate.

“É assim normalmente ou é uma ocasião especial?”

“Bem, não é com muita frequência que conseguimos te trazer para cá, mas na verdade temos algumas compensações com este posto, ao menos neste escritório, portanto aproveite.”

Depois de mal comer no dia anterior, Alex já havia compensado começando o dia de forma saudável com uma maçã, mas aí foi decaindo com a baguete de atum, embora tenha vestido parte dela, uma ciabatta de queijo e presunto e uma rosquinha grande de geléia. Alex não costumava comer doces ou bolos e, embora já tivesse se passado algum tempo, ainda conseguia sentir o nauseantemente açucarado sabor da rosquinha. No entanto, estava grato pela hospitalidade e a camaradagem e não queria parecer ingrato, portanto mordiscou um biscoito amanteigado enquanto se deleitava no forte aroma da bebida recém preparada.

“Por mais que aprecie sua companhia, vai me contar o que aconteceu?”

“Você sempre foi impaciente, Alex. Precisa aprender a relaxar e a apreciar as coisas boas da vida. E deixe-me dizer, essa é uma delas.”

Alex ergueu o olhar cheio de expectativa.

“Lembra da nossa conversa no domingo? Bem, eu decidi tentar o que discutimos. Disse ao Thompson que estávamos considerando alguns candidatos para o departamento dele e que gostaríamos que ele os entrevistasse, pois estávamos particularmente interessados na opinião dele. Ele souou bem contente, especialmente depois que dissemos que ele faria as entrevistas. Nunca fizemos nenhuma promessa de transferir quem ele escolhesse, mas havia uma inferência bem forte.”

“Enfim, nós arranjamos cinco candidatos para ele. Dois eram homens com credenciais muito boas, oficiais experientes com boas ou ótimas habilidades com informática e uma compreensão sólida de finanças, um no fim da casa dos 20 e o outro na casa dos 30. Três eram mulheres. A primeira está na casa dos 40, casada e com três filhos. Não muito bonita, mas com experiência impecável, a descrição do serviço poderia ter sido escrita para ela. É uma policial experiente com um bacharelado em psicologia e um diploma em contabilidade. Tinha experiência trabalhando no nosso departamento de controle de dados e até teve três meses de serviço no departamento de fraudes criminais. A segunda está no fim da casa dos 20, novamente, não muito bonita, um pouco rechonchuda, mas não realmente gorda. Sem peito, mas com um rosto bem agradável na verdade, mas ela deliberadamente se maquiou para não dar a melhor imagem de si. Agora, a terceira. Certamente é errado eu descrever ela assim, mas ela é uma baita gata, podia ter sido modelo, uma beldade. Vinte e seis anos. As duas mulheres mais novas tem experiência razoável, mas nada comparado com a primeira.”

“É verdade que estamos procurando mais pessoal para este departamento e todos os cinco se candidataram junto com alguns outros. Nós explicamos do que isso se trata para todos os cinco e para a última em particular.”

“Como conversamos, armamos as entrevistas em uma de nossas salas e gravamos vídeo e áudio. Temos placas por toda parte da sala declarando que equipamento de gravação de vídeo está em uso, portanto ele não pode reclamar. Foi como esperávamos. Depois de alguns minutos ele se esqueceu das câmeras e agiu normalmente, ou talvez seja melhor dizer anormalmente.”

“As primeiras três entrevistas foram como poderíamos querer e esperar. Ele preparou uma série de perguntas e fez as mesmas para cada um, anotando as respostas. Aí fez algumas perguntas mais abertas e tentou descobrir o quão interessados eles eram e porque se candidataram. Foi bem profissional e impressionante, para ser justo, exceto que julgando pelas anotações e as perguntas ele parecia bem voltado a dar uma avaliação negativa para a mulher mais velha e ela era a melhor candidata. Resumindo, isso podia parecer um tiquinho suspeito, mas nada de imoral. Todos tem seus preconceitos naturais e, embora possamos não gostar, não podemos legislar contra isso.”

“Com a segunda candidata mulher, no entanto, foi um pouco diferente. Ele claramente pegou muito mais leve em suas perguntas e fez algumas anotações muito positivas sem justificativa. Nessa nós tínhamos justificativas claras para questionar o julgamento dele e talvez restringir sua autoridade ou talvez até sua continuidade no projeto. Poderíamos ter dado um feedback confidencial para a Marwick’s, mas não teria passado disso.”

“Mas a candidata final foi a ‘piece de resistance’. Não há dúvida de que ele foi influenciado pela aparência dela e que isso alterou completamente como ele lidou com a entrevista. Ao invés de lidar com minha tentativa de descrevê-la, gostaria de ver a gravação?”

“Sim, isso seria interessante.”

Charlie diminuiu a iluminação do escritório e ligou a televisão e o aparelho de DVD. Alex podia ver o interior de um pequeno escritório com uma pequena mesa de cadeira e quatro cadeiras retas com acolchoamento fino. Um homem estava de costas para a câmera, lendo alguns documentos e fazendo anotações. Ele ouviu uma batida na porta e o homem declarou “Entre”. A porta se abriu e uma moça muito bonita entrou. Charlie estava correto em sua avaliação. Ela devia ter cerca de 1,72 com olhos azuis radiantes e um belo rosto redondo emoldurado por cachos loiros que quicavam em seus ombros conforme ela caminhava. Parecia o começo de um comercial de shampoo. Estava vestindo uma blusa branca apertada e uma saia preta lista que parava no meio de suas coxas. O contorno de seu sutiã branco rendado podia ser visto claramente através do tecido fino da blusa e suas roupas não faziam nada para disfarçar sua forma escultural.

Thomson se levantou em um pulo e se moveu em direção à porta para recebê-la de braço estendido. “Olá, eu sou Geoff Thomson. Você deve ser Adele Simpson. Por favor, entre e sinta-se em casa.” Ele agarrou a mão dela e fechou a sua outra ao redor dela em uma saudação amigável, uma que não foi oferecida aos outros candidatos, Charlie avisou. Também segurou a mão dela um pouco além do confortável enquanto a guiava em direção a uma cadeira e sentava-se não na cadeira oposta a dela, mas na do lado.

“Entendo que esteja interessada em vir trabalhar comigo na nova unidade piloto de investigações financeiras. Por favor, fale-me sobre você, sobre sua educação e sua experiência.”

Adele levou alguns minutos para responder à pergunta, oferecendo uma apresentação competente, mas não excepcional. Alex assistia enquanto Thomson fazia duas de suas perguntas técnicas padrão, mas enquanto observava isso, Charlie o avisava que ele havia feito bem menos perguntas que fizera para os outros candidatos e que essas eram bem menos rigorosas. Alex também notou falhas em sua técnica de entrevista, frequentemente respondendo às suas próprias perguntas. Comentou sobre isso e Charlie confirmou que ele não fez o mesmo nas outras entrevistas.

“Por que está interessada em trabalhar neste departamento?”

“É o meu emprego dos sonhos”, respondeu Adele. “Sempre quis fazer esse tipo de trabalho. Me interesse por contabilidade e computadores e já trabalho na polícia tem três anos. Eu poderia juntar todos os meus interesses. E tenho certeza de que eu iria adorar.”

“Acha que está apta para esse tipo de trabalho? Sabe, ficar no escritório o dia inteiro?” Ao fazer a pergunta, Thomson se levantou e começou a andar pela sala.

“Ah, claro, é meu emprego dos sonhos. Eu faria qualquer coisa por ele.”

“Ah, sim.” Thomson caminhou por trás dela e parou perto. Pôs suas mãos ao redor dos ombros dela e apertou gentilmente. “Sabe, eu poderia te ajudar. Sou o supervisor do departamento e poderia te ajudar a conseguir este emprego.”

Adele estremeceu levemente com o contato, mas respondeu. “Eu gostaria de entrar em um emprego destes e talvez obter algumas qualificações ao mesmo tempo.”

“Nessa hora, nós pensamos em entrar e dar um fim nisso, mas Adele parecia estar se virando bem, não parecia assustada e sabia que estávamos lá caso precisasse de nós, portanto esperamos mais um pouco.”

“Eu poderia te ajudar. Se estivesse no emprego e trabalhasse para mim, aí eu poderia te ajudar a obter qualificações também. Eu tenho influência no Instituto de Contadores Registrados.” Enquanto falava, ele passava suas mãos dos ombros para os braços e depois para o peito dela, tocando e massageando os seios dela levemente no processo.

Adele se livrou das mãos e as segurou. Ao fazê-lo, ela respondeu, “Sr. Thomson, eu mal te conheço. Mas eu quero o emprego” e olhou para ele sugestivamente.

“Temos que ver o que podemos fazer então”, ele respondeu roucamente, com um sorriso radiante. Estava claramente excitado com a conversa.

“Esperamos a avaliação dele e como esperado ele recomendou contratar Adele. Ele ‘justificou’ a escolha alegando que ela demonstrou mais entusiasmo que os outros candidatos e tinha mais tempo livre para trabalhar as horas necessárias do que os policiais com crianças para cuidar. Um monte de outras baboseiras também, mas não disse nada com embasamento.”

“Nós falamos com a Marwick’s e dissemos para eles que ele não pode continuar trabalhando conosco e que já o tiramos do cargo. Quando ouviram a razão, confirmaram que ele também não tem futuro com eles. A única pergunta que temos é se devemos processá-lo por assédio sexual ou se devemos só dar um cagaço nele. Falamos com a Adele e ela está preparada para levar isso para a justiça, mas não está muito interessada. Pensamos que poderíamos pegar o Thomson e explicar algumas coisas para ele. Tentar um blefe e fazer a ele a oferta de não processá-lo, contanto que ele aceite procurar ajuda profissional e ser listado no registro de criminosos sexuais. Assim ele pode manter sua vida familiar. Teria que arranjar outro emprego, mas poderia continuar nessa profissão. Obteria a ajuda da qual precisa e teríamos justificativa para ficar de olho nele. Achamos que ele pode aceitar, e isso seria lucro para os dois lados.”

“Soa bom para mim. Posso contar isso para a Sandra, vendo que foi ela que nos deu a informação para começo de conversa?”

“Não vejo problema, contanto que ela saiba que isso tem que ser confidencial.”

Capítulo 15

Alex estava jubilante ao voltar para o escritório. Os outros já tinham retornado e estavam filtrando o inventário do que havia sido encontrado nos cofres. Alex explicou que ainda estavam esperando novas quanto ao conteúdo dos discos. Embora pudessem vir a qualquer hora, era bem provável que não viessem até amanhã.

Ele levou Sandra para um canto e discretamente deu a ela as notícias sobre Thomson.

Os técnicos não tiveram nenhum avanço com os registros do Passat ou do Fiesta, portanto Alex sugeriu buscar Fitzpatrick para estudar gravações de câmeras que pudessem ter capturado a viagem entre West End e South Sid na esperança de obter uma imagem melhor. Seria outra tarefa complicada para ele, mas bem menos onerosa do que a anterior, pois já sabiam as posições e os horários de antes e depois e isso reduziria significativamente o material a ser estudado.

No meio da tarde, para o seu horror, receberam um relatório da polícia de Birmingham informando-lhes que Black havia escapado de sua guarda. Devia ter notado de alguma maneira que estavam se aproximando e fugiu bem na hora. Quando foram ao seu quarto no hotel, ele não estava lá, embora tivesse deixado vários pertences para trás. Não tinha feito o check-out do quarto ainda, mas como tinha pago adiantado em dinheiro vivo, o hotel não estava muito preocupado. Todas as forças policiais locais foram alertadas, embora suas chances de encontrá-lo fossem pequenas, pois a New Street Station estava a um passo do Britannia e de lá, Black poderia ter partido em qualquer direção.

Alex subitamente se sentia muito cansado. Já estava no fim da tarde e o dia havia sido muito pesado. Suspeitava que amanhã poderia ser ainda mais intenso e por isso avisou aos outros que tinha outros compromissos e sairia mais cedo, dando a ordem para que ligassem para ele imediatamente caso descobrissem algo de novo.

Sandra o seguiu de saída e o alcançou no corredor, pegando-o pelo braço. “Você está bem?”

“Sim, ótimo, só estou um pouco cansado e queria recarregar minhas baterias antes da próxima surra.”

“Eu estou de serviço desde a manhã, pois tinha que terminar tudo em Fife cedo. Já trabalhei um turno completo. Que tal eu bater ponto também e irmos para a sua casa?” Ela deu um sorriso malicioso e apertou o braço dele carinhosamente.

Alex sondou o corredor para garantir que não estavam sendo vistos ou ouvidos. “Eu gostaria muito disso, se realmente quer.”

“Vou levar alguns minutos para terminar tudo que tenho para fazer e aí estarei pronta. Deixei meu carro no estacionamento vertical da Elderslie Street. Está no segundo andar, perto do elevador. Leve minhas chaves e me espere. Se estiver bom para você, eu vou dar um pulo em casa antes e pegar uma mala e umas mudas de roupa.” Ela colocou o chaveiro na mão dele e voltou para o escritório. Alex caminhou em direção ao estacionamento com energia nova em seu passo e tentou lembrar do estado em que deixara seu apartamento pela manhã. Tinha até feito a cama e aí lembrou aliviado de que estava arrumada pois não havia usado ela na noite passada, pois caíra no sono no sofá.

Menos de uma hora mais tarde, eles completavam sua jornada para Bishopbriggs e a volta para Shawlands. Alex abriu a porta de seu apartamento e eles adentraram, mas antes que ele tivesse tempo para fechar a porta, Sandra havia o envolvido com seus braços, praticamente sufocando-o com seu abraço. Fechando a porta com os pés, eles cambalearam presos um ao outro até caírem sobre a cama, desesperadamente tateando em busca dos botões de suas roupas em busca de pele nua para tocar e acariciar.

A camisa de Alex estava desabotoada e seu cinto estava frouxo, com o zíper e o botão de suas calças abertos. A blusa de Sandra estava escancarada e seu sutiã aberto quando eles foram novamente interrompidos por um telefone tocando, mas desta vez era a linha fixa do apartamento. Não prestaram muita atenção enquanto o telefone tocava seis vezes, seguido por uma mensagem de voz na secretária eletrônica.

Mas a atenção deles foi capturada imediatamente quando o chiado elevado foi seguido pelos gritos frenéticos de Helen. “Alex, o que diabos você está tramando? O que está fazendo, agendando coisas com as crianças sem me consultar? Eu sinceramente acho um tanto estranho mandar Bill Forbes buscar o Andrew na escola sem me avisar primeiro. Eu estava sentada esperando por ele, com a janta dele pronta, e ele não apareceu. Foi só quando eu liguei para o amiguinho dele, o Ahmed, que eu fiquei sabendo. Ele disse que alguém veio de carro e dito para o Andrew que ele estava levando vocês para o jogo do Clyde hoje à noite. Pelamor de Deus, é dia de aula. Essa é a sua ideia esquisita para dar uma lição no Craig? Se for, podia ao menos ter me contado antes”, e a linha ficou muda.

Em pânico, Alex cruzou o quarto em dois passos e telefonou de volta para Helen. “Conte me exatamente o que aconteceu”, ele instruiu.

“Alex, o que está acontecendo? Você está me assustando.”

“Depois eu te conto, só mantenha a calma e me conte exatamente o que sabe e como descobriu.”

“Eu já te disse, na mensagem. Andrew não voltou da escola e eu telefonei para os amigos dele. Liguei primeiro para o Ahmed pois sabia que eles frequentemente voltam juntos para casa.”

“Você disse que Bill Forbes buscou ele, como você sabe?”

“Eu fiquei questionando o Ahmed sobre o que ele estava dizendo e pedi para ele me contar o que havia acontecido, palavra por palavra. Viu, eu aprendi algo com o seu trabalho. Ele disse que um carro prata parou perto deles e um homem chamou o Andrew pelo nome. Ele disse ‘Lembra de mim? Sou Bill Forbes. Te vi sábado com seu pai no restaurante. Eu sou um amigo do seu pai e nós trabalhamos juntos.’ Ele disse que tinha ingressos para o jogo de hoje do Clyde contra Alloa em Broadwood. Disse que levaria vocês para o jogo para que tivesse a chance de ver um jogo de futebol de verdade, mesmo que fosse na terceira divisão. Foi isso que Ahmed me contou. Agora você me diz que não combinou isso? Ai meu Deus! O que podemos fazer?”

“Fique calma, deixe isso comigo, eu vou dar um jeito”, disse Alex, sentindo-se tudo, menos calmo.

Rapidamente, ele arrumou suas roupas, notando que Sandra já havia feito o mesmo, e no caminho para fora do quarto, pegou sua jaqueta de couro.

“Acho que isso simplesmente não é para ser”, ele especulou enquanto corria pelo corredor.

“Eu vou contigo”, ela declarou. Estava apenas um passo atrás e claramente não aceitaria ‘não’ como resposta.

Alex não tinha tempo ou energia para discutir. Ele pegou as chaves do carro e o celular antes de fechar a porta. Desceram as escadas em segundos e correram em direção ao seu carro, saindo do estacionamento cantando os pneus e deixando para trás o aroma de borracha queimada. “Tenho certeza que me lembro do endereço de Forbes. Ele tem um casarão atrás da Old Mearns Road à caminho de Mearnskirck.”

Enquanto Alex manobrava em altas velocidades pelas estreitas vias laterais, seu telefone tocou e a tela mostrou que era Phil. Ele assentiu para Sandra e ela apertou o botão de atender no ‘Parrot’.

“Oi chefe, eu estava prestes a bater ponto quando Fitzpatrick nos deu um resultado dos carros. Temo que não seja de muito uso, mas é algo a mais para descartar. A motorista do Fiesta era uma enfermeira e tem um bom álibi e você não vai acreditar em quem é o dono do Passat.”

“Acho que talvez possa, Phil. Não seria o nosso CAP William Forbes, seria? O dono de um Passat prata?”

“Como diabos você sabe disso? De qualquer maneira, isso cancela uma linha de investigação.”

“Muito pelo contrário. Aposto uma libra contra um penny que também encontrarão algumas fotos dele com David Kerr quando finalmente acessarem os discos.”

“Não pode estar falando sério.”

“Sinto dizer que estou. E pior, ele sequestrou meu filho. Tenho que encontrá-lo, e rápido. Quero cada unidade e cada patrulha nisso. Quero que ele seja apreendido agora. Descubram tudo que puderam sobre

o que ele tem, casas, carros, coisas do tipo, qualquer coisa que me ajude a rastreá-lo. Estou indo para a casa dele agora.”

“Como posso emitir um mandado de prisão contra um CAP?”

“Não me importa como, dê um jeito!” Alex berrou. Ele pensou por um segundo e aí continuou. “Diga que eu dei a instrução e dirija o tranco em minha direção. Tente ligar para Charlie Hunter, ele me deve um favor. Mas não importa o quê, faça e faça isso rápido!”

Alex voltou toda a sua atenção para sua condução, correndo pela Langside Road e pegando à esquerda na Muirend Road. Havia uma longa fila no semáforo da junção com a Clarkston Road. Alex ligou suas luzes de emergência e, ante uma cacofonia de buzinas, subiu pelo lado errado da estrada forçando dois carros a subirem na calçada. Vendo o fluxo constante do trânsito na Clarkston Road, ele evitou o cruzamento, optando por um atalho que conhecia virando bruscamente para a direita na zona residencial, descendo primeiro por Windlaw Gardens e aí subindo a Ormondes antes de forçar seu caminho de volta à estrada, virando à direita na Clarkston Road bem na frente do restaurante La Brava no qual estivera poucos dias antes. Avançando pela movimentada via principal, Alex sabia que devia esperar outro engarrafamento na rotatória do pedágio de Clarkston e desviou para um segundo atalho nas lojas em Stamperland, entrando à esquerda, virando à direita e depois seguindo paralelo à estrada principal, ignorando o limite de velocidade de 30 quilômetros por hora e emergindo do outro lado da rotatória. Alex seguiu outra via traseira para sair na Old Mearns Road e seguiu sul junto à troncal. Depois de dois ou três quilômetros, ele estava se preparando para virar em direção ao bairro residencial em que lembrava ficar a casa de Forbes quando viu o Passat prateado emergir com Forbes ao volante.

Alex pisou ainda mais fundo no pedal, fazendo uma pontada de dor disparar por sua perna devido à tensão e à pressão constante. Outros dois carros estavam entre Alex e o Passat e, apesar das luzes de alerta e da buzina gritante de Alex, eles não saíam do caminho.

O telefone tocou, Phil novamente.

Mais uma vez, Sandra apertou o botão de aceitar e Phil confirmou. “Você estava certo, chefe. Conseguimos acessar algumas das fotos e tem três conjuntos diferentes de David Kerr com homens, e CAP Forbes é definitivamente um deles. Eu liguei para o Superintendente Hunter como você sugeriu e ele disse que vai arranjar o mandado.”

“Ótimo, agora eu preciso de apoio o mais rápido o possível. Estou seguindo a Old Mearns Road no sentido Sul e Forbes está alguns carros à minha frente. Preciso de cobertura e preciso dela agora.”

“Já vou ver isso, chefe.”

Um dos carros entrou em uma rua lateral e agora havia apenas um carro entre Alex e Forbes, e este indicava uma curva à direita na Eaglesham Road. Não havia mais nenhum veículo adiante de Forbes e ele disparou e virou à esquerda rumo à zona rural da Humble Road com Alex em seu encalço. Havia apenas uma risca de luz no céu desta tarde muito nublada e, com pouco trânsito para atrapalhá-los, eles voaram pela estreita e sinuosa estrada como pilotos de rally quase cegos derrapando nas curvas. A confiança de Alex aumentou quando ele viu um lento trator ao longe, vindo na direção deles e ocupando boa parte da estrada. Ele sabia que Forbes teria que desacelerar. Porém Forbes devia tê-lo visto também, pois ele entrou em uma estrada de barro e seguiu colina acima. Alex ligou a tração quatro-rodas de sua Santa Fé e, com a tração adicional, rapidamente ganhou terreno, espalhando uma muralha de lama e barro por trás de si conforme o veículo acelerava pelo terreno do campo. Forbes lutava para manter o controle de seu veículo em alta velocidade pela lamacenta e mal iluminada estrada com campo aberto para os dois lados. O Santa Fé estava quase tocando o para choque traseiro quando Forbes derrapou em um canto, deslizou para o lado e bateu com a roda esquerda em um toco de árvore, quebrando o eixo. Alex derrapou até parar ao lado dele e saiu do carro em um segundo - mas ainda assim, não rápido o bastante.

Forbes saíra do carro antes dele, arrastando ao seu lado algo que tirara do banco de trás.

Levou alguns segundos para Alex notar que era Andrew ao lado de Forbes. Podia ver que seus pulsos haviam sido algemados atrás das costas, um cachecol havia sido atado ao redor de sua cabeça cobrindo os olhos e um guardanapo enfiado em sua boca como uma mordança improvisada, fazendo com que sua respiração bloqueada saísse em fungadas barulhentas. Mal conseguia ficar em pé de tanto que seu corpo tremia. O ar frio da noite podia muito bem ter afetado o garoto, mas essa não era a causa. Mesmo sob a luz limitada provida pela lua, reforçada pela iluminação lateral dos faróis dos veículos, Alex conseguia ver a compleição pálida de Andrew, sua face marcada pelo terror e suas bochechas marcadas pelas lágrimas e saber que ele tremia de medo. Forbes estava de pé atrás dele, quase usando-o de escudo com uma mão segurando seu ombro para impedi-lo de fugir.

“Acho que temos que conversar, Alex”, Forbes gritou. Segurava algo em sua mão que refletia a luz e Alex temia que fosse uma faca.

“Deixe o menino ir e aí conversamos.”

“Acho que não, Alex. O jovem Andrew é minha apólice de seguros. Por isso que me dei o trabalho de buscá-lo para começo de conversa, como uma ferramenta para barganha caso me detivessem.”

“Ele não pode te ajudar Bill. Eu não posso fazer nada para mudar as coisas, não cabe mais a mim. Todos sabem que é a você que procuramos. Eles tem cópias das fotos. Stevenson mantinha backups em um depósito em Byres Road. Deixe o menino ir, ele não te fez nada e não pode te ajudar.”

“Bem, então eu preciso que você faça algo para me ajudar e vou ficar com Andrew para garantir que você faça o que eu quero. Você me deve Alex, e é hora de me pagar.”

“Como assim eu te devo? O que quer dizer com isso?”

“Eu te salvei do Stevenson, ele realmente não gostava de você. Ele me disse que você deu uma surra nele. Ele queria que eu armasse para cima de você e eu me recusei.”

“Isso não quer dizer que eu te deva. Sua lógica está meio falha. Está me dizendo que porque você não fez uma coisa ruim para mim, eu te devo? A maior parte do planeta nunca me fez nada de mal, acha que eu devo para eles também?”

“Não é essa a questão. Stevenson estava de olho em você e disse que me deixaria em paz se eu te ferrasse. Eu me recusei a fazer isso para ele e é por isso que você me deve. Ele me disse que você deu uma surra nele, isso é verdade?”

“Eu tive meus problemas com ele e alguns deles não terminaram bem, mas eu não diria que dei uma surra nele”, Alex mentiu.

“Stevenson disse que deu. Disse que deu uma surra nele e roubou dele.”

“Isso é ridículo. De qualquer maneira, o assunto não sou eu, Bill. Eu quero te ajudar, mas eu não entendo como isso foi acontecer. Diga-me como se envolveu nisso.” Alex queria ganhar tempo, ciente de que os reforços estavam a caminho.

“Você já deve saber da maior parte. Tudo começou quando o bebê morreu e tudo foi colina abaixo. Anna e eu perdemos o amor e eu não conseguia pensar em ficar com outra mulher. A ideia me enojava por algum motivo. Eu fui para o sul para um curso de treinamento e tive uma noite livre, fui para um bar e por acaso era um bar gay. Não estava procurando por isso, não foi intencional, só aconteceu por acaso. Comecei a conversar com um rapaz e nós nos demos bem. Nem consigo lembrar do nome dele agora. De qualquer maneira, acabei indo para a casa dele. As coisas foram indo e depois eu me senti livre, livre de meses de solidão. Não era real, é claro, mas me deu alguma satisfação. Não aconteceu mais nada por eras depois disso, mas uns dois meses depois do acidente da Anna, eu voltei para procurar por ele. Ele não estava lá, mas eu encontrei outra pessoa e voltava lá a cada dois ou três meses. Não podia ir mais vezes pois tinha que estar bem longe de Glasgow, onde ninguém me conhecesse.”

“Porque, Bill? Não tem mais estigma por ser gay hoje em dia.”

“Não seja ingênuo, Alex. Um oficial sênior da polícia em Glasgow? Conseguir imaginar? Acha mesmo que eu chegaria a ser CAP se soubessem? Isso além de todo o trabalho que eu faço com caridade

para crianças, consegue imaginar as histórias?”

“Não deveria ter feito diferença.”

“Não deveria, mas faria. Faz. De qualquer maneira, sentado sozinho quase toda noite, eu comecei a usar a internet para buscar companhia. Encontrei o site do Stevenson por acaso e fui tragado. Tenho observado como andam as suas investigações e sei que já sabe como ele funcionava. Fui capaz de seguir o seu progresso e pude ver que estavam chegando perto de mim.”

“A investigação foi mantida em sigilo.”

“Alex, pelo amor de deus homem, eu estou no corredor de comando, dá para ver tudo que acontece de lá. De qualquer maneira, você sabe como Stevenson e aquele rapaz, Black, operavam. Eu fui aliciado, essa é a única palavra, e não fazia ideia. Me encontrei com Kerr e estava completamente absorto na ideia de ter alguém por perto que eu pudesse ver em particular e com frequência. Aí eu fui contatado por Stevenson e foi como ser atingido por um martelo. Meu mundo implodiu. Ele disse que manteria as fotos em segredo se eu desse um jeito em você. Disse que te odiava e que queria que eu armasse algo para te destruir. Eu disse que não faria isso e que ele podia fazer o que quisesse comigo. Ele recuou e disse que daria um jeito em você por conta própria antes de pedir dinheiro. Não estou pobre, então aceitei. Não devia ter aceitado, pois soube aí que ele me tinha na palma da mão. As demandas dele começaram a ficar maiores e mais frequentes. Eu fui ao encontro dele semana passada na loja dele. Ele me pediu milhares e eu disse que não tinha. Ele disse que sabia que eu era o tesoureiro da Organização de Caridade para Câncer Infantil e que eu estava com o dinheiro. Disse que queria ele e que era para eu acobertar, encenar um assalto ou coisa parecida. Eu simplesmente perdi o controle. Estava preparado para dar a ele tudo que tinha, o dinheiro não importava. Mas aí ele pediu o dinheiro de caridade. Era a única coisa realmente boa que eu estava fazendo com a minha vida e ele queria arruiná-la. Quando eu disse que não, ele riu da minha cara e falou sobre como iria me arruinar e de que serviria a caridade aí? Eu vi tudo vermelho. Ergui a primeira coisa que alcancei e enfiei nele. Era raiva pura. Eu não sabia o que estava fazendo até ter feito. Quando eu notei, eu tentei acobertar. Tentei eliminar qualquer evidência de que estive lá e verifiquei se ele não tinha nada na loja que pudesse me entregar. Desativei o sistema de segurança e tirei a gravação, depois estripei o computador e limpei o escritório para não deixar traços.”

“Me elucide um mistério, por favor. Como saiu sem ser visto e sem espalhar sangue?”

“Isso teria sido um problema se Stevenson não tivesse um cabideiro de roupas de época. Tinha um monte de sangue perto do corpo e eu não queria espalhar ele mais, caso pudesse ser visto de fora da loja, ao menos não até que eu estivesse longe. Também não queria ser visto saindo da loja coberto de sangue. Encontrei umas roupas grandes dos anos 60 que cabiam por cima das minhas e troquei de calçados. Se não estivesse em West End, eu provavelmente teria parecido um tanto deslocado, mas por lá tudo vale. Além do que, meu carro estava por perto.”

“Quando eu saí, eu dei algumas voltas e aí espalhei lama por cima da placa do meu carro antes de ir para a casa do Stevenson para procurar e me livrar de qualquer coisa incriminadora que houvesse por lá.”

“Isso resolve o Stevenson, mas porque foi atrás do Kerr?”

“Eu não sei bem. Eu encontrei o sistema de indexamento do Stevenson na casa do Black, portanto eu sabia onde encontrar Kerr. Suponho que queria me certificar de que ele fosse ficar quieto ou talvez só quisesse ver ele. Não sei bem. Foi depois do jantar beneficente de domingo. Eu fui de carro e esperei do lado de fora só para ver ele. Vi ele entrar no apartamento e fui falar com ele. Ele me convidou para entrar e disse que não tinha ninguém em casa. Me levou para o quarto dele e eu fui atrás. Também me pediu dinheiro. Não tentou me extorquir, não diretamente, mas disse que precisava do dinheiro que recebia do Black para sobreviver. Disse que queria que eu o compensasse e que talvez seria bom comigo. Não me ameaçou, mas eu achei que estava tudo começando de novo. Não podia aceitar a ideia e simplesmente aconteceu. Eu estava no meu kilt de gala e eu tenho uma velha Sgian-Dubh. É de verdade, não uma dessas

réplicas de plástico. Afiada como uma navalha, passada na minha família há gerações. Eu estava tão bravo, nem me lembro daquilo ter acontecido e aí vi ele morto na minha frente.”

“Você mutilou o corpo?”

“Não me lembro de nada disso.”

“Limpou os indícios de ter estado lá?”

“Sim, eu me lembro de ficar coberto de sangue. Me liberei do traje todo, queimei ele.”

“Sim, mas você tinha luvas e protetores de sapato.”

“Estava com eles no meu Sporrán.”

“Então você sabia que ia acontecer alguma coisa?”

“Eu não sabia. Só fui preparado. Sabe como sou, o eterno escoteiro.”

“E quanto a Sra. Kerr? Ela não te fez nada.”

“Não. Eu sinto muitíssimo por ela. Não era para ela estar lá. Eu pensei que a casa estivesse vazia, mas ela abriu a porta bem na hora que eu estava saindo. Ela viu quem eu era e teria se lembrado. Eu não queria machucá-la, mas ela tinha me visto e teria me reconhecido novamente. Não podia deixar ela viver.”

“Está tudo acabado agora. Deixe o menino ir. Eu vou te ajudar o máximo que puder.”

“Não. Ele fica comigo. É meu passaporte para fora daqui. Eu vou para Stranraer pegar a balsa para a Irlanda. Deixarei ele partir ileso quando chegar lá. Agora, me dê suas chaves e seu telefone. Não vou machucar ele se fizer o que eu digo.”

Justamente nessa hora, os joelhos de Andrew cederam e, apesar da mão firme de Forbes em seu ombro, ele escorregou para o chão.

“Não posso fazer isso, Bill.” Alex deu um passo para frente em uma tentativa de segurar a criança, mas em um instante a lâmina reluziu pelo ar em um corte descendente. Errou seu pescoço por pouco, mas o atingiu no ombro e trespassou sua jaqueta, cortando seu peito e seu braço. Se não fosse defletido pelo couro, a força do golpe provavelmente teria atingido sua garganta. Alex caiu de joelhos, junto com seu filho, com sangue vertendo de seu ferimento.

“Sinto muito, Alex, eu não queria fazer isso. Agora, me dê suas chaves.”

Toda a atenção de Bill estava fixa em Alex, portanto ele não notou Sandra se aproximando por trás dele. Meros segundos depois dele avançar sobre Alex, ela deu um chute de karatê em sua coxa, fazendo sua perna ceder. Ela imediatamente seguiu isso com um chute giratório e um soco direto no meio de sua cara, quebrando seu nariz e imediatamente deixando-o inconsciente. Sandra levou um instante para ver se ele estava incapacitado e para recolher a Sgian-Dubh antes de ver como Alex estava. Para o seu alívio, o ferimento não parecia fatal, mas ele estava sangrando muito. Rapidamente, ela tirou o casaco, despiu-se da blusa e a rasgou para usar como uma bandagem provisória para estancar o sangramento. Enquanto ela tentava cuidar do ferimento, ele a afastava mandando ela cuidar de Andrew.

Ela ajudou Andrew a se levantar e falou calmamente, reassegurando o garoto enquanto o levava para o carro de forma que não visse a violência enquanto retirava a venda e a mordaça. Andrew estava ileso, embora muito assustado por ouvir mas não ver o que acontecia.

“O meu pai está bem?” ele chorou em um sussurro muito assustado.

“Ele está bem. Levou um corte feio, mas não é sério. Vou te levar para vê-lo em um instante.” Sandra o sentou no banco traseiro da Santa Fé e disse para ele ficar lá. Aí, deixando-o a sós, ela voltou para Forbes para procurar pelas chaves das algemas, que encontrou em seu bolso. Depois viu como Alex estava. Ele queria ficar de pé e pedia a ajuda dela, mas ela o persuadiu a ficar de prontidão, embora tivesse lhe ajudado a se sentar, apoiado no carro de Forbes, com a jaqueta cobrindo a ferida. Ela voltou, abriu as algemas e pediu para Andrew ficar quietinho um pouco mais enquanto ela voltava para pô-las nos pulsos de Forbes enquanto ele ainda estava inconsciente. Manteve sua promessa e buscou Andrew, levando-o para ver o pai. Antes que ela pudesse impedi-lo, Andrew se jogou para frente com os braços

ao redor do pescoço do pai e ela viu Alex amarrar a cara tentando segurar um gemido. Sandra puxou Andrew para trás e estava prestes a chamar uma ambulância quando ela ouviu as sirenes anunciando a chegada iminente de duas viaturas. Sabendo disso, ela voltou suas atenções para verificar e tratar dos ferimentos de Alex.

“Essa é a segunda jaqueta que eu estrago em um dia”, ele reclamou enquanto ela se aproximava dele.

A viatura recém chegada tinha um kit de primeiro socorros, que foi usado para fazer um curativo melhor em seu ferimento. Aí os dois policiais agarraram Forbes e o jogaram no banco traseiro do veículo.

Eles ajudaram Sandra a levantar Alex e a levá-lo para o banco do passageiro do Hyundai. Sandra foi para o banco do motorista e foi correndo para o Hospital Hairmyres, a apenas 10 minutos de carro. No caminho, ela ligou para Helen para contar que Andrew estava bem e que ela deveria encontrá-los no Hospital. Helen ficou aliviada, mas ao mesmo tempo preocupada.

Uma hora depois, Alex havia recebido tratamento de emergência para pôr pontos em seus ferimentos. Como a lâmina havia raspado em sua parede pulmonar, ficou internado pela noite como precaução. Recebeu um quarto privado e isolado. Ser um oficial sênior da polícia tinha suas vantagens.

Andrew foi examinado à exaustão e recebeu alta depois de ser declarado fisicamente apto. Seu ânimo teve uma recuperação notavelmente rápida e ele não parecia incomodado por seu calvário anterior. Estava mais preocupado com o pai, mas depois de confirmar que Alex estava bem, seu problema maior passou a ser ter perdido a partida do Clyde com a qual Bill Forbes estivera tão entusiasmado e lhe prometera. Para piorar, se decepcionou ainda mais ao ouvir que, novamente, o Clyde havia perdido em casa.

Helen se perturbara ao ouvir dos ferimentos de Alex e do perigo pelo qual ele e Andrew passaram. Não conseguiu falar com Craig e, como não queria que ele entrasse em pânico, mandou uma mensagem dizendo para ligar para ela, mas ainda não tinha recebido resposta. Queria ter ficado mais tempo no Hospital com Alex, mas sabia que a prioridade era levar Andrew são e salvo para casa e informar Craig do que tinha acontecido. Viu a presença de Sandra com desconfiança; não estava bem convicta de como Sandra ‘por acaso’ estava lá com Alex, à disposição para ajudar a resgatar Andrew. Ainda assim, estava muito grata.

Vários outros policiais vieram visitar Alex e ouvir o que tinha acontecido e levou algum tempo antes que o quarto ficasse vazio, deixando Sandra e Alex a sós.

Estavam ambos felizes por, no espaço de poucos dias, terem resolvido três homicídios, detido o criminoso e, no processo, terem destruído um esquema de extorsão e trazido à tona uma série de outros crimes envolvendo algumas figuras de alto escalão. Pensando em um nível mais pessoal, ele ergueu o olhar e sorriu para ela. “Parece que toda vez que tentamos ir para a minha casa, aparece alguma emergência no caminho. Talvez alguém esteja tentando nos dizer algo?”

“Acho que estão nos dizendo para ir em outro lugar”, ela respondeu ao fechar a cortina de privacidade ao redor da cama, abriu sua capa de chuva e se inclinou para beijar Alex nos lábios.

Ao longe, um telefone tocava, convocando outra pessoa para outra emergência.

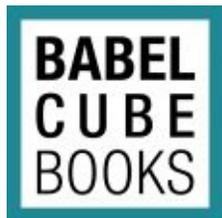
Fim

Sua classificação e suas recomendações diretas farão a diferença

Classificações e recomendações diretas são fundamentais para o sucesso de todo autor. Se você gostou deste livro, deixe uma classificação, mesmo que somente uma linha ou duas, e fale sobre o livro com seus amigos. Isso ajudará o autor a trazer novos livros para você e permitirá que outras pessoas também apreciem o livro.

Seu apoio é muito importante!

Procurando outras ótimas leituras?



Seus livros, seu idioma

A Babelcube Books ajuda os leitores a encontrar ótimas leituras. Ela tem o papel de mediadora, aproximando você e seu próximo livro.

Nossa coleção é alimentada por livros produzidos no Babelcube, um mercado que aproxima autores de livros independentes e tradutores e distribui seus livros em vários idiomas no mundo todo. Os livros que você encontrará foram traduzidos, para que você possa descobrir leituras incríveis em seu idioma.

Temos a satisfação de trazer livros do mundo todo até você.

Caso queira saber mais sobre nossos livros, acesse nosso catálogo e solicite nossa newsletter. Para conhecer nossos lançamentos mais recentes, visite nosso site:

www.babelcubebooks.com